



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

KAIQUE MATHEUS CARDOSO

**“UMA GERAÇÃO QUE VAI IMPACTAR LONDRINA”:
(RE)VIVENDO JUVENTUDES NA MODERNIDADE
RELIGIOSA**

KAIQUE MATHEUS CARDOSO

**“UMA GERAÇÃO QUE VAI IMPACTAR LONDRINA”:
(RE)VIVENDO JUVENTUDES NA MODERNIDADE
RELIGIOSA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós
Graduação em Ciências Sociais da
Universidade Estadual de Londrina, como
requisito para a obtenção do título de Mestre
em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. Fabio Lanza.

Londrina
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C268g Cardoso, Kaique Matheus.

"Uma geração que vai impactar Londrina" : (re)vivendo juventudes na modernidade religiosa / Kaique Matheus Cardoso. - Londrina, 2018.
143 f.: il.

Orientador: Fábio Lanza.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Reviver Church - Teses. 2. Religião e sociologia - Teses. 3 Juventude - Teses. 4. Modernidade - Teses. I. Lanza, Fábio. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU 316:2

KAIQUE MATHEUS CARDOSO

“UMA GERAÇÃO QUE VAI IMPACTAR LONDRINA”:
(RE)VIVENDO JUVENTUDES NA MODERNIDADE RELIGIOSA

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fabio Lanza
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dra. Leila Sollberger Jeolás
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Flávio Munhoz Sofiati
Universidade Federal de Goiás - UFG

Londrina, 11 de julho de 2018.

Dedico este trabalho à Mônica, minha mãe. Mulher forte e determinada que mesmo nas adversidades da vida, nunca mediu esforços para que eu realizasse meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Mônica da Silva, minha amada mãe que sempre acreditou em minhas escolhas e permitiu que eu construísse meu próprio caminho. Sou grato por ter me possibilitado viver, sentir e arriscar, mesmo quando tudo nos era incerto.

Agradeço a Reinaldo Cardoso, meu pai que mesmo distante e sem compreender as exigências e títulos do meio acadêmico, apoiou-me incondicionalmente. Obrigado por ter me ensinado que a nossa liberdade e sonhos jamais poderão ser silenciados, nem mesmo substituídos por bens materiais. Em nossa insignificância, temos muito valor, um para o outro.

Agradeço a Sebastiana da Silva, a mais doce, amável e compreensível avó. Obrigado por mesmo em meio as lágrimas, sempre escondidas e reprimidas, incentivar-me a partir, a viver e descobrir meu próprio caminho.

Ao professor, orientador e amigo Fabio Lanza que acreditou em minha pesquisa, por vezes com mais afinco que eu próprio. Ao Fabio professor minha gratidão, inspiro-me em você, pois demonstra cotidianamente o quão compreensível, humano e responsável devemos ser, no exercício da docência. Ao Fabio orientador, obrigado por ter me aceitado como orientando, mesmo quando já se passava um ano de início da pós graduação, suas sugestões, análises e críticas resultaram não apenas numa dissertação, mas na construção do Kaique enquanto Cientista Social e pesquisador. Ao Fabio amigo, agradeço pelos vínculos de afeto e atenção demonstrados durante estes quase dois anos, obrigado por permitir que surgisse entre nós um vínculo familiar.

Aos amigos Jaqueline, Leonardo e Daniel que por mais de seis anos estão ao meu lado, não apenas na jornada acadêmica, mas na jornada da vida. A vocês sou grato pelo apoio e incentivo, desde o primeiro ano de graduação. Nossos sonhos conjuntos um a um vem tornando-se realidade, vocês foram e serão sempre indispensáveis em minha vida.

À minha família londrinense, composta por Fabio, Líria, Thamiris e Evelyn. Mais do que escutar que sou parte de uma família, pude sentir, através do apoio, carinho, afeto, preocupação e festas. Essa segurança possibilitou-me tranquilidade nas mais diversas e conturbadas situações. Obrigado por cada momento único que passamos, sem vocês esta caminhada não teria sido tão

enriquecedora, divertida e leve.

À professora Cláudia Neves da Silva que me acolheu em seu grupo de pesquisa, ainda nos primeiros meses de pós graduação e ressaltou a relevância da temática das religiões e juventudes.

Aos amigos Lina, Caio, Jaqueline, Marcos, Thiago, Jéssica e Raíssa, agradeço a atenção e preocupação que demonstraram em diferentes momentos. Estar com vocês em diversas oportunidades, fez com que eu me sentisse acolhido e feliz em Londrina. Obrigado por propiciarem incontáveis momentos de descontração e lazer em meio as angústias, preocupações e prazos.

Ao amigo Ademir, serei eternamente grato por me receber em sua casa e fazer com que ela fosse meu lar, por mais de um ano.

Aos pastores, Fabiano, Shirley, Ricardo e Helizete por compreenderem minhas perspectivas acadêmicas e possibilitarem que eu transitasse livremente na Reviver Church.

Aos jovens da Reviver Church que em diferentes momentos cederam seu tempo em longas conversas que eram exclusivamente de meu interesse.

À professora Leila Jeolás que insistiu em demonstrar o quanto meu trabalho de campo foi valioso. Agradeço às constantes orientações durante a disciplina de Juventudes, gentilmente ministrada por ela durante meu segundo semestre da pós graduação.

Ao professor Flávio Sofiati, por me inspirar a pesquisar sobre as juventudes religiosas e as implicações sociológicas. Também sou grato pela disponibilidade e atenção em todos os momentos que necessitei, obrigado por ter aberto a primeira porta para minha entrada na pós graduação.

A todos que de alguma forma trocaram sorrisos, gestos, atenção e gentilezas, fazendo com que cada dia fosse vivido da maneira mais leve e feliz possível.

À CAPES por fomentar, através de uma bolsa minha pesquisa.

CARDOSO, Kaique Matheus. **"Uma geração que vai impactar Londrina"**: (re)vivendo juventudes na modernidade sagrada. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

Este trabalho analisou implicações da modernidade e do trânsito religioso dentro do Geração Fusion, culto para jovens realizado na Reviver Church, instituição (neo)pentecostal da cidade de Londrina-PR. A Reviver Church consiste numa denominação religiosa independente, oriunda de uma cisão da Igreja do Evangelho Quadrangular. Fundada a partir de um trânsito religioso do líder Ricardo Batarse. Esta pesquisa compreende o trânsito religioso das diferentes juventudes em meio a modernidade, recorrendo a uma instrumentalização metodológica das Ciências Sociais, por meio de inserções semanais em campo para obtenção de dados, ao longo dos anos de 2016 e 2017. Os jovens e seus percursos foram compreendidos enquanto trânsito intra (neo)pentecostal, a partir de eixos analítico e interpretativo que evidenciaram grande autonomia em relação a construção de suas práticas e pertencas religiosas. Os sujeitos conquistaram a liberdade dos familiares para transitarem nas diferentes denominações da matriz (neo)pentecostal, em que a filiação denominacional torna-se uma escolha individual. A partir da pesquisa de campo diferentes percursos juvenis foram analisados e interpretados, possibilitando assim uma contribuição aos estudos das religiões e das juventudes que estão inseridas no contexto moderno. Como resultado, identificou-se que os jovens buscam por práticas religiosas que os incluam nos processos modernizantes, possibilitando um sentimento de pertença ao mundo secular. Sendo assim, compreende-se os grupos religiosos, tal como o Geração Fusion, enquanto um meio de fortalecer uma identidade religiosa, coletiva e juvenil na modernidade londrinense.

Palavras-chave: (Neo)pentecostais. Juventudes. Reviver Church. Modernidade.

CARDOSO, Kaique Matheus. “**A generation that will impact Londrina**”. **ítulo do trabalho na língua estrangeira: (Re)living yourhs in sacred modernity**. 2018. 143 p. Dissertation (Master’s Degree in Social Sciences) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

The implications of modernity and the religious transit within the Fusion Generation, a youth cult that takes place at Reviver Church, a (neo)pentecostal institution in the city of Londrina-PR are the main points in this work. The Reviver Church is an independent religious denomination originated from a split of the Foursquare Church and it emerged from a religious transit of the leader Ricardo Batarse. This research assumes the religious transit of the different youths through modernity, using a methodological instrumentalization of Social Sciences, through weekly insertions in the field to obtain data in the course of 2016 and 2017. The young people and their paths were taken from an analytical and an interpretative axes that indicated a high level of autonomy in relation to their practices build up and religious belongings. The subjects conquered the freedom of their relatives to travel in the different denominations of the (neo)pentecostal matrix, in which making part of it becomes an individual choice. From the field research, different youth tracks were analyzed and interpreted, thus allowing a contribution to the studies of religions and youths that are inserted in the modern context. As a result, it was identified that young people look for religious practices that include them in the modernizing processes, allowing a feeling of belonging to the secular world. Thus, religious groups such as the Fusion Generation, are understood as a means of strengthening a religious, collective and youthful identity in londrinense modernity.

Key words: (Neo)pentecostais. Youths. Reviver Church. Modernity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REVIVER CHURCH: CONTEXTO E MÉTODO	19
2.1	Definições metodológicas.....	20
2.2	Contexto Juvenil da Reviver Church.....	32
3	UMA IGREJA NA MODERNIDADE	46
3.1	Modernidade.....	48
3.2	A Reviver Church.....	58
3.3	O Geração Fusion	66
3.4	Trânsito religioso e juventudes	75
3.5	As possibilidades analíticas das juventudes	86
4	PERCURSOS JUVENIS NO GERAÇÃO FUSION	105
4.1	Festas, álcool e salvação	106
4.2	Crença e fé moderna, um adeus ao pentecostalismo clássico	115
4.3	Os percursos juvenis e sociabilidades (neo)pentecostais da Reviver	125
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
	Referência Bibliográfica	141

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse pelo campo das religiões, principalmente a religiosidade (neo)pentecostal e similares, já se faz presente há alguns anos. Motivado pelo contexto de massificação e pulverização de Igrejas, das mais diferentes vertentes, doutrinas e teologias, que, num amplo movimento, vem se alinhando às mídias de massa. Noto, assim como alguns pesquisadores da temática religiosa¹ que essa é uma interessante característica da sociedade brasileira atual. O contexto das religiões (neo)pentecostais, atravessado pelo interesse em compreender as formas de filiação e permanência dos diferentes jovens, possibilita um recorte bastante específico do amplo leque de possibilidades que os estudos das religiões e religiosidades oferecem.

Inicialmente tive contato com o campo das religiões e religiosidades, assim como grande parte dos brasileiros, pelo viés familiar, pois desde a infância sofria influência e era levado à Igreja Católica de meu bairro. Cresci num lar católico e, mais tarde, por volta dos doze anos, comecei a ter contato com o meio pentecostal clássico.

Meu envolvimento com tal vertente cristã se dava esporadicamente, através de vizinhos que buscavam a todo custo a conversão de todos que residiam nas proximidades. Sempre que possível participava das festividades na Igreja que esta família frequentava e ainda frequenta. Para meu núcleo familiar tal fato nunca foi um problema, pois meu interesse era unicamente nas festividades que envolviam brincadeiras, gincanas, dinâmicas e um verdadeiro espaço de lazer, raro na periferia da cidade de Catalão-GO.

Por mais de vinte anos minha avó materna, de grande proximidade durante toda minha vida, trabalhou como secretária numa paróquia e meu contato com padres e principalmente festividades populares católicas foi intenso durante um grande período de minha infância e adolescência. Minha avó, Sebastiana, sempre foi a grande incentivadora das práticas religiosas católicas, dando bíblias, santos, terços, escapulários e uma infinidade de objetos sacralizados para que eu e os demais netos seguissemos essa religião.

¹ Para melhor compreensão da genealogia pentecostal ver: (FREESTON, 1994; GOUVÊA, 1997; MARIANO, 1999)

Dos sete sacramentos da Igreja Católica - que são batismo, eucaristia, crisma, penitência, unção, ordem e matrimônio - fui batizado, realizei a primeira eucaristia e crismei. Não tenho lembrança de questionar os motivos, ou mesmo a finalidade de tal comportamento ou adesão religiosa; tudo era normal e familiar, inquestionável e revestido de uma áurea sagrada católica, presente em meu cotidiano.

Minha adesão religiosa ao catolicismo começou a enfraquecer por volta do ano de 2010, através de uma não assiduidade à missa, ou mesmo aos grupos de oração para jovens. A Igreja e suas doutrinas tornavam-se cada vez mais distantes da realidade que naquele momento vivenciava, pois cursava o ensino médio, trabalhava como aprendiz numa indústria automotiva e também estudava mecânica no SENAI, resultando numa ausência de tempo e motivação para quaisquer atividades que não fossem as de estudo e de trabalho.

O esfacelamento e a perda da importância da religião foi ocorrendo processualmente outros valores passaram a fazer mais sentido, uma vez que o catolicismo e suas doutrinas, para mim, tornaram-se amplamente questionáveis. As questões que envolvem sexualidade, castidade e matrimônio, eram cada vez mais latentes, seja devido à minha orientação sexual, à separação dos meus pais ou mesmo por ambos os acontecimentos. Meus posicionamentos e compreensões, ainda frágeis e desestruturados, conseguiram alinhar-se em 2012 quando iniciei o curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás, pois lá foi possibilitado um novo eixo epistemológico de interpretação da realidade social, fazendo-me refletir sobre minha própria vida.

O rompimento foi inevitável, não possuo vínculos, não participo afetivamente e/ou emocionalmente de nenhuma religião ou religiosidade, nem mesmo tenho intenção ou desejo de me identificar a alguma. Meu afastamento pessoal ocorre em partes, uma vez que sou pesquisador da temática. Não me considero ateu nem mesmo agnóstico, mas creio, enquanto estudante de Ciências Sociais que tais definições exigem um amplo conhecimento, o qual ainda venho adquirindo. Porém, assim como em meu trabalho de campo, ao ser questionado, apenas digo que não tenho nenhuma religião.

Sendo assim, ao adentrar o ambiente acadêmico em 2012 e me deparar com diferentes possibilidades de estudar os processos religiosos, sob

orientação do Prof. Dr. Daniel Alves optei, desde o primeiro semestre por estudar algumas formas de religiosidades, passando por crenças religiosas tradicionais, consumo de bens religiosos e análises de canções religiosas. Ao final de minha graduação e como requisito para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais, apresentei um trabalho de conclusão de curso que investigava dois grupos de jovens, um ligado à Renovação Carismática Católica e outro à Igreja do Evangelho Quadrangular. Ambos já me despertavam a atenção para a estrutura, linguagem e também criatividade com que eram constantemente divulgados nas redes sociais, conteúdo este criado por jovens oriundos dos grupos religiosos.

A Igreja do Evangelho Quadrangular é uma rede de instituições religiosas presentes há mais de 60 anos no Brasil. Atualmente conta com 11 mil templos religiosos espalhados por todos os estados, estando presente em todas as capitais, contabilizando uma inserção em 22 países². Na Igreja do Evangelho Quadrangular, onde fiz minha pesquisa de conclusão de curso, permaneci por aproximadamente um ano, realizando observações e participações semanais nos cultos dos jovens, além de frequentar eventos e festividades. Sendo assim, adquiri certa familiaridade com a instituição e deparei-me sempre com lideranças receptivas e abertas para a realização da minha pesquisa que perpassava o consumo, as mídias e uma discussão inicial a respeito das juventudes.

Já na cidade de Londrina-PR, realizei um pré-campo em algumas instituições religiosas ainda na primeira semana de aula da pós-graduação em Ciências Sociais, no ano de 2016. Isso me possibilitou escolher o campo de acordo com conhecimentos prévios e também descartar qualquer possibilidade de pesquisa comparada, uma vez que seguindo as contribuições da professora Leila Sollberger Jeolás que ministrou uma disciplina especificamente sobre juventudes, a pesquisa de mestrado deveria sempre optar pela profundidade dentro de uma temática específica. Sendo assim decidi adentrar de vez e exclusivamente no campo de estudo da religiosidade (neo)pentecostal.

Nessa ocasião, deparei-me com algumas instituições católicas, neopentecostais, pentecostais, históricas, entre outras, porém encontrei especificamente uma instituição religiosa que aguçou minha imaginação e

² Informações obtidas no site oficial da Igreja do Evangelho Quadrangular. <http://www.portalbr4.com.br/materias/5> acesso em: 22 de Maio de 2018.

curiosidade sociológica, a Reviver Church que possui um culto intitulado Geração Fusion, realizado aos sábados especificamente para atrair o público jovem.

Essa instituição religiosa foi fundada em meados de 2014, a partir de uma dissidência com a Igreja do Evangelho Quadrangular. O líder, Ricardo Batarse, nasceu num lar católico e sua mãe foi catequista por muitos anos. Ricardo, ainda na juventude chegou a ser jogador profissional de futebol, mas converteu-se aos 18 anos num culto da Igreja do Evangelho Quadrangular de Curitiba-PR. Após a conversão continuou sua curta trajetória profissional no futebol, porém um pastor revelou teve uma profecia e nela Ricardo seria um grande líder religioso, tal contexto o incentivou a ingressar também no curso de Teologia. No ano de 1999 começou sua obra enquanto pastor, na Igreja do Evangelho Quadrangular e por lá permaneceu até 2014, quando rompeu com a organização, abrindo sua própria Igreja, a Reviver Church. Dessa forma, enxerguei uma possibilidade de analisar as juventudes presentes numa Igreja que claramente se inspira na rede internacional da Igreja Quadrangular, a qual eu tive contato. Porém ressalto que a Reviver possui liberdade e flexibilidade, devido ao fato de ser uma Igreja independente e sua autoridade máxima ser o próprio Ricardo. A Reviver só possui uma instalação física, localizada em Londrina-PR

A Reviver Church será caracterizada como (neo)pentecostal justamente por não corresponder a um tipo ideal de organização pentecostal clássica, nem mesmo neopentecostal³. O pentecostalismo pode ser compreendido em terras brasileiras a partir de algumas perspectivas, tal como a de Freston e Mariano, dividido em três grandes ondas. A primeira onda se inicia no ano de 1910, a segunda em 1950 e a terceira a partir de 1970 (FRESTON, 1994). A Congregação Cristã no Brasil em 1910 se instala na cidade de São Paulo. Em seguida a Assembleia de Deus em 1911 abre seu templo na cidade de Belém. O anticatolicismo, a ênfase nos dons de línguas, a mudança radical de comportamento, a rejeição ao mundo externo, a mudança nas vestimentas e restrições aos locais de lazer eram característicos dos fiéis dessa primeira onda (MARIANO, 1999).

³ O processo histórico de consolidação de religiões oriundas do protestantismo no Brasil perpassa uma ampla generalização, sendo normalmente reconhecidas enquanto Igrejas Evangélicas. Por vezes farei referência nesse trabalho ao meio evangélico ou protestante, ambos englobam as vertentes pentecostal, neopentecostal, presbiteriana, metodista, episcopal, histórica, anabatista, entre tantas outras. Para maior aprofundamento na temática ver Cunha (2007).

A segunda onda compreende o período entre os anos de 1950 e início de 1960, onde os expoentes são a Igreja do Evangelho Quadrangular em 1953, Brasil Para Cristo em 1955 e Deus é Amor em 1962. A atual Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada por missionários americanos, dando um novo perfil às demais instituições que surgiriam nesse contexto (MARIANO, 1999). Todas estas se instalaram na cidade de São Paulo, sendo a cidade um local propício à proliferação de inúmeras denominações religiosas nesta época. Esta segunda onda de Igrejas se caracteriza pela ênfase na cura divina e por se utilizar dos meios de comunicação em massa, principalmente a rádio, invertendo a toda uma lógica operante no pentecostalismo clássico, segundo o qual os meios midiáticos seriam diabólicos. Outra característica pertinente é a abertura para alguns recursos até então evitados e considerados pecaminosos, como reuniões fora dos templos sagrados e a utilização de meios artísticos para as pregações (MARIANO, 1999).

A terceira onda se inicia no final dos anos de 1970, com a Igreja Universal do Reino de Deus em 1977 seguida pela Igreja Internacional da Graça de Deus em 1980, ambas localizadas no Rio de Janeiro. Esta última onda é considerada a onda neopentecostal que apresenta uma nova formatação da religião, sendo este um aspecto discutido e problematizado por vários pesquisadores brasileiros.

Sinteticamente, a literatura especializada (FREESTON, 1994; MARIANO, 1999) assume que os neopentecostais participam da vida política partidária, que seus cultos têm importante função terapêutica onde há espaço para as expressões emotivas, trabalham com a dimensão da cura divina e prosperidade, realizam rituais de exorcismo, seus líderes são figuras simbolicamente fortes e difundem pouca tolerância ao ecumenismo, utilizam os meios de comunicação em massa, se estruturam empresarialmente, adotam técnicas de marketing, propagam uma militância à crença e declaram guerra espiritual contra demônios. Os indivíduos adeptos às instituições neopentecostais constantemente demonizam e perseguem os fiéis de outras religiões, principalmente daquelas de matriz afro-brasileira. Este conjunto de características está presente principalmente na Igreja Universal do Reino de Deus, pois ela é um referencial quando se trata de uma análise do neopentecostalismo.

Os pentecostais clássicos, da primeira onda, possuem códigos éticos que devem ser compreendidos e julgados por si próprios, apresentando uma postura moralista e uma necessidade por mudança em seus círculos sociais decorrente da conversão religiosa, buscando constantemente uma postura que agrade a Deus. A situação é inversa quando tratamos de denominações neopentecostais que postulam uma maior abertura à vida moderna e a inserção mundana em seu meio. Afinal elas se apropriam de fenômenos como a moda, as mídias, as tecnologias e os produtos de consumo em geral para se promoverem e se manterem mais próximas aos seus fiéis. Isto é resultado de uma doutrina teológica diferente dos movimentos anteriores. Passou-se da evitação do mundo à inserção no mundo secular, onde a teologia da prosperidade torna-se um dos pontos centrais, buscando sempre a saúde física e financeira, pois estas são um direito do crente neste mundo, dando uma ênfase completamente voltada para o bem-estar *aqui e agora*. As denominações pentecostais e neopentecostais avançaram por todo território, modificando a paisagem religiosa de um país tradicionalmente e institucionalmente católico.

Passos (2012) evidencia um interessante panorama analítico da Igreja Apostólica Fonte da Vida, trazendo para discussão e conceituação justamente alguns elementos que se fazem presentes na Reviver Church. Em seu trabalho o pesquisador realiza uma vasta pesquisa de campo por 16 estados brasileiros, aplicando um total de 223 questionários para os membros dessa rede de igrejas que se faz presente em todos os grandes centros do país.

A pesquisa de Passos (2012) busca apresentar, para posteriormente conceituar o que seria compreendido enquanto uma quarta onda de igrejas pentecostais, ou seja, intenta delimitar as sucessoras das Igrejas neopentecostais a partir de autores já ressaltados, tal como Mariano (1999) e Freston (1994). Há um enorme esforço do autor para aproximar o neopentecostalismo da abertura política e econômica que o país vivenciou a partir dos anos de 1990, quando se inseriu no mercado global possibilitando uma ampliação sem precedentes do consumo e consequentemente de uma maior inserção digital e virtual.

A quarta onda supostamente seria formada por Igrejas que surgiram a partir dos anos 1990, evidenciando a fé e religiosidade também enquanto uma metáfora do mercado capitalista global. Apresentando a ânsia para o consumo

enquanto um elemento central no contexto político e econômico do país. Evidencia-se um grande esforço em sustentar argumentos para tal tese, principalmente pela escolha da Igreja Apostólica Fonte da Vida, pois esta surgiu já num contexto de fragmentações institucionais, com perspectivas outras, não buscando prioritariamente fiéis que estivessem em situação de extrema pobreza, desespero emocional ou demais crises.

Ressalto algumas aproximações da Reviver Church em relação à Igreja Apostólica Fonte da Vida tais como: na modernidade os fiéis esperam e anseiam por inovações; novidades no campo religioso, mesmo que as práticas não tragam efetivamente resultados; uma aproximação entre o mercado financeiro global e as denominações religiosas, possibilitando uma sensação de pertença e inclusão; uma metamorfose litúrgica, de hábitos, doutrinária e estética; busca por libertação do passado opressor, atuando também como agência de inserção social; estímulo ao consumo como um sinônimo de felicidade e sacralização dos serviços religiosos através de linguagens do próprio mercado.

Sendo assim considero que a Reviver Church perpassa todos os elementos que conceituam as pentecostais de primeira, segunda e terceira onda, possuindo um caráter forte da teologia da prosperidade, com cultos terapêuticos, cultos para empresários, maior liberação dos usos e costumes e pastores fortes, aproximando-se inquestionavelmente do neopentecostalismo. Porém não declara guerras santas contra os deuses de outras religiões, não demoniza os cultos das religiões de matriz africana, não se apropria de elementos mágico-religiosos, não abençoa objetos materiais nem mesmo realiza amplos e rotineiros rituais de cura e exorcismo.

Não considero que a Reviver Church e mesmo a Igreja Apostólica Fonte da Vida possuam elementos essencialmente novos para sustentar outra conceituação, tal como a quarta onda de Passos (2012). Creio que ambas oferecem elementos para uma maior compreensão do cenário religioso atual, globalizado, consumista e competitivo. Vejo que tais ordenamentos e a própria forma de organização respalda-se ainda nos modelos pentecostais clássicos, pentecostais e neopentecostais, evidenciando uma estrutura que a todo momento busca em diferentes períodos e conceituações suas formas de ações.

Sendo assim, não farei referência à Reviver Church enquanto uma instituição da quarta onda, mas sim uma instituição que utiliza de toda uma forma de organização que perpassa as conceituações elencadas anteriormente, por esse motivo utilizarei a expressão (neo)pentecostal. Reforço que essa Igreja não corresponde necessariamente a nenhuma das três ondas apresentadas, mas transita entre diferentes elementos que compreendem os respectivos processos constitutivos das três ondas.

Meu foco de pesquisa perpassa a busca pela compreensão das mudanças que constantemente ocorrem no campo das religiões, especificamente do meio (neo)pentecostal, aqui exposto. Busco compreender os processos de reconfiguração religiosa entre jovens da cidade de Londrina-PR, pois ao conseguir interpretar tal categoria, das juventudes, enquanto um grande eixo analítico, evidenciarei um processo de rupturas e de continuidades, no contexto da modernidade.

Notoriamente os jovens que investigo escolheram adentrar e permanecer na Reviver Church. Sendo assim, acredito que essa escolha se faz de acordo com necessidades e preferências, tais como outras escolhas hodiernas. Tomar uma decisão a partir de critérios próprios, levando em conta sua própria subjetividade resulta em aspectos que foram investigados e serão detalhadamente evidenciados no decorrer deste trabalho. Revela-se um universo de constantes experimentações, seja da religiosidade que deixa de ser instituída necessariamente pela família, seja de bens materiais, culturais e também ciclos de amizades.

O trânsito religioso de parte das juventudes tem sido cada vez mais precoce, não só nos grandes centros urbanos, mas também nas cidades de médio porte. Tal cenário evidencia uma expansão das ofertas de denominações religiosas e, conseqüentemente, amplia o leque de escolhas para os jovens. É notório um processo de racionalização dentro do ambiente pentecostal, mas no sentido de uma profissionalização e instrumentalização do sagrado, tal como evidencia Weber (2004). Ainda assim, há um processo de transformação de crenças em mercadorias a serem consumidas pelos fiéis, que também é resultado de um sincretismo religioso, uma vez que a própria cultura do Brasil é resultado de um catolicismo ibérico, associado a influências das religiosidades africanas (RANQUETAT, 2014).

As diferentes filiações religiosas dos jovens proporcionam singularidades em suas construções identitárias, revelando assim diferentes possibilidades de compreensão. A partir desse cenário, surgiram meus problemas de pesquisa: perpassados por diferentes esferas e influências da vida social, por que estariam os jovens transitando em diferentes denominações religiosas? O trânsito intra-religioso (neo)pentecostal dos jovens possuem quais motivações? Quais seriam as concepções e perspectivas (subjetivas, afetivas, emotivas, racionais, econômicas dentre outras) que fomentam tais escolhas?

Dessa forma, compreender as motivações e processos de reconfiguração religiosa dos jovens que são sujeitos desta pesquisa seria relevante para o contexto do trânsito religioso? Essa mudança também estaria ligada às necessidades momentâneas, geracionais, culturais, econômicas, psicológicas e identitárias?

O objetivo geral consiste em analisar os processos constituintes do trânsito religioso das juventudes pertencentes à Reviver Church de Londrina. Os objetivos específicos buscaram: identificar o processo histórico/social de constituição dessa Igreja; identificar os aspectos do trânsito religioso dos jovens mediante suas próprias percepções e também das lideranças; identificar a influência do contexto familiar nesse processo de trânsito religioso e compreender os estilos dos jovens que frequentam essa Igreja e como eles se manifestam nos percursos juvenis.

O primeiro capítulo desta dissertação consiste numa definição teórica metodológica, evidenciando os caminhos que percorri para coletar os dados, vivenciar o campo e iniciar a análise. Sendo o campo de pesquisa inteiramente ligado e interdependente da metodologia, neste primeiro capítulo também faço uma explanação a respeito do próprio contexto juvenil que encontrei na Reviver Church, através do Geração Fusion.

O segundo capítulo, trouxe algumas discussões centrais para esta dissertação a respeito da modernidade brasileira, o surgimento da Igreja Reviver, do Geração Fusion além de apresentar algumas concepções sobre o trânsito religioso e juventudes. Dessa forma sustenta, teoricamente, a pesquisa que foi desenvolvida, pois apresenta diferentes eixos analíticos e contextualiza toda a discussão sobre as juventudes religiosas na modernidade.

No terceiro e último capítulo exponho os percursos de vida dos jovens que foram seleccionados intencionalmente, possibilitando um encontro entre todo referencial teórico exposto anteriormente e os caminhos religiosos percorridos até chegarem na Reviver Church. Evidencia-se elementos e motivações para uma pertença religiosa extremamente distante dos clássicos cenários de trânsito religioso, possibilitando uma discussão a respeito do trânsito religioso dentro de uma mesma matriz religiosa.

2 REVIVER CHURCH: CONTEXTO E MÉTODO

A emergência de novas organizações religiosas no Brasil está associada com uma intensificação de ofertas do mercado religioso e simbólico, em que diferentes vertentes de religiões e religiosidades já fazem parte do cenário urbano, adentrando desde as áreas mais periféricas e vulneráveis socialmente, até mesmo áreas nobres. As estruturas são diversas, uma vez que não há uma padronização para esse tipo de espaço, sendo notórios desde templos monumentais, como o Santuário de Aparecida do Norte e o Templo de Salomão, ambos localizados no Estado de São Paulo, até mesmo espaços improvisados na garagem de alguma residência, revelando a proliferação religiosa cristã no Brasil.

Esse contexto de proliferação e desregulamentação das crenças, no sentido de existir diferentes centralidades para as mais diversas religiões, perpassadas por vertentes e teologias, evidencia um cenário composto de diferentes formas de compreensão e problemáticas que associo justamente ao período atual da modernidade.

Na primeira seção deste primeiro capítulo apresento as contribuições e filiações teóricas utilizadas para a construção metodológica da pesquisa que desenvolvi. Tal suporte apresenta-se como essencial, uma vez que auxilia nas mais ampliadas questões e dúvidas que decorrem ao longo do campo, da escrita e principalmente das análises. Nessa parte também evidencio minha aproximação do campo, como se iniciou minha interação com os jovens e principalmente como conduzi minhas relações com eles ao longo de um ano em campo.

No segundo subtítulo deste capítulo apresento o contexto juvenil da Reviver Church, através de um amplo panorama das juventudes que se fazem presentes nesta Igreja, além de evidenciar o contexto histórico em que se compreende às juventudes no Brasil, enfatizando como ela é manuseada pelo Estado. Tais reflexões possibilitam uma aproximação com meu campo que também é descrito amplamente, possibilitando evidenciar alguns códigos internos, concepções e relações que são estabelecidas entre os jovens e lideranças do Geração Fusion.

2.1 Definições metodológicas

A metodologia de pesquisa e conseqüentemente as técnicas utilizadas para a construção deste trabalho são aqui apreendidas enquanto possibilidades, uma vez que elas jamais poderão expressar ou mesmo abranger a totalidade de uma dada realidade social, nem mesmo uma totalidade de conhecimento a respeito de uma temática, por mais delimitada que ela seja. Entretanto, trabalho acreditando e reforçando que é possível evidenciar possibilidades, compreensões, aproximações e interpretações que são objetivas, mas que perpassam as subjetividades dos indivíduos pesquisados e também a minha, enquanto jovem e pesquisador. As compreensões e organizações observadas são perspectivas, pois só é visto aquilo que nos é dado, não há uma verdade única (MARQUES & VILELLA, 2005).

O interesse primordial deste trabalho consiste em compreender as juventudes presente numa Igreja (neo)pentecostal e suas implicações no cenário religioso, perpassado pela modernidade. Ressalto que delimitando um campo para tal investigação, meu olhar e atenção se voltam especificamente para o Geração Fusion, um culto para jovens, realizado na Igreja Reviver Church. Sendo assim pude investigar e compreender a inserção de diferentes juventudes nesse espaço, supostamente idealizado para atrai-los sejam eles (neo)pentecostais ou não.

A pesquisa qualitativa, para Becker (1993) possui a vantagem da liberdade, através de perguntas espontâneas e também de atitudes, porém é necessário compreender o ambiente. Brandão (1984, p. 8) enfatiza que "... a lógica, a técnica e a estratégia de uma pesquisa de campo dependem tanto de pressupostos teóricos quanto da maneira como o pesquisador se coloca na pesquisa e através dela", sendo que para Becker (1993, p. 74) "... podem ter vários tipos de atitudes, que vão da pequena variação do número de sorrisos que afeta os resultados até mesmo intervenções muito mais acintosas no funcionamento de uma organização".

A metodologia e técnicas de pesquisa deste trabalho foram pensadas previamente, porém no decorrer da investigação houve necessidade de adaptação e reelaboração. Becker (1993) aponta que é complicado para nossa ciência evidenciar algoritmos plenamente detalhados dos métodos percorridos

durante o campo, justamente pela quantidade de situações inusitadas e vivências que são possíveis devido este contato direto entre o pesquisador e sujeitos pesquisados. Por vezes as construções teóricas instruem a respeito da elaboração de perguntas, questionários, triangulação de dados e também técnicas de pesquisa, inquestionavelmente auxiliando na investigação, porém ressalto o caráter externo desta pesquisa que extrapola o ambiente físico da universidade.

Definir uma metodologia de pesquisa e conseqüentemente adaptá-la de acordo com as demandas do campo torna-se um exercício básico, evidenciando também a necessidade de ser maleável e aberto a diferentes possibilidades que constantemente são dadas. Recorrendo aos saberes metodológicos constituídos na Sociologia e também buscando suporte na Antropologia, optei por uma pesquisa qualitativa com observação participante intensiva.

Meu primeiro contato com o Geração Fusion e conseqüentemente com a Reviver Church ocorreu numa noite de sábado, em Setembro de 2016; nessa ocasião eu tinha exatos 22 anos. Devido experiências anteriores tinha convicção de que lá estariam os jovens minimamente organizados em algum grupo e sob alguma liderança, sendo este exatamente o cenário que encontrei. Adentrei o espaço em que já se aglutinavam alguns jovens e olhei fixamente em direção a um deles. Tentando ser o mais simpático e amigável possível, uma vez que a interação é de suma importância em campo, questionei o jovem a respeito de quem era o líder dos jovens, fosse pastores ou não e assim fui conduzido a falar com Edvaldo, líder do ministério de música que acabou por me redirecionar ao Pastor Fabiano, responsável pelos cultos dos jovens.

Apresentei-me brevemente a Fabiano, contando sobre minha trajetória pessoal e profissional, suprimindo alguns fatos; obviamente estava focado em dialogar sobre minhas pesquisas e interesse em compreender aspectos que envolvem as juventudes e religiões na modernidade. Oferecendo ao pastor garantia ética para a realização desta pesquisa, contei-lhe sobre meu trabalho de conclusão de curso, ainda em Goiás, sobre as pesquisas que já vinha realizando e expus também meus vínculos institucionais numa ampla tentativa de dar legitimidade para a investigação de campo que pretendia realizar naquele local. Nesse contexto tive ciência de que o Geração Fusion é um culto realizado semanalmente às 20 hrs e busca atingir o público jovem, sejam filhos de membros ou não.

Imediatamente obtive livre acesso ao Geração Fusion para realizar minha pesquisa participante com observação intensiva, carregando um grande alívio pelo pastor líder dos jovens, Fabiano, compreender, se interessar e demonstrar grande receptividade em relação ao meu tema de pesquisa. Logo nessa mesma noite Pastor Ricardo, fundador da Reviver Church e sua esposa Pastora Elizete também já estavam cientes de minha investigação acadêmica.

Durante a pesquisa de campo frequentei prioritariamente o Geração Fusion, realizado aos sábados, porém nos dois primeiros meses, para exaurir qualquer dúvida acompanhei eventos realizados com pastores e missionários externos, além de frequentar os cultos nas quartas e aos domingos. Assim confirmei minha hipótese de que os jovens realmente estavam de forma massiva no Geração Fusion e não em outros espaços isolados dessa Igreja. Os cultos das quartas e domingos contavam com poucos jovens e os que lá estavam presentes, também eram assíduos no Geração Fusion.

Para Brandão (1984) a pesquisa participante não provém de um único método ou mesmo teoria. Dessa forma noto a possibilidade de diferentes concepções ao abordar uma teoria, onde se criam e instrumentalizam diferentes metodologias e técnicas de pesquisa, resultando num vasto e rico campo de discussão. Em meu caso tal amplitude se dá a respeito da inserção em campo que ultrapassa uma simples coleta de dados, envolvendo pessoas, sentimentos, afetos, crenças e posicionamentos ideológicos.

Minha inserção em campo, através de uma observação intensiva possibilitou um contato direto com o “outro”...

quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe da sua vida, de sua cultura. Quando o outro me transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história. (BRANDÃO, 1984, p. 12).

Participando da história de vida de alguns jovens ao assumir o compromisso de estudá-los e possibilitando que os mesmos também participem da minha história é que noto os limites fluídos de tais relações intencionalmente estabelecidas em campo, objetivando um caráter de pesquisa científica. O “outro”, aqui compreendido enquanto os diferentes jovens presentes nessa Igreja, também questionam, compreendem, problematizam e partem de epistemologias por vezes

oposta à minha, seja para compreender o desemprego, a saúde, a educação, a política ou mesmo as suas crenças ou descrenças religiosas.

Brandão (1984) ressalta alguns pressupostos existentes nas práticas de pesquisas sociais, como esta que realizo, onde inicialmente há uma crença na neutralidade científica, no não envolvimento e distanciamento. Entretanto, como o autor pondera, aqueles indivíduos tomados enquanto sujeitos de minha pesquisa compartilham suas experiências, crenças e só poderemos conhecer com densidade algo cultural ou mesmo pessoal quando há um comprometimento pessoal do investigador com o investigado.

Ainda utilizando Brandão (1984) ao tratar de grupos não valorizados socialmente, compreendo as juventudes exatamente dentro deste prisma, sendo um grupo excluído das esferas decisórias, esquecidos nas histórias oficiais e marginalizados em suas organizações, sejam religiosas, políticas, educacionais, de lazer, entre outras. Evidencio e tomo tal agrupamento, aqui pensando nas juventudes como uma ampla e generalizada categoria, estabelecendo dessa forma meu compromisso, enquanto um jovem pesquisador, de compreender, problematizar e analisar esse “outro” que consiste nas diferentes juventudes e seus desdobramentos localizadas num único espaço religioso.

Durante a realização do culto Geração Fusion sentava sempre próximo aos jovens, uma vez que as cadeiras são restritas, intencionalmente, para aproximar todos, evitando pessoas dispersas no grande salão dessa Igreja. Durante os intensos momentos de oração e louvor, em que constantemente era solicitado que todos ficassem de joelhos, em pé, com braços estendidos, olhos fechados ou que se aproximassem do altar, simplesmente agia como os demais. Reafirmando que estar em campo pode exigir grande participação e disposição, não a ponto de transformar-me num fiel, prostrando ao chão num transe religioso, servindo na Igreja ou realizando seus ritos de iniciação. Busquei sempre agir conforme o protocolo, evidenciando, acima de tudo, respeito.

Compreendo que tal comportamento era necessário para que não houvesse uma barreira entre eu e os demais jovens, uma vez que não participar “intensamente” dos cultos, “se entregando” poderia causar certa antipatia e dessa forma dificultar qualquer tentativa de aproximação. Durante os momentos de oração, era comum que alguns indivíduos, aqueles com quem tinha mais familiaridade, se

aproximassem dizendo que minha presença naquele local era um chamado de Deus e que ele havia usado a pesquisa apenas como pretexto para uma aproximação. As tentativas de conversão, sempre estão presentes, tanto durante o culto, como nos momentos de descontração, pois minha interação com os jovens também ocorria em momentos anteriores e posteriores ao culto do Geração Fusion, pois rotineiramente saíamos da Igreja em direção a alguma hamburgueria, lanchonete ou pastelaria.

Minayo (2000) ressalta que a interação entre pesquisado e pesquisador, por vezes, é a essência de uma observação participante. Uma vez que ambos interferem na construção da própria realidade social torna-se impossível qualquer pressuposto de neutralidade em campo. Dessa forma, a observação participante

... se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais evasivo na vida real (MINAYO, 2002, p. 59).

Hanguette (2003) enfatiza que a observação participante é um constante processo interativo entre a teoria, os métodos, o pesquisador, os pesquisados, a busca pelo conhecimento e o compartilhamento de problemáticas diárias. Importante frisar algumas diferenças epistemológicas, uma vez que a autora faz referência a observação participante e não a pesquisa participante com observação intensiva, tal como fiz menção acima. Porém, minha metodologia também pode ser contemplada através da caracterização elencada por Minayo (2002). Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa são múltiplos e por vezes questionáveis, visando sempre uma melhor forma de apreensão da realidade social.

Minayo (2000) emprega algumas modalidades da observação participante, sendo possível aproximações entre tais definições e minha realidade em campo. O participante como observador tende a manter relações informais de vivência, aproximando-se de acontecimentos que considera importante e também no cotidiano proposto a ser investigado, havendo consciência dos dois lados de que é um trabalho de campo. O observador total busca não se relacionar diretamente com

os informantes em campo, permanece lá, porém os sujeitos que estão sendo investigados não possuem a plena consciência do fato.

Enfatizando Minayo (2000) é necessário o pesquisador compreender que estes são papéis estereotipados com finalidade apenas analítica, sendo impossível para um pesquisador ao longo de uma pesquisa de campo com duração de um ano se manter estritamente em alguma dessas polarizações. A observação participante é um processo mútuo, constantemente elaborado pelo pesquisador e pelos pesquisados.

A passividade na observação é diretamente associada ao grau de participação em campo, sendo que nessa categorização o pesquisador tenta observar por detrás de uma tela, impossibilitando aos sujeitos pesquisados ver o indivíduo que os observa. Conseqüentemente a interação é mínima e a aproximação é distanciada, apesar de uma proximidade física entre o pesquisador e pesquisado. Numa completa oposição, o observador participante ativo se integra de fato ao grupo que ele estuda, possibilitando interações diretas e até mesmo um sentimento de pertença e aceitação (CICOUREL, 1980).

Para Cicourel (1980) quanto mais intensa a participação maior a vantagem e possibilidade de apreensão e compreensão das atividades relacionadas ao grupo estudado. A abundância não consiste numa garantia de qualidade da investigação, porém gera uma riqueza inigualável de dados e em contraponto há o constante risco do pesquisador cada vez mais tornar-se um “nativo”.

No entanto, no meu campo, não escondia minhas reais intenções nem a finalidade de permanecer naquele ambiente, porém esse cenário do pesquisador se mesclou com o do “irmão”, “fiel” ou mesmo do “crente.” Minha presença enquanto pesquisador por diversas vezes ficou em segundo plano, não tendo tanta importância, apesar de que eu sempre questionava com perguntas indiretas e contextualizadas a respeito da família, amigos, influências religiosas e também experiências anteriores. Sendo assim, reafirmo a perspectiva de Brandão (1984) que enfatiza a impossibilidade de se fazer uma pesquisa com uma única técnica ou metodologia.

Evidentemente por vezes fui um pesquisador que buscou uma interação mínima e priorizou o observar, já em outros momentos priorizava a interação ao invés da pura observação, oscilando sempre entre diferentes polos que

correspondem justamente a tipologia de participante como observador ou observador total. Em certa ocasião, já há longos meses em campo um dos jovens mais influentes e proeminentes do Geração Fusion começou a falar sobre política, defendia assiduamente as políticas de privatização do ensino, da saúde e via em João Dória, prefeito da cidade de São Paulo, o máximo exemplo de um bom e eficiente político, alinhando-se também a Beto Richa, governador do estado do Paraná e Bolsonaro, deputado federal pelo Rio de Janeiro.

De todos estes três políticos citados, apenas Beto Richa não se alinha diretamente com uma perspectiva religiosa de matriz evangélica, pentecostal. Para o jovem estes são políticos exímios que deveriam governar o país, impor o toque de recolher aos jovens e aplicar condutas morais cristãs através do governo, entre outras medidas extremas e polêmicas do contexto ditatorial. Nestes momentos, sem dúvidas fui apenas um observador passivo, não discuti, apenas concordava com um sorriso sem graça no rosto, sem disposição ou interesse em confrontar tais verdades absolutas, para o jovem.

Porém em outras ocasiões conversei calorosamente com duas jovens a respeito da qualidade do ensino público e da legalidade do sistema de cotas para acesso às universidades públicas do país. Ambas possuíam pensamentos que se alinhavam aos meus, visando uma escola pública de qualidade, um ensino superior gratuito e acessível, concordando que existe necessidade de cotas, ou reservas de vagas, uma vez que tal política pública é supostamente para diminuir a desigualdade de qualidade que existe entre o ensino básico público e o privado. Importante ressaltar tais situações, pois elas evidenciam a minha presença e a forma como conduzi a pesquisa com estes jovens que compartilham comigo várias proximidades e distanciamentos.

Encarando-os sempre enquanto um compromisso via constantemente a proximidade de nossas idades cronológicas, o fato de compartilharmos de um conjunto simbólico e material bastante próximo, além de uma nítida reciprocidade em relação às nossas vestimentas, compartilhando todos de mesmos códigos, tendências ou mesmo estilos juvenis. A fronteira entre eles e eu em alguns momentos se tornava frágil e próxima, porém em outros ela se demarcava fortemente, fazendo com que nem mesmo a língua, códigos, governo e país fossem capazes de significar alguma proximidade.

Nos primeiros meses de pesquisa de campo participei de um curso de integração à Reviver Church, realizado em quatro encontros nas tardes de sábado que objetivava apresentar a história da instituição a trajetória dos pastores, ministérios e também das demais lideranças. Adentrando tal espaço, conduzido por Pastora Elizete, esposa do Pastor Ricardo, pude conversar com ela sobre os jovens e também a respeito de alguns elementos históricos da Igreja. Era evidente que a Pastora Elizete tinha total ciência do que eu estava fazendo naquele espaço; em certa ocasião enfatizou que uma amiga, também pastora, realizava um estudo similar ao meu, frequentando instituições religiosas para compor uma pesquisa de pós-graduação, porém na cidade de São Paulo.

Tal afirmação confirmou e proporcionou mais legitimidade e tranquilidade em campo, evidenciando que as lideranças de fato tinham ciência de minha pesquisa, apesar de não compreenderem os pormenores deste trabalho. Pastor Fabiano semanalmente questionava o andamento do trabalho, se interessava em saber como estavam as aulas na Universidade e fazia outras breves perguntas, mas de modo geral demonstrava sempre atenção e preocupação comigo enquanto pessoa e não sobre minha inserção em campo, nem mesmo pesquisa.

Meus procedimentos e técnicas metodológicas em nenhum momento intentaram entrevistas formais, com roteiros definidos e fechados, porém ao longo da pesquisa de campo as lideranças pastorais incontáveis vezes se ofereciam a dar entrevistas, explicações ou mesmo falar sobre a história de surgimento da Igreja Reviver. Buscando me esquivar de um recurso metodológico reconhecido e legitimado, a entrevista fechada, apenas dizia que ainda não havia terminado de elaborar o questionário ou mesmo que não seria possível em curto prazo, pois estava definindo quais seriam os enfoques da pesquisa, entre outras desculpas que postergaram, mas em momento algum excluía a possibilidade de tais entrevistas.

Para os jovens do Geração Fusion, inicialmente havia um estranhamento quando explicava meu tema de pesquisa ou mesmo o que eu estava fazendo ali com eles semanalmente. Porém sempre, em alguma medida existiam trocas, uma interação que funcionava, por vezes melhor com alguns jovens do que com outros, uma vez que “vejo-me diante de gente de carne e osso. Gente boa e simpática, gente sabida e estúpida, gente feia, bonita (DA MATTA, 1978, p. 25).

Após a conclusão do campo que se iniciou em Setembro de 2016 e finalizou-se no mesmo mês de 2017, busquei retomar a memória e anotações para dar profundidade na escrita e pondero que ausentei-me minimamente do campo apenas em datas comemorativas tais como natal e ano novo ou em períodos de viagens para congressos. Durante este período busquei sempre manter uma relação constante no Geração Fusion, nunca me ausentei por mais de 2 semanas seguidas do campo.

Interessante notar como as relações foram mudando ao longo da pesquisa de campo⁴. Inicialmente chegava ao Geração Fusion e buscava sempre conversar com a jovem Aline⁵, sendo ela uma das primeiras com quem mantive um diálogo, talvez pela proximidade de idades e também por ela ser aluna da UEL. Com o decorrer do tempo, aproximei-me de um grupo de irmãos, também amigos de Aline, mas posteriormente criei laços de afinidade com Luana⁶ e Jaqueline⁷, duas jovens de aproximadamente 17 anos, a primeira filha de Pastor Fabiano. O interessante era que semanalmente as jovens se preocupavam com o andamento da pesquisa, perguntavam o que eu precisava saber, sempre se dispondo, revelando aspectos de suas vidas e também questionando seus familiares a respeito de informações que elas não possuíam.

Luana por diversas vezes chamava a mãe, Pastora Shirley para nossa roda de conversa, possibilitando assim incontáveis informações sobre os percursos religiosos da família, assunto este de meu extremo interesse. Jaqueline também se disponibilizava sempre a investigar os percursos religiosos de sua família, buscando informações com a avó e mãe. Evidencio tais relações enfatizando que com as duas jovens desenvolveu-se uma grande liberdade, espontaneidade e segurança, sendo elas as únicas para quem eu me dirigia diretamente com perguntas, dúvidas e anseios, sem necessidade de ponderar ou mesmo florear a situação.

Como forma de conduzir uma conversa informal que gerasse informações relevantes para esta pesquisa, sempre que encontrava espaço, reciprocidade e possibilidades, lançava questionamentos pontuais aos demais jovens. Existia um roteiro de perguntas em mente ou mesmo um eixo temático que

⁴ Optou-se por omitir os nomes dos jovens, como forma de preservar suas identidades.

⁵ 21 anos, solteira, graduanda em pedagogia e professora da rede pública municipal.

⁶ 15 anos, solteira, estudante da educação básica.

⁷ 17 anos, solteira, estudante da educação básica.

se desdobraria em informações novas e inesperadas. Ressalto a prioridade sempre foi de apreender as informações a partir do cotidiano dos jovens, de atitudes que lhes fossem espontâneas e naturais.

Foot White (1980, p. 82) ressalta que

... na medida em que sentei e ouvi, obtive respostas para perguntas que nem teria feito se tivesse obtendo informações somente através de entrevistas. Naturalmente não abandonei todas as perguntas. Aprendi apenas a avaliar a susceptibilidade da pergunta e o meu relacionamento com as pessoas de modo que só fazia perguntas em uma área sensível quando estava seguro de que meu relacionamento com a pessoa era sólido.

Em incontáveis ocasiões apenas permanecia na roda de conversa, escutando, sorrindo e interagindo de forma contida, as informações eclodiam sem eu realizar nenhuma interrogação. Novamente creio que a proximidade de idades também permitia aos jovens dispor de grande liberdade, uma vez que eu não lhes tolhia de nada e quando algo era realmente surpreendente apenas questionava alguma parte de toda a história, de forma descompromissada, evidenciando interesse, respeito e sem emitir julgamentos.

Assim obtive informações sobre a trajetórias de jovens e também das lideranças, compreendi a história da Reviver Church, informei-me a respeito de condições sociais, estudos e moradia de alguns jovens. Compreendi e vivenciei disputas e desavenças internas, amizades que se desfizeram, pessoas que se afastaram do Geração Fusion, relações amorosas entre os jovens, histórias de aventuras que envolviam sexo, drogas, acidentes e festas.

Quando realizava algumas indagações pontuais elas sempre percorriam um lado informal, como uma conversa descompromissada e aleatória entre jovens ou mesmo como dúvida pessoal que gostaria de sanar. As informações apreendidas durante tais conversas eram anotadas em meu aparelho smartphone, onde rapidamente digitava aspectos centrais como nomes, origem familiar e por quais Igrejas o jovem já havia passado. Quando sentia que não havia espaço, ou mesmo a conversa estava muito densa, para não constranger o jovem nem mesmo evidenciar desinteresse, mantinha o diálogo e ao fim me dirigia para o banheiro podendo assim gravar por voz as informações primordiais obtidas.

Durante todo o campo produzi uma caderneta de anotações, ou mesmo o diário de campo, nas concepções de Minayo (2000). Dúvidas, angústias, cansaço do campo e até mesmo descompassos pessoais foram registrados num

documento digital. Todos os sábados após chegar do culto ficava por horas transcrevendo as informações que anotava aos poucos em meu smartphone, escutava os áudios que havia gravado e tentava sempre cruzar as informações de acordo com outras já obtidas anteriormente.

Tudo minuciosamente era anotado nesse documento, os nomes, as origens, a situação familiar, a forma como conheceram a Igreja e também os vínculos com o pastor Ricardo Batarse. Não recorri a nenhum documento formal, porém semanalmente ao longo de um ano, anotei, escrevi e tracei perfis de jovens com quem convivia, possibilitando assim um acúmulo de informações vasto, e em minha opinião, de grande riqueza, perpassando diferentes temas.

Minayo (2000) enfatiza que o diário e as informações lá apreendidas dão todo e qualquer subsídio necessário para realizar uma análise. Becker (1993) ressalta a importância das anotações diárias, registrando as observações o mais rápido possível após fazê-las, sendo necessário reparar nas pessoas, nas interações e também nos conteúdos de tais interações e se possível até mesmo realizar transcrições literais de conversas.

Os limites que resultam da estagnação de informação e dados inéditos, após um ano de campo, começam a se impor. Assim, após avaliar todo o trajeto da pesquisa foi decidido encerrar a participação e não extrapolar as relações já estabelecidas com os sujeitos de pesquisa. A opção de deixar o campo, de maneira sutil, como foi meu caso no Geração Fusion da Reviver Church, consistiu num exercício de ética em pesquisa.

Frequentar todos os sábados, das 19 até às 00:30hrs o Geração Fusion e de lá partir para algum estabelecimento alimentício, por vezes, foi uma batalha pessoal. Compartilhar por horas uma pregação de religiosos com discursos que supostamente são a expressão de Deus, mas que a todo momento invalida os conhecimentos científicos, tais como a biologia, sociologia, história e psicologia, causava-me grandes desconfortos, angústias e inquietações. Tais desconfortos, constantemente sentidos em campo, jamais puderam ser questionados naquele espaço pois sempre busquei evitar quaisquer possibilidades de conflito com a comunidade religiosa.

Desde o momento em que me propus a estar nesse campo, adentrar novamente o meio (neo)pentecostal, tinha em mente que muitas coisas iriam me

incomodar, em minhas particularidades. A pesquisa participante de modo geral, necessita de tempo. Dispor-se a uma pesquisa de campo exige que se permaneça aberto, atento, disposto e fundamentalmente sendo uma pessoa receptiva e também carismática. Porém simular tais sentimentos e atitudes começaram a se tornar cada vez mais difíceis, por estes motivos encerrar a pesquisa de campo foi um limite ético.

Não creio que o campo tenha sido esgotado, as informações e relações são contínuas, semanalmente surgiam novas temáticas e problemáticas passíveis de investigações, mas particularmente, enquanto um jovem pesquisador comprometido com o “outro”, esgotei. Sai de campo de forma sutil, sem me despedir ou mesmo informar a alguém. Tenho convicção de que as portas estarão abertas e poderei recorrer a qualquer jovem e liderança para dúvidas futuras ou mesmo para retomar esse campo em outra pesquisa.

Como resultado acumulei bastante material escrito a respeito do Geração Fusion e dos jovens que lá frequentam, afastar-me do campo possibilitou um distanciamento necessário e resultou em maior disponibilidade de tempo e dedicação à elaboração da dissertação. Um laço de amizade foi formado com a jovem Jaqueline, por vezes nos falamos através de redes sociais e por meio dela venho conhecendo novos movimentos religiosos das juventudes no cenário nacional e internacional.

O campo possibilitou que eu vivesse um meio diferenciado entre juventudes, sendo em alguns momentos algo próximo a minha realidade e em outros não. As juventudes vêm mostrando sua força no cenário nacional religioso, evidenciando um grande poder de articulação para vivência do sagrado e também de organizarem-se em torno de diferentes manifestações religiosas, o Geração Fusion, em pequena medida, evidencia esta face das juventudes.

2.2 Contexto Juvenil da Reviver Church

O Geração Fusion é frequentado em grande parte por diferentes jovens, oriundos de várias regiões de Londrina sendo eles um importante grupo da população brasileira e mundial, quando considerados dentro dos parâmetros já estabelecidos, uma vez que é possível referir-se a eles enquanto um grupo ora heterogêneo, ora homogêneo. Dialogando numa ampla perspectiva, através das

multiplicidades eles vêm conquistando cada vez mais expressividade e relevância, por meio de movimentos sociais, movimentos políticos, das massificadoras redes de relacionamentos virtuais, ou mesmo de grupos religiosos, dentro das diversas denominações religiosas espalhadas pelo país.

Recorrendo a fatos históricos recentes e de grande relevância para a própria organização social do país, as juventudes representam um grupo que participou ativamente de diferentes processos sociais. Tal aspecto também acarreta novos comportamentos e formas de sociabilidades entre os jovens e suas atuações são notadas num contexto de fortalecimento da identidade e também da organização política do país. Foram eles os percussores da Semana de Arte Moderna, Movimento Tenentista e Movimento Político-Partidário, todos iniciados no ano de 1922 (SOFIATTI, 2011).

Outro importante contexto de inserção das juventudes no Brasil é o período da ditadura militar (1964-1985), quando, reunidos em grupos, articulavam ações contra o regime ditatorial, fazendo com que os movimentos religiosos, nesse contexto, fossem fundamentais para pressionar o governo pela redemocratização do país. A juventude católica popular se organizava em grupos, como JOC (Juventude Operária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica) e AC (Ação Católica), ligadas a movimentos sindicais que se opunham ao regime⁸.

Os movimentos estudantis possuem relevância na transformação da sociedade brasileira, uma vez que foram fonte de grande contestação social, como no contexto militar, por exemplo. O estudante, enquanto uma categoria social que influencia diretamente na sociedade brasileira, acaba por evidenciar diferentes realidades e comportamentos, abrindo espaço para uma abordagem que perpassa o jovem, o estudante e o trabalhador, categorias relevantes para a contextualização do cenário brasileiro, marcado por desigualdades sociais⁹.

Há uma massificação de compreensão a respeito das juventudes, seja através de políticas públicas, na saúde e educação ou mesmo em programas sociais e correcionais: “no Brasil, a partir dos anos 80, as crianças e adolescentes passaram a ser considerados como sujeitos com direitos, e não apenas futuros adultos” (GROPPO, 2009, p. 41).

⁸ Uma versão prévia deste texto foi utilizada no projeto de pesquisa, referente ao processo seletivo do PPGSOC/UEL de 2016.

⁹ Ver Foracchi (1965), para ampliar o debate sobre o estudante e a transformação social.

Dentro de um viés etário através das “idades da vida”, como se refere Groppo (2004), o Estatuto da Criança e do Adolescente determina que são adolescentes os indivíduos entre 12 e 16 anos. Aos 16, inicia-se a juventude, porém quanto ao seu término ainda não se chegou a consenso, podendo ser aplicada para diferentes idades etárias. Isso reforça que as idades etárias são construções sociais e que existem incontáveis especificidades nessas determinações.

No início dos anos 2000, 47 milhões de indivíduos tinham de 15 a 29 anos, o que despertou a atenção da agenda pública para essa significativa parcela da população que supostamente seriam os jovens. Perspectivada uma crise dos jovens, o olhar governamental tende a enxergar uma crise envolvida por instabilidades emocionais, violência, desemprego, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, evidenciando assim como a juventude sempre é associada a criminalização e marginalização (CAMARANO; MELLO, 2006).

Em relação a essa parcela da população brasileira, quando analisada na perspectiva macro, segundo as autoras Camarano e Mello (2006), evidencia-se um contexto preocupante da própria realidade brasileira, que em grande medida está associado à pobreza. Homicídio, renda inferior a um salário mínimo, maternidade e desemprego atingem diretamente esse grupo expondo sua vulnerabilidade social. Porém simultaneamente surge um contexto favorável onde evidencia-se uma maior inserção dos jovens na educação formal, correspondendo a um aumento de 1,2 anos de estudos para essa população entre os anos de 1980 e 2000, fazendo com que pudesse se adaptar mais facilmente a informatização e digitalização (CAMARANO; MELLO, 2006)

O mito da juventude, enquanto solução para vários problemas, por supostamente ter ideias revolucionárias, faz-se presente nesse contexto, uma vez que a extensão territorial do país e as desigualdades ao longo do seu território implicam em dois cenários distintos. Por um lado, há uma perpetuação da pobreza e, por outro, a ampliação das oportunidades, mesmo num mundo globalizado, onde cada vez mais os empregos exigem um prolongamento nos anos de estudos e possivelmente acarretam um amplo processo de dependência material dos pais, o que implica novamente na autonomia e independência discutidas anteriormente. De acordo com Ribeiro

... a expansão da cidadania e dos benefícios sociais funcionam como um forte mecanismo de padronização, levando a uma

homogeneização dos padrões de transição entre diferentes grupos sociais, ou seja, diminui a diferença entre os padrões de transição para vida adulta de jovens com diferentes origens socioeconômicas (RIBEIRO, 2014, p. 434).

Adentrar o espaço do Geração Fusion, proporcionou ricas e diversificadas experiências devido ao contato com uma parcela da juventude que reside em Londrina e região, além, é claro, da possibilidade de compreensão da forma como os jovens vêm associando suas práticas de fé e religiosidades ao cenário moderno. Foi possível adentrar um universo particular para muitos, onde dúvidas e angústias são silenciadas e resolvidas por um atendimento dos pastores ou mesmo pelo transe religioso.

Os jovens da Reviver Church como ressaltado anteriormente, não são compreendidos enquanto homogêneos para esta pesquisa. De maneira geral, eles caracterizam um grupo específico dentro de um cenário mais amplo, porém, suprimindo essa compreensão, busco as singularidades dos jovens que lá coexistem.

Aproximadamente doze jovens, com os quais tive contato direto, são da cidade de Cambé-PR, que se mescla com a cidade de Londrina, constituindo basicamente uma única cidade quando se pensa a partir de fronteiras geográficas. A filiação desses jovens à Reviver Church ocorre por motivos também familiares, uma vez que Ricardo já foi pastor em Cambé dos pais desses jovens que agora frequentam o Geração Fusion, evidenciando que a relação atual não é mera coincidência, mas também pode perpassar certa influência. Outros poucos residem nas proximidades da Igreja e os demais em outras regiões, por vezes distantes da Reviver. O espaço possui uma riqueza de histórias e trânsitos religiosos, sendo que todo os jovens com quem tive contato são filhos de pais já convertidos ao protestantismo¹⁰.

Ser “crente”, como ressaltam constantemente é algo que lhes foi ensinado desde a infância, pois cresceram nesse meio religioso; logo, adentrar a Reviver não consiste numa grande mudança ou readequação de comportamentos, uma vez que transitar entre diferentes Igrejas do segmento protestante é algo comum e rotineiro, afinal todos possuem um(a) amigo(a) que os convida para ir ao

¹⁰ As expressões “protestante” ou “evangélico” que estarão presentes no decorrer do texto compreendem um grande eixo de religiões oriundas do protestantismo e suas centenas de fragmentações, entre elas os batistas, presbiterianos, pentecostais, episcopais, renovados e etc.

culto de sua Igreja. Por vezes me deparava com conversas paralelas a respeito de eventos que ocorreriam em outras instituições religiosas, aos quais os jovens gostariam de ir.

O jovem ao enfatizar-se como crente evidencia uma categoria nativa muito comum nesse meio, existindo uma reapropriação desse termo justamente por se identificarem enquanto tal e tornar isso um valor positivo que também reflete uma moral cristã de afastamento de bebidas alcoólicas e entorpecentes lícitos e ilícitos, além, é claro, de valorizar e supostamente manter a castidade. Ser crente consiste basicamente em pertencer a alguma Igreja de matriz cristã protestante em sua infinidade de denominações. O fato de ser crente também consiste por vezes numa justificativa e explicação, seja para recusar qualquer tipo de ambiente não condizente com os preceitos éticos e religiosos ou mesmo para evitar cair em qualquer tipo de tentação.

A juventude obviamente se faz presente através dos indivíduos jovens que frequentam tal ambiente, porém alguns sempre possuem mais visibilidade perante os demais. Na Geração Fusion as jovens filhas dos pastores Shirley e Fabiano atraem incontáveis olhares dos jovens que frequentam esse espaço, pois ambas estão sempre presentes nos cultos das quartas feiras, dos sábados também dos domingos, participam do ministério de louvor e dança, fazendo-se sendo elas constantemente vistas por todos.

Nos cultos do Geração Fusion evidencia-se o alto poder de transmissão de energia, animação e alegria das jovens, possibilitando um ambiente de receptividade e de constituição de laços afetivos imediatos com os novatos, assim como ocorreu comigo, sendo visível um carisma em ambas. A presença das jovens se faz tão marcante, não apenas por serem filhas dos pastores líderes dos jovens, mas por realmente possuírem uma aptidão em dialogar e transitar entre as pessoas que elas nem sequer conhecem.

Também na condição de filha de lideranças havia Letícia, filha única de Pastor Ricardo e Pastora Elizete, a jovem era de pouco carisma, não chamava muita atenção dos demais e em raras situações se interessava ou se disponibilizava para qualquer diálogo com os jovens do Geração Fusion. Seu grupo de interação era pequeno, seletivo e fechado não atingindo nem mesmo as irmãs Luana e Helena. Friso que todas possuem a mesma faixa etária, estão entre 16 e 18 anos.

A relação entre essas jovens sempre foi motivo de minha curiosidade, pois não presenciei sequer um momento de interação entre elas, nem mesmo participando de alguma roda de conversas em comum. A jovem Letícia nunca trocou nenhuma palavra comigo, apesar da minha constante insistência em conversar próximo a ela ou de entrar na roda de conversa em que estava, porém, a jovem sempre manteve uma postura extremamente reservada e de pouco diálogo. Letícia em todos os cultos senta-se próxima aos amigos, nunca havendo grande rotatividade nem mesmo alteração daqueles que permaneciam ao seu redor. Totalmente opostas são as irmãs Luana e Helena, pois a cada culto sentavam-se com pessoas diferentes, expandindo suas redes de relacionamentos e amizades. Ambas se tornaram figuras emblemáticas e referência para todas as vezes que penso no Geração Fusion.

As disputas que podem ocorrer nesse meio não me foram claras, porém as jovens não estudam, nem estudaram no mesmo colégio. Seus pais são pastores extremamente simpáticos e acessíveis ao público, característica marcante da Reviver Church e as jovens filhas das lideranças não demonstram minimamente nenhuma relação de amizade. No entorno dessas jovens, estão sempre outras meninas de idades próximas, realmente como se elas fossem as líderes e as demais apenas as seguissem, tornando e reafirmando visivelmente que elas também lideram, mesmo que seja apenas os seletos grupos de amigos.

Em boa parte das conversas que tive com Luana, a filha mais jovem, notei um alto senso crítico e social. Discutíamos assuntos como política, religião e principalmente a respeito de sua escola. Distante de ser uma jovem dócil e inspirada num padrão de mulher submissa que a própria religião prega, Luana impõe-se, fala alto, utiliza gírias e ressaltava o quanto era desleixada em relação aos estudos, ficando de recuperação em várias disciplinas e quase reprovando de série. As vestimentas sempre estavam extremamente “antenadas” e com um estilo marcante, utilizando desde calças extremamente largas com chinelos, até mesmo um jeans básico rasgado, os adereços como pulseiras, brincos e colares nunca compuseram o visual da jovem

Luana concentra e transparece muitos dos aspectos do jovem crente moderno oriundo da Reviver Church, pois se utiliza de referências atuais da moda e da música secular que são difundidas nas grandes mídias, mas simultaneamente

alimenta uma moral cristã (neo)pentecostal recusando e abominando qualquer tipo de vício, não utilizando nenhum tipo de entorpecente, seja ele lícito ou ilícito, não frequentando casas noturnas nem mesmo shows artísticos que não os de vertente cristã, cultua a virgindade como algo sagrado e necessário para um casamento, sendo submissa aos desígnios de Deus e participando ativamente de uma comunidade religiosa. A meu ver, estas são as principais características desses jovens, porém ressalto que nem todos compartilham destes mesmos valores.

Daniel¹¹ também é um jovem que frequenta o Geração Fusion e foi criado sob as influências da religião protestante, pois os pais já eram convertidos. Sendo um jovem calmo e tímido, minha aproximação se deu de maneira lenta e bastante cautelosa, pois notava que ele não dialogava nem permanecia nas rodas de conversa dos mais jovens. Era nítida a seleção das pessoas com quem ele partilhava sua presença. Sempre no início dos cultos, o jovem está à frente nos instrumentos musicais e ao término da animação e louvor desce para participar da pregação como os demais, sendo essa brecha utilizada para minha intencional aproximação.

Como enfatizou posteriormente, nossos diálogos fluíram devido ao fato de que notou em mim certo capital cultural diferenciado, devido minhas compreensões de vida, tendo ciência de que eu não estava ali apenas participando aleatoriamente dos cultos. Tal fato possibilitou uma grande aproximação com esse jovem, resultando em amplos diálogos e transmissão de conhecimentos.

Daniel representa outro perfil juvenil que frequenta o Geração Fusion. É um jovem que trabalha, tem carro próprio e não restringe seu círculo social apenas aos indivíduos que frequentam a Reviver. Geralmente, quando não estava tocando no culto, e estava de “folga”, pois os bateristas e demais musicistas cumprem escala, como numa relação trabalhista, o jovem costumava frequentar outras Igrejas com os familiares que não congregam na Reviver, pois preferem Igrejas menores e próximas as suas residências, dessa forma a presença do jovem só seria certa nos cultos em que ele estivesse tocando. Por várias vezes saí com Daniel e outros amigos dele, que possuem esse mesmo perfil. Em média íamos a lugares em que os serviços eram mais caros e não tão acessíveis a todos os jovens que frequentavam o Geração Fusion.

¹¹ 22 anos, solteiro, ensino médio completo, funcionário de uma empresa de logística.

Por vezes combinavam de ir a Maringá-PR, apenas para passear, dar um “rolê” na cidade ou mesmo ir a uma cidade vizinha, Ibiporã-PR, para experimentar algumas pizzarias recém-abertas. Paralelamente notava a existência de alguns eventos fechados de que ele participava tocando ou mesmo sendo responsável pelo funcionamento do som. Para tais eventos Daniel convidava apenas os amigos mais próximos e íntimos, logo, eu não fazia parte desse ciclo. Um dos motivos de o jovem selecionar suas companhias, consistia no fato de que ele não tinha paciência com os assuntos daqueles jovens com menos idade, pois considerava impossível sentar-se numa mesa de um restaurante com eles e conversar por horas como fazia comigo e demais amigos. Daniel enfatizava o quão brincalhões são os jovens, pois nunca levavam nenhuma conversa a sério, tudo era cômico.

Nesse contexto, identificava assuntos não muito claros a respeito de paqueras dentro da Reviver Church, pois algumas meninas de pouca idade conversavam com ele, interagiam em suas redes sociais comentando todas as suas postagens e fazendo constantes elogios. Em outra ocasião, uma jovem da Igreja enviou diretamente uma mensagem para Daniel, na intenção de se conhecerem possivelmente para algum relacionamento, porém o jovem desviou a intencionalidade da conversa, uma vez que não havia interesse recíproco. A quantidade de jovens solteiros na Reviver Church é alta, porém não vejo uma grande intenção ou fortalecimento de laços entre eles próprios para que futuramente possa surgir algum tipo de compromisso, uma vez que todo namoro deve ter apenas a intenção final de se casar, segundo os preceitos cristãos que esses jovens compartilham.

Os cuidados que Daniel tomava em relação às paqueras eram constantes, pois ele ressaltava que não queria se envolver em problema algum, nem mesmo que seu nome ficasse “manchado” entre os demais, ou seja, que as pessoas utilizassem algum tipo de referência ruim quando fossem falar a respeito dele, seja categorizá-lo como namorado ou mesmo enquanto alguém que cria expectativas nas jovens, mas não tem propósito de algo sério. Os demais, aqui compreendidos enquanto outra parcela de jovens do Geração Fusion, são aqueles mais jovens que ainda estão cursando o ensino básico ou acabaram de adentrar no ensino superior, mas que se alinham melhor com os jovens “adolescentes” e com os

comportamentos típicos desse grupo que por onde passa chama atenção, grita, canta, dança e troca socos, tudo em completo tom de brincadeira e descontração.

Certa vez a Pastora Shirley que, já afirmou ser “poderosa” nas orações de casamento, começou em tom jocoso a questionar todos os jovens solteiros que estavam próximos a ela se eles desejavam começar um namoro, obviamente a intenção seria alinhar os desejos das meninas que momentos antes estavam conversando com a Pastora, com os desejos e intenções dos meninos. Porém nenhum jovem declarou interesse em namorar, causando até mesmo uma frustração na Pastora que saiu gritando para as meninas não se iludirem com esses rapazes, mas que elas perseverassem na oração que ainda chegaria a hora. Após o afastamento da Pastora, permaneci na roda de conversa dos jovens. Éramos seis e a justificativa geral era que gostariam de se resolver financeiramente primeiro, além de se considerarem jovens para o matrimônio.

É notório o maior empenho por parte das meninas em buscar um relacionamento e conseqüentemente um matrimônio. Nesse ciclo de rapazes com os quais convivi, poucos tinham a intenção de se casar em menos de três anos. Os planos eram a longo prazo e o desejo do sucesso financeiro torna-se maior do que qualquer possibilidade afetiva ou matrimonial. Esses jovens em alguns poucos momentos demonstravam interesse nas garotas do Geração Fusion, porém voltavam a afirmar que elas eram demasiadamente novas e ainda não teriam maturidade suficiente para um relacionamento. O desinteresse dos meninos sempre é justificado através de uma culpabilidade nas meninas, enfatizando também que não possuem muitas opções na Igreja.

As desavenças e desafetos entre os jovens também aconteciam, não estando imunes a implicâncias e frustrações com amizades. Presenciei em dois ciclos de amizades distintas considerações e opiniões bastante semelhantes a respeito de uma jovem do ministério de dança. As afirmativas eram que ela mantinha amizades falsas e outras com claros interesses, aproximando-se dos demais apenas quando havia a intenção de ganhar algo em troca. De forma geral, o ambiente religioso é um lugar de paquera, de intrigas, fofocas e demais problemáticas que envolve as relações entre seres humanos. Longe de ser um lugar de calma e apenas de amizade, as intrigas aconteciam sutilmente e eram

captadas apenas fora do ambiente religioso, nos momentos de descontração e diversão que existiam após os cultos.

Durante as pregações nos cultos, sempre existem momentos de perdão e os pastores dão ênfase aos problemas vividos nas Igrejas. Geralmente utilizam de experiências anteriores para isso. Enfatizam que brigas internas e desavenças entre os irmãos só enfraquecem a obra de Cristo, que eles não desejam uma Igreja doente, onde existam disputas de poder ou desentendimentos referentes ao cotidiano das pessoas e assim refletindo negativamente no ambiente religioso. Certa vez Ricardo esclareceu que se um irmão comprar um produto ou serviço do outro e este não for pago, eles não devem transferir tal problema para a casa de Cristo, mas resolverem em outro ambiente e não parar de frequentar a Reviver nem mesmo de fortalecer a obra.

Parte das lideranças com as quais tive contato compreendem os jovens enquanto indivíduos que devem ser inseridos na estrutura social cristã, sendo reconhecida a importância das juventudes. Enfatizam que o verdadeiro lugar de crente e de seus filhos é na Igreja, as crianças devem correr livremente pelas fileiras e corredores, sendo este um importante momento de socialização na fé cristã e edificação familiar. Ganha ênfase a todo momento o fato da permanência na comunidade religiosa ser de extrema importância, pois o tempo lá gasto é dedicado exclusivamente à construção da obra do Senhor. Porém tal compreensão e afirmação é uma tentativa de fazer com que principalmente os jovens, permaneçam mais tempo na Igreja e envolvidos em suas atividades, possibilitando menos brechas para o pecado ou mesmo se aproximarem de festas e amizades seculares.

Assim como enfatiza Groppo (2009), os jovens são um potencial para todas e quaisquer mudanças sociais, porém nesse contexto devem sempre estar dentro do perfil tipológico, ou seja, afastado de festas, do consumo de bebidas alcólicas, devolver o dízimo, frequentar os cultos, não ter vida sexual ativa antes do matrimônio, entre outros. Notava uma constante legitimidade da juventude enquanto uma fase específica da vida, sendo possível ao jovem errar, porém tendo plena ciência do erro e do abalo que sua vida espiritual sofrerá, pois a cada erro o distancia mais do reino dos céus.

Groppo (2010) elenca a moratória social como um período de possibilidade de erro aos jovens, ou seja, a juventude pode ser compreendida como

uma fase de erros e acertos, de tentativas e também de experimentação, tanto daquilo considerado certo, quanto do errado, sendo possível ao indivíduo posteriormente optar por uma conduta aceitável socialmente. Nesse caso a conduta seria a cristã, impermeada dos valores já elencados anteriormente. Recordo-me de uma ocasião em que não fui a uma hamburgueria com parte desses jovens e Rafael de aproximadamente 35 anos, pai, casado e bastante próximo das lideranças, me disse que compreendia os motivos de eu não ir e sabia que eu não iria estudar, pois ele também já fora jovem, já havia “aprontado”. A afirmação de Rafael condiz com tal perspectiva, pois aceita-se a possibilidade do jovem errar, se desviar do caminho divino enquanto uma experimentação, pois há sempre a perspectiva e crença de que ele retornará ao meio cristão, pois é certo que o “mundo” fora da Igreja machucará, testará e o levará a experiências tão horríveis que será necessário voltar e ser curado de todas as feridas adquiridas.

Por incontáveis vezes durante as pregações ouvia falar sobre o mundo, sobre álcool, drogas, sexo e masturbação, enfatizando que eram coisas pecaminosas e conduziram os jovens a dependência química, desgraça financeira e afastamento de Deus, fazendo com que houvesse um verdadeiro caos em suas vidas. Porém, em paralelo há uma valorização daqueles indivíduos que já estiveram no “mundo”, já experimentaram viver sem ser sob os cuidados e desígnios divinos. Dessa forma, tais indivíduos dão seus testemunhos afirmando terem vivenciado a solidão, as dívidas, o desespero, a depressão, o sexo descontrolado, entre tantas outras adversidades que se instalaram por estarem afastados da fé e da casa do pai, ou seja, de alguma Igreja. Não é desejo das lideranças que os jovens saiam da Igreja para vivenciar tudo isso, mas que aprendam e tenham medo a partir dos testemunhos dos fiéis que estão na Igreja e já vivenciaram tais situações.

Porém nem todos jovens que ali frequentam abdicam do estar no “mundo”, alguns consomem bebidas alcólicas, frequentam festas seculares e não guardam castidade. Em alguns sábados notava um grupo diferente de rapazes entre 20 e 25 anos que frequentavam o Geração Fusion e observei que havia uma especulação entre outros garotos que aquele grupo iria a uma casa de shows sertanejo, lugar secular, com fácil acesso a bebidas, sexo e substâncias psicoativas. O carro em que estes jovens estavam evidenciavam valores e personalidades um

pouco destoante dos demais, pois era rebaixado, com rodas grandes e músicas seculares reproduzidas por um som extremamente alto e potente.

Ferreira (2008) afirma que as microculturas são uma problemática expandida pela industrialização, pois essa enfrenta períodos de expansão e lucratividade, mas também de intensas crises, desestabilizando financeira e emocionalmente qualquer estrutura familiar. Olhando a respeito das diferentes origens familiares e financeiras, noto tal contexto nos jovens do Geração Fusion, pois eles possuem díspares condições sociais e conseqüentemente rotinas desiguais, havendo diferença no acesso à educação, às viagens, ao lazer e principalmente aos bens de consumo, por vezes tão característicos das juventudes. Há um esforço durante os cultos para que todos se compreendam enquanto iguais perante Cristo, uma vez que a condição social não gera nenhum diferencial para entrar no reino dos céus, buscando assim solidificar uma comunidade cristã moderna.

Os símbolos que demarcam as juventudes ultrapassam os bens materiais. Nesse espaço impõe-se a corporeidade, ou seja, a capacidade e a disposição de dançar, pular, correr e gritar também são um demarcador dessas juventudes. É interessante notar que tais características das juventudes são ressaltadas justamente por aqueles que não mais se consideram jovens, por aqueles que não possuem disposição física e, dessa forma, enxergam nitidamente um contraste entre um adulto e ser jovem. A juvenilização toma conta do espaço religioso, uma vez que este não está protegido nem alheio às influências midiáticas e também simbólicas presentes na sociedade de modo geral (GROPPO, 2009, 2010).

A possibilidade de comprar diferentes bens materiais não é algo acessível a parte da população brasileira, nem mesmo aos jovens do Geração Fusion. Ressalto que o caráter de classe nesse ambiente é visível. Jovens que são de classes próximas, ou mesmo condições financeiras semelhantes, tendem a permanecerem juntos, seja por estudarem nos colégios da elite londrinense, ou mesmo por compartilhar de símbolos e signos em comum que vão desde um aparelho *smartphone* da mesma marca, até mesmo a possibilidade de comprar o último tênis lançado pela marca Vans ou Melissa que são referências de moda, poder aquisitivo, conforto e qualidade para as meninas.

Esse contexto se evidencia nesse ambiente pelos laços formados e consolidados entre os próprios jovens. Letícia, filha de Ricardo, dificilmente conversava ou estava próxima aos jovens caracterizados por um estilo urbano, periférico que residiam do outro lado da cidade em zonas desvalorizadas socialmente e financeiramente. Esses jovens sempre estavam de blusões bonés, roupas largas, utilizavam correntes e acessórios diferenciados, além é claro de um vocabulário bastante característico. Ela não se aproximava nem mesmo das meninas, pensando numa suposta familiaridade com jovens do mesmo gênero.

Não só no contexto das jovens garotas, mas também dos jovens garotos existem certas distinções, principalmente entre aqueles que possuem ou não um veículo, seja carro ou moto. Recordo-me de uma situação em que eu e outros três jovens estávamos conversando no estacionamento em frente à Igreja e, numa fração de segundos, pulamos para um canto, pois Paulo, dirigindo uma camionete Hilux, adentrou em alta velocidade no pequeno estacionamento chamando toda atenção possível, mesmo que de reprovação, enquanto os demais dentro do veículo soltavam gargalhadas devido ao nosso susto. Tenho plena convicção de que se não tivéssemos nos afastado do local que é rotineiramente utilizado por todos para uma conversa informal, o jovem não teria tempo nem aptidão suficiente para evitar um acidente envolvendo eu e outros três garotos.

Após o susto e com o coração a saltar pela boca, um dos jovens que estava ao meu lado afirmou que isso não era uma atitude correta, mas sim uma completa infantilidade do outro jovem e que tal ação apenas o distanciava cada vez mais de algumas pessoas da própria Reviver Church, por isso preferia e gostava sempre de andar com os “mais velhos”. Nesse ambiente, por incontáveis vezes fui motivo de risada para Paulo e amigos, por conta do meu cabelo, seja pelo corte ou forma como o penteava, por sinal nada descolado e jovial. Porém, como minha relação já era bastante próxima, sentia liberdade de fazer brincadeiras com o cabelo e estilo do jovem, criando até um clima de maior amizade entre nós e uma possibilidade de aproximação para sairmos após o Geração Fusion.

Os jovens que chegam à Reviver, durante a tarde, para ensaiar e preparar a programação do Geração Fusion, sempre levam mochilas com roupas limpas, perfumes e maquiagens. A preparação para o culto leva horas e exige ensaios da banda e também das danças que serão apresentadas. Porém, ao

término e nos instantes antes de começar toda a movimentação para a noite, há um intenso fluxo de jovens no banheiro, se aprontando, os meninos com um cuidado extremo em relação ao cabelo, aos acessórios e as jovens em relação ao batom e aos sapatos. Ressalto que esses jovens não residem nas proximidades e ir em casa preparar-se para voltar consiste em algo completamente dispendioso para eles.

De maneira geral o mercado da fé vem passando por amplas modificações, sejam referentes a divulgação, pertença, circulação ou mescla de diferentes elementos das mais variadas religiões. Mariano (1999) aponta que as mudanças vieram ocorrendo ao longo das ondas pentecostais e das próprias mudanças da sociedade brasileira, refletindo nas Igrejas através de uma maior liberalização de usos e costumes além de ampla inserção em diferentes áreas da vida social, tal como na política, economia e mídias sociais.

O avanço da religião aliada a promessa de curas físicas e geração de riquezas materiais associado a uma diminuição do número de católicos e protestantes históricos propicia um terreno de ampla circulação de fiéis na matriz religiosa (neo)pentecostal. A desregulamentação das crenças e pertenças religiosas é uma realidade do Brasil e também de Londrina, possibilitando um que os trânsitos religiosos possibilitem experimentações e não uma definição para toda a vida.

Dessa forma, o Geração Fusion é composto por jovens comuns, estes enfrentam as dificuldades do mercado de consumo e trabalho, da saída do ensino básico e entrada no ensino superior, além é claro de estarem presentes nas redes sociais. Porém, distanciam-se dos cenários clássicos pentecostais, uma vez que há certa liberalização dos usos e costumes para os fiéis da Reviver Church, possibilitando assim uma experiência e vivência religiosa que caracteriza o (neo)pentecostalismo.

3 UMA IGREJA NA MODERNIDADE

A modernidade aqui é utilizada enquanto um conceito central para o campo de estudos das religiões e religiosidades, principalmente quando associamos tal concepção a novas formulações de religiões e práticas religiosas, atraindo um público eclético e diversificado. A compreensão dos ordenamentos sociais no amplo leque da modernidade, possibilita um olhar para novos horizontes, despertando novos caminhos de compreensão, análise e perspectivas das relações entre as juventudes globais e as religiões que nesta pesquisa, volta-se para o (neo)pentecostalismo.

Analisar uma Igreja que surge em meio a um contexto de mudanças na economia do brasileiro possibilita certo redirecionamento para a própria conduta dos fiéis, mesmo que este novo caminho possa parecer cada vez mais mundano e longe dos clássicos propósitos de salvação e conquista do reino dos céus. Há notoriamente, na modernidade, um grande apelo para uma vida do agora, do imediato, usufruindo, vivenciando e compartilhado tudo aquilo que se torna extremamente valorativo no mundo moderno.

No primeiro tópico deste capítulo explanarei sobre a modernidade no Brasil, elencando algumas concepções de autores nacionais sobre os processos tardios ou mesmo transplantados de outros países. Tal debate possibilita uma discussão contextualizada sobre os jovens do Geração Fusion, uma vez que os processos modernizantes influenciam nas condições sociais e culturais em que estão inseridos.

No segundo tópico perpassarei o surgimento da Reviver Church, instituição religiosa localizada numa das áreas mais nobres da região de Londrina, onde o religioso mescla-se com elementos materiais capitalistas, reconhecidos e valorizados pelos fiéis. Consequentemente há uma grande valorização de elementos materiais e financeiros, tomando grande centralidade nessa Instituição religiosa e impulsionando os jovens a uma lógica competitiva, neoliberal, meritocrática e empreendedora.

Adiante, no terceiro tópico deste capítulo apresento as características centrais do Geração Fusion, a capacidade do grupo em realizar grandes eventos e atrair um público externo. Além é claro dos diferentes estilos

juvenis que se fazem presentes nesse espaço, possibilitando uma pluralidade e liberdade. Porém essa liberdade está sempre prevista dentro de uma moral baseada nos preceitos cristãos, reforçando que o Geração Fusion é um lugar de jovens com propósitos.

O quarto tópico perpassa as compreensões sobre o trânsito religioso, tema de grande centralidade para a discussão da religião (neo)pentecostal na modernidade. Os jovens cada vez mais vêm transitando nas religiões, realizando uma busca individual pela melhor forma de exercer sua religiosidade. As motivações, necessidades e desejos são múltiplos não sendo o trânsito religioso uni causal. Em tal contexto moderno evidencia-se outra configuração social interessante para esta discussão, o trânsito religioso intra-pentecostal, comumente realizado pelos jovens do Geração Fusion.

Ao final deste capítulo, no último tópico, as possibilidades analíticas das juventudes, percorro um caminho teórico apresentando diferentes concepções a respeito dessa categoria amplamente difundida e estudada, porém por vezes pouco ouvida e vivenciada. Apresentar autores e teorias sobre a compreensão das juventudes lança-se enquanto um vasto desafio, uma vez que existe um grande referencial teórico a respeito da temática. Porém ressalto que busco fazer apontamentos selecionados intencionalmente que contribuam a partir de diferentes teorias.

3.1 Modernidade

Em diferentes momentos desta pesquisa, farei uso do conceito de modernidade. A modernidade aqui é compreendida enquanto uma realidade que impulsiona uma série de modificações na vida social, principalmente neste recorte que visa analisar uma instituição (neo)pentecostal e também trânsitos religiosos das juventudes. Acredito que a Reviver Church é um nítido resultado dos processos de modernização que se aplicam em diferentes esferas da vida, permeando o religioso, social, político, econômico e cultural.

Inicialmente a modernidade é compreendida enquanto um conceito que autores fundantes das Ciências Sociais, do debate internacional, discutem, tal como Karl Marx e Max Weber. Tendo implicações práticas e diretas na vida dos

diferentes indivíduos, a modernidade não é de exclusividade teórica dos estudos de religiões e religiosidades, mas perpassa também um vasto terreno de discussões dentro das próprias Ciências Sociais. Discuti-la como elemento presente na sociedade brasileira, focalizando uma cidade de médio porte, tal como Londrina-PR, faz com que seja necessário apresentar um quadro analítico contextualizado, buscando assim referências nacionais para endossar tal análise.

Recorrendo aos clássicos estudos sobre modernidade e modernização no Brasil, perpassaremos por Raimundo Faoro, José de Souza Martins e Octávio Ianni, sendo apresentado um contexto que leve em consideração as especificidades socio-históricas do Brasil. Importante ressaltar que tais processos de modernidade e modernização sofrem diferentes influências e resultam em diferentes construções, etapas e consolidações do sistema capitalista.

Weber (2004) aponta a racionalidade, a burocracia e o individualismo como algumas das principais características da modernidade ocidental, que, por sinal, vem conduzindo e dominando todas as formas em diferentes esferas das relações sociais. Tais aspectos estavam a partir da pesquisa específica de Weber diretamente associados a uma ética protestante que evidencia uma forma de ser e estar presente no mundo, fornecendo subsídio para a racionalidade e conseqüentemente à modernidade. Weber investiga justamente uma ética que não mais tem a ver com a religião, mas que modifica e incorpora um suposto “espírito” nos indivíduos, possibilitando a estruturação e institucionalização da racionalidade moderna ocidental.

Analisando a racionalidade, num contexto de sua época, o autor elenca as divergências da religião protestante em relação à religião católica, evidenciando uma maior racionalização da primeira, em detrimento da segunda. Como resultado para Weber (2004) há um caráter predominante, em que os protestantes mantinham-se enquanto detentores do capital e possuíam mão de obra mais qualificada, adequando-se às mudanças necessárias de acumulação capitalista moderna. A associação do capitalismo a uma cultura moderna que já não se caracterizava apenas como religiosa, impulsionou ainda mais o avanço e a consolidação desse sistema mundial, financeiro e cultural, que se impõe a todos os indivíduos, Estados e nações (CARDOSO, 2015).

Outro ponto fundamental para se compreender a entrada na modernidade, na perspectiva de Weber, consiste na autonomia das diferentes esferas, através da racionalização. As esferas religiosas, políticas, científica e a tradição são supostamente independentes no contexto moderno, porém elas tencionam e são tensionadas constantemente (SOFIATI, 2015). O Estado moderno está consolidado sob concepções racionalistas e burocráticas, fazendo com quem a religião possa exercer algum tipo de pressão, porém ela não é a principal força, uma vez que as esferas se tornam apenas influentes, umas nas outras. O progresso técnico e científico da modernidade é inquestionável para Weber (1982, 2004), sendo esta umas das principais características da modernidade.

A racionalização pode ser entendida como a ação do ser humano que se torna racionalizada, uma vez que este pode fazer uso dos meios técnicos da ciência para realizar suas ações e sua ação se torna efetiva, uma vez que ele racionaliza seus próprios passos, usando dos meios técnicos que tem a disposição, como a estatística, a probabilidade e etc. O ser humano ocidental pode decidir pelos meios mais adequados colaterais, bem como as repercussões de sua ação, tudo racionalmente. (CARDOSO, 2015, p. 9)

Sendo assim, a racionalização se incorpora de maneira geral a uma postura do ser humano, supostamente possibilitando a ele visar e sempre pensar dentro de uma perspectiva racional, visando meios e fins. Porém é necessário ressaltar que nem todas ações humanas são dentro desse parâmetro, podendo ser as ações racional com relação a fins, racional com relação a valores, social e afetiva ou mesmo tradicional.

Essa modernidade, inicial e diretamente, é compreendida no contexto de avanço do cientificismo, ou seja, ela implica e valoriza as descobertas e tem suas premissas no saber ocidental científico, possivelmente oriundo de diferentes experimentações, testes e hipóteses, comprovadas ou não.

A modernidade coloca a frente todos os domínios da ação, a racionalidade, ou seja, o imperativo da adaptação coerente dos meios aos fins que se perseguem. Os indivíduos mantêm seu status social apenas em função de sua competência adquirida pela educação e formação. No âmbito da explicação do mundo e dos fenômenos naturais, sociais ou psíquicos, a racionalidade moderna exige que todas as afirmações explicativas respondam a critérios precisos do pensamento (HÉRVIEU-LÉGER, 2015, p. 31).

Abordar a modernidade também direciona à secularização, principalmente pelo viés da Sociologia da Religião. A modernidade, em sua

essência, afasta as crenças no sobrenatural, volta-se para o cientificismo, como dito anteriormente, supondo que, ao mesmo tempo, haja um controverso processo de secularização, ou seja, enfraquecimento das forças religiosas na sociedade e também de laicização que consiste na separação entre estado e religião.

Berger (2000) reforça que a modernidade solapa todas as velhas certezas fazendo da incerteza uma condição presente nos indivíduos e diferentes agrupamentos humanos. Esse autor revela, entretanto que o fenômeno de modernização não necessariamente diminuiu a influência da religião nas sociedades ditas modernas, uma vez que modernização e secularização da sociedade não necessariamente implicam nos indivíduos. Tal perspectiva analítica ainda enfatiza que as velhas e antigas crenças e práticas religiosas permanecem nas sociedades ocidentais modernas, apesar da influência religiosa, principalmente da Igreja Romana, ter declinado. O autor ressalta que “no mínimo a relação entre religião e modernidade é bastante complicada” (BERGER, 2000, p. 10).

A modernidade acaba possibilitando uma dualidade das diferentes religiões e religiosidades que tentam combatê-la, ou adentrá-la intensamente, conquistando seu espaço nesse contexto. Notoriamente, as grandes religiões vêm criando novas possibilidades e adentrando a modernidade, e, paulatinamente, adaptam-se às mudanças que afetam a vida e organização social dos indivíduos. Os vários cenários e possibilidades de inserção da religião vêm sendo alterados. Não existe mais um padrão único do religioso. A não oferta de religiosidades e religiões passa por uma completa desregulamentação e desinstitucionalização no contexto da modernidade.

Hérvieu-Léger (2015) alerta para as diferenciações entre as sociedades tradicionais e as sociedades ditas modernas. Ambas correspondem a modelos puros e, notadamente, vivemos em modelos mistos de sociedades. Essa proposição evidencia que existem mesclas e que nenhuma sociedade é única, puramente racionalista e moderna, nem que outra seja unicamente baseada na tradição e nas crenças populares. São notórias, na sociedade moderna, as várias filiações e manifestações de crenças em diferentes entidades sagradas e movimentos religiosos que impactam toda a organização social que se caracteriza pela diferenciação das instituições. O ideal de que o homem moderno é o legislador de sua vida e único responsável por todos os desdobramentos e implicações

corresponde a uma perspectiva desse modelo puro que nem sempre condiz com a realidade encontrada.

É importante ressaltar que as religiões nas sociedades modernas perdem o caráter de salvação universal imposto a todos. A tendência e o desejo de reger toda a sociedade através de princípios religiosos foram afastados do centro do poder do Estado moderno, fazendo que a pertença a qualquer religião ou crença não necessariamente implique numa exclusão dos indivíduos da sociedade (HÉRVIEU-LÉGER, 2015). Sendo assim, a modernidade e também a secularização implicam numa diferenciação entre o espaço público e o privado, apesar dessas fronteiras serem amplamente questionadas e também problematizadas no atual cenário político do Brasil.

Hervieu-Léger (2015) resalta que uma das dificuldades e grandes problemáticas em tirar a religião do meio estatal consiste justamente na forma de organização do Estado, que, atualmente, é supostamente laico, secularizado e moderno, mas que se estruturou hierarquicamente da mesma forma que a Igreja de Roma; ou seja, há um afastamento do viés religioso, mas existe em essência uma estrutura religiosa. Para a autora, as sociedades modernas, europeias principalmente, “construíram-se historicamente sobre os escombros da religião” (HÉRVIEU-LÉGER, 2015, p. 37).

O contexto francês possibilita à autora olhar a modernidade e a secularização enquanto enfraquecedoras das crenças e das legitimidades religiosas, invalidando hipóteses e também minando a essência de quaisquer religiões. Berger (2000) porém, evidencia justamente um processo de contrassecularização, que, paralelamente Hervieu-Léger (2015) também nota no contexto europeu. Giddens (2002) resalta o reavivar de interesses religiosos na sociedade moderna, fazendo com que os símbolos da religião permanecessem e também se fortalecessem, surgindo novas religiões, uma vez que a modernidade não garantiu seguranças, os conhecimentos científicos trouxeram dúvidas radicais e cenários de muitos riscos. Para os autores, a modernidade oferece condições suficientes para impulsionar o surgimento de diferentes crenças, além de manter as que já estão constituídas, no terreno das religiões e religiosidades.

O paradigma da modernidade possui em si essa possibilidade ambígua e que, por vezes, se apresenta como contraditória, porém deve-se sempre

realizar o exercício de pensar em duas esferas diferentes, a do público e também do privado que recai numa tendência geral de individualização e subjetivação das crenças e práticas religiosas, em que há cada vez mais uma autonomia do indivíduo em busca do cultivo de si mesmo (MARIANO, 2013). A secularização das sociedades supostamente afasta as doutrinas religiosas da esfera pública estatal, resultado do clássico modelo de laicidade francesa do século XIX¹².

O contexto moderno brasileiro que possui nítidas influências francesas e europeias, associado ao processo de secularização, propicia algumas mudanças estruturais.

Mudanças religiosas impulsionadas igualmente, com efeito retardado, pela separação republicana entre Igreja e Estado, marco jurídico-político fundante e fundamental que reforçado posteriormente pelo processo de modernização socioeconômica e cultural, assegurou, a partir da segunda metade do século XX, o avanço da liberdade de culto e da liberdade individual de escolha religiosa, a consolidação do pluralismo religioso, o recrudescimento da concorrência inter-religiosa, e por tabela, a emergência de novos conflitos de grupos religiosos entre si e com agentes seculares (MARIANO, 2013, p. 13).

Sendo assim, a modernidade evidencia problemas sociológicos específicos da sociedade brasileira, uma vez que possibilita um amplo leque de manifestações religiosas, de uma desfiliação religiosa, além, é claro, do processo de secularização das esferas públicas e institucionais ligadas ao Estado que buscam, ao menos na teoria, um rompimento ideológico com as religiões¹³.

Pierucci (2008 p.10) aponta especificamente três pressupostos para a entrada na modernidade: a crescente diferenciação dos espaços sociais que possibilita a separação da religião e da esfera política, dissociando a pertença política da pertença religiosa; privatização da religião, através da afirmação do caráter privado da crença e das práticas religiosas, em que todas as práticas religiosas têm sua legalidade e seu direito de culto previstos por lei e assegurados pelo Estado e importância macrossocial reduzida, seja da crença religiosa, institucional, ou mesmo da frequência religiosa, pois há uma menor influência das autoridades religiosas enquanto líderes.

¹² Ver Hervieu-Léger (2015)

¹³ Não se visa uma ampla explanação a respeito da vinculação entre Estado e Religião, porém alerta-se que, no Brasil tais esferas vêm cada vez mais unificadas, pois a grande mídia ressalta a realização de cultos religiosos na Câmara dos Deputados em Brasília-DF e outro caso recente de um culto realizado antes da sessão plenária na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro.

Para os diferentes autores até então elencados, o contexto moderno perpassa vários aspectos comuns e todos possibilitam uma análise da própria modernidade no Brasil, uma vez que, esta, conta com especificidades e processos singulares perante a história mundial. Inicialmente para compreendermos os processos de modernidade no Brasil devemos dissociá-la do progresso, pois nas análises eurocêntricas há um entrelaçamento de tais fatores, não correspondendo a perspectiva e realidade do contexto brasileiro.

Para Martins (2012) a modernidade no Brasil é anômala, a compreensão desse processo deve perpassar necessariamente o êxodo rural, as migrações, a cultura popular e a pobreza, justamente para contradizer a ampla compreensão global de que modernização é equivalente ao desenvolvimento econômico e processos de inserção na globalização, seja do capital financeiro, de informação ou midiático. Ela, a modernidade, não é necessariamente os signos do moderno que se impõe sobre o cotidiano dos indivíduos, mas é também uma força cultural e social que se constitui através de uma compreensão onde o novo sempre é transitório, fadado ao retrocesso e ao constante processo de desvalorização.

Sendo assim Martins (2012, p. 19) afirma que

... a modernização não é feita pelo encontro homogeneizante da diversidade do homem, como sugere a concepção globalizante, é constituída pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo avanço tecnológico e aceleração do capital, pela imensa e crescente miséria dos que tem fome, tanto fisicamente quanto utopicamente.

São notáveis as especificidades do Brasil nesse suposto contexto de modernização, perpassado por diferentes fatores, principalmente de condições sociais e da própria existência do indivíduo moderno. O processo capitalista de produção e também de obsolescência acaba por influenciar na organização social afetando diretamente a vida dos indivíduos. A modernidade desperta sonhos, desejos e possibilidades, apontando tudo como possível e realizável, porém fica apenas no plano utópico não dando as devidas condições de tais feitos para todos. Tal fato se dá devido aos processos contraditórios do próprio capitalismo que faz dessas possibilidades exclusividade de um agrupamento mínimo.

Souza (2003) ressalta que nos processos de modernização das periferias, como no Brasil, deve-se levar em consideração a ausência de uma tradição moral que pudesse regular o impacto das diferentes práticas

modernizantes, freando as imposições e desígnios; porém como afirma Martins (2012) havia uma passividade da população, certa indiferença perante os processos, sempre impulsionados pelos governantes e nunca enquanto um desejo popular. Nesse contexto, a modernidade vai mostrando sua face em terras brasileiras, ao estabelecer um quadro comparativo do Brasil em relação a países da Europa e América do Norte. Dessa forma, constata-se um “atraso” ao se comparar as diferentes nações, evidenciando assim as singularidades dos diferentes processos históricos.

A modernidade para Martins (2012) é uma pura expressão da contradição e também da crítica social aos processos capitalistas, uma vez que ela também tem em si uma crítica ao moderno e ao desenvolvimentismo, apresentando seu processo inacabado e incompleto em países que não são plenamente “modernos”, segundo seus próprios paradigmas. “A modernidade é mais estratégia de compreensão e administração de irracionalidades e contradições capitalistas do que disseminação ilimitada da realidade ocidental” (MARTINS, 2012, p. 20).

Sendo assim a modernidade inicialmente instalada no Brasil, especificamente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro busca substituir os signos da vida rural através de grandes edifícios, sendo uma expressão puramente visual e minimamente interiorizada. Nas palavras de Martins (2012) a modernidade chega aqui como algo do ver e não do “ter ou ser”. Tal contradição se faz visível nesses grandes centros, onde há espaços de miséria material e social convivendo lado a lado com espaços extremamente elitizados e acessível à poucos.

Nesse contexto há imposições que não possibilitam uma incorporação nem mesmo reflexividade e consciência, sendo a modernidade incapaz de tornar-se algo dos indivíduos, adentrando o consciente (SOUZA, 2003). Seria ela algo inacabado no Brasil, transplantada de um contexto oposto, sendo um projeto que possui uma consciência social dupla, produzindo assim mais indivíduos vítimas da modernidade do que indivíduos que dela se beneficiam (MARTINS, 2012).

As mudanças do próprio sistema capitalista exigem que a compreensão do processo de modernidade do Brasil seja constituída através de uma perspectiva histórica. Houveram incontáveis projeções econômicas modernizantes, visando sempre atrair mercados externos e reafirmando relações mantidas desde o período colonial (IANNI, 2004). O Liberalismo, a expansão

capitalista e diferentes burguesias fazem parte do contexto de modernidade implantado no país, buscando uma expansão negociada e em curtíssimo prazo.

O liberalismo puro e clássico estava fadado ao descrédito, uma vez que as velhas elites clássicas agrárias e exportadoras já não conseguiam propiciar, nem mesmo apontar novas alternativas econômicas. O Estado, dominado por uma elite oligárquica tinha a intenção de modernização do país, pois assim resultaria numa diversificação econômica, possibilitando também diversificação de investimentos por parte daqueles que já estavam no poder, mas ainda voltados para produções agrárias de um país rural e supostamente atrasado (SOUZA, 2003). A modernização da sociedade brasileira ocorreu de forma hierárquica, implantada de cima para baixo, acrescentando principalmente valores da burguesia aliada a um individualismo que torna-se o núcleo da ideia de modernidade (SOUZA, 2003).

Faoro (1992) ressalta que a modernização é conduzida por um grupo em especial, tal grupo tem interesses numa mudança social, porém garantindo seus privilégios, isto é, preservando velhas estruturas de poder. O processo de modernidade no Brasil perpassa a modernização, ou seja, um grupo específico que buscou modernizar o país através da industrialização, mudanças financeiras e demais reordenamentos sociais, porém tentando transpor-se e continuar enquanto agrupamento dominante nesse novo arranjo social almejado.

Há um constante privilégio personalista e familiar nas relações constituídas na transição da pré modernidade para a modernidade periférica do Brasil (SOUZA, 2003). Nota-se para Faoro (1992) que as classes dirigentes, no processo de modernização, acabam criando uma distância da própria sociedade que ela deseja conduzir e modernizar, uma vez que ainda estão presas a velhas estruturas econômicas e intangíveis de ação. A esquematização, como enfatiza Souza (2003) é justamente o processo de modernização que conta com forças pré-modernas e possibilita uma dominância de agrupamentos sobre as relações modernas, propiciando assim dualismos, indecisões, confusões e indeterminações nesse processo.

Historicamente a modernização no Brasil sofreu influências diretas de Portugal, devido ao processo de constituição do estado brasileiro. Durante o governo de D. João há uma das primeiras tentativas de modernização que se daria através da política, estabelecendo um controle social através da estabilização da

própria organização hierárquica do Estado, possibilitando a mão de obra escrava até mesmo como um modelo de modernidade inautêntica e importado. Importante ressaltar que em tal contexto a busca primordial se dava através de uma tentativa de favorecimento e manutenção do poder de alguns setores já privilegiados tais como o clero e nobreza.

Desse modo, Faoro (1992) ressalta que os caminhos para se atingir o desenvolvimento não podem seguir um único padrão, uma vez que as condições econômicas, históricas e políticas dos países são singulares. Ao buscar alcançar um patamar de igualdade com outros países um grande preço é cobrado, pois se aliará misérias do passado com as misérias atuais, é necessária uma compreensão particular, individualizada e não simplesmente uma transposição de modelos supostamente hegemônicos. Nesse sentido Souza (2003) aponta que é necessária uma adaptação das condições físicas e também espaciais, gerando em cada sociedade uma forma particular de lidar com o imaginário e compreensão dela mesma. Tal processo seria necessário para implantar e sustentar uma transição para a modernidade.

Podemos evidenciar essa problemática no processo modernizador do Brasil, pois é um país que enfrentou e buscou se modernizar já num contexto de intensa industrialização e hegemonia de outros países. O avanço da técnica e das tecnologias num país ainda de condições agrárias deixa em sua trajetória um amplo rastro de miséria, desigualdades e principalmente desperta uma ilusão. O cenário brasileiro possui diferentes marcas dessa modernidade, sem que houvesse uma compreensão real e particular dos caminhos para a implantação e consolidação de tal processo.

Estradas de ferro, minério, agricultura, carvão e industrialização, foram apenas algumas das diversas tentativas de modernização do país, sempre através de atos e impulsos superiores, onde a população não expressava sua voz, manifestando apenas sua força de trabalho, por vezes apropriada de forma banalizada (FAORO, 1992). A escravidão propiciou um contexto singular a análise brasileira de modernidade, uma vez que ela é particular no processo de formação social brasileiro, devida a duração, construção e impulso econômico que tal forma de trabalho propiciou durante mais de três séculos (SOUZA, 2003).

Jessé de Souza (2003) distingue as modernidades, havendo aquelas que são centrais e aquelas que são periféricas, como a do Brasil, enfatizando que nas modernidades periféricas realiza-se um grande esforço para naturalizar as desigualdades sociais. Tal afirmação reforça a tentativa de manutenção de uma classe sob as demais, buscando manter as estruturas de poder já consolidadas, possibilitando a elas a perpetuação, mesmo em meio a um processo de mudança modernizadora, como ressalta Faoro (1992).

Dessa forma Souza (2003) evidencia que a modernidade na nova periferia não possui eficácia tal como nas velhas periferias, justamente devido ao contexto que antecede tal processo, propiciando diferentes formas de desenvolvimento de uma modernidade, porém de acordo com as regiões. Souza (2003) afirma que o Rio de Janeiro foi a cidade que recebeu o maior impacto modernizador na primeira metade do século XIX, propiciando regiões nitidamente modernas e outras sem nenhum vestígio de tal processo, porém um outro elemento seria de extrema necessidade: o despertar da consciência na população de um projeto modernizador que fosse autônomo e autêntico.

Sendo assim a modernidade no Brasil tem um contexto singular, uma vez que tal processo é inacabado. Aquilo que se tem enquanto signo do moderno, por vezes está inserido em contextos de contradições sociais, porém deve-se ressaltar que tais elementos são compartilhados e incorporados por indivíduos das periferias e também de regiões extremamente pobres, sem fácil acesso à educação, à saúde, à habitação e saneamento básico. Modernidade também corresponde a impulsos e desejos de consumo por parte dos signos que ela impõe aos indivíduos. Dessa forma, podemos compreender tal processo enquanto uma característica da sociedade brasileira, impermeada de contradições e perpassado por diferentes domínios globais, reflexo dessa modernidade, onde encontra-se jovens que residem nas periferias com más condições de saúde, educação, lazer e segurança, portando signos últimos dos processos de modernização à nível global.

Dessa forma a modernidade religiosa brasileira também se expressa através da organização do sagrado. O contexto moderno e singular do Brasil possibilita o surgimento de uma infinidade de expressões e instituições religiosas, gerando um contexto religioso plural. Dentro deste cenário surge a Reviver Church,

resultado tanto de uma desregulamentação religiosa quanto da criatividade e autonomia que lideranças religiosas possuem e podem exercer.

3.2 A Reviver Church

O campo de observação desta pesquisa localiza-se na cidade de Londrina, especificamente na Reviver Church, uma instituição religiosa (neo)pentecostal que surgiu em meados de 2014. Em seu período inicial, os cultos eram realizados num galpão alugado na região central da cidade, área que aglutina imóveis antigos e também passa por um processo de desvalorização devido ao “boom” imobiliário pelo qual outra região da cidade vem passando.

Atualmente a Reviver tem sua sede na avenida Maringá, num antigo galpão de uma concessionária da Mercedes-Benz. As dimensões espaciais desse local saltaram a meus olhos, principalmente ao se considerar o curto período de existência da instituição. A localização não poderia ser mais estratégica, pois agora a Reviver está num cruzamento de duas avenidas importantes para o trânsito na cidade. Sua fachada proporciona impacto aos transeuntes, além, é claro, de um amplo hall, iluminado e convidativo que em dias de cultos enche-se de pessoas e altera todo o fluxo de trânsito, por conta da quantidade de carros caracterizando uma face relevante do (neo)pentecostalismo de Londrina.

Ao adentrar é notória uma ampla estrutura de som e iluminação, de extrema qualidade, com um conjunto de telões que transmitem vídeos e a logomarca do Geração Fusion, tudo isso num ambiente climatizado com cadeiras almofadadas que comporta 700 pessoas sentadas e que, em cultos ou eventos, ultrapassa tranquilamente o número de mil pessoas. O valor mensal do aluguel é de 28 mil reais.

É interessante ressaltar que a Reviver está instalada numa localidade que é uma das máximas expressões da modernização da própria cidade que cresce verticalmente. A avenida que dá acesso à Igreja também possibilita o acesso a uma área comercial e residencial vertical com alto padrão financeiro concentrando edifícios comerciais, empresariais e consultórios médicos, além de possibilitar acesso a um ponto turístico da cidade, o lago artificial Igapó. A Reviver, enquanto uma organização religiosa moderna é a expressão do processo de

modernização urbana que a cidade vem sofrendo. Vejo-a como um elemento condizente com os edifícios e empreendimentos globalizados que caracterizam a recente e altamente valorizada região da Gleba Palhano.

A origem dessa instituição se deu através de uma cissiparidade¹⁴, transversalmente a um rompimento com a Igreja do Evangelho Quadrangular. Nessa antiga instituição, Ricardo Batarse, pastor líder e fundador da Reviver, já tinha certa projeção no cenário regional (neo)pentecostal. Identifiquei nos fiéis que vieram da Quadrangular uma narrativa que evidencia a força, aproximação e familiaridade, características estas evidentes no líder. Suponho que tais características possibilitaram ao líder, em tão curto período, estruturar uma instituição independente, uma vez que a Reviver não possui lideranças maiores além de Ricardo e nem mesmo é uma rede de Igrejas espalhadas por todo o país. Sendo assim ela tornou-se uma instituição de grande porte e reconhecida em todo meio protestante da região metropolitana de Londrina.

Durante uma pregação, Ricardo afirmou que já fundara e ajudara a consolidar 29 Igrejas. Creio que a maior parte desse total é de Igrejas do Evangelho Quadrangular, devido ao longo período em que fez parte dela e transitou por várias cidades. A Reviver Church, era um “sonho de amor” que ele tinha, estando Pastor Ricardo ainda aberto aos desígnios de Deus, tal como abrir uma Igreja nos Estados Unidos, conforme relatou num culto dominical. Tal sonho que um dia poderá ser realizado, faz com que seja necessário fortalecer lideranças, buscar homens e mulheres de Deus para congregarem na Reviver Church.

Ricardo tem um percurso de vida marcado por rupturas e novos inícios, evidenciando uma característica marcante do meio (neo)pentecostal, de modo geral e que também já perpassa os percursos de vida dos jovens, o trânsito religioso, temática que será tratado nos próximos tópicos. Ricardo não nasceu no meio pentecostal foi convertido há aproximadamente 20 anos e teve uma longa passagem pela Igreja do Evangelho Quadrangular. Após anos de dedicação e consolidação de diferentes templos Ricardo estava consolidado enquanto pastor de uma unidade da Igreja do Evangelho Quadrangular, localizada no centro de Londrina-PR. Porém inesperadamente foi surpreendido com uma mudança de cidade imposta por lideranças superiores. Tais decisões não competem a lideranças

¹⁴ Ver Almeida & Monteiro (2001)

locais, nem mesmo a suas escolhas, pois essa rede de Igrejas é internacional e segue uma estrutura hierárquica própria. O afastamento de Ricardo provocou uma completa comoção entre os fiéis que seguiam o líder.

Notei que a figura de Ricardo conseguia sobrepor-se à própria Igreja Quadrangular. Observava nos jovens e fiéis da Reviver Church uma filiação bastante forte à figura de Ricardo, sendo inegável a capacidade de unificar pessoas e encher o salão principal, uma vez que os fiéis o consideram abençoado, prático, descolado, animado e instrumento de ação do espírito santo. O rompimento de Ricardo com a Igreja do Evangelho Quadrangular pode ter sido impulsionado por disputas de poder dentro dessa Instituição, uma vez que a decisão de o tirar do maior templo de Londrina para designá-lo ao interior, evidencia uma necessidade de afastá-lo do contato com o grande público e conseqüentemente enfraquece-lo enquanto indivíduo e pastor.

Souza (2015) elenca algumas dificuldades e problemáticas que envolvem grandes redes de instituições religiosas, tal como a Igreja do Evangelho Quadrangular. Por vezes as lideranças são sufocadas devido a burocracias internas, prestação de conta, formação ou mesmo cumprindo papéis administrativos e burocráticos, dedicando-se menos a obra e mais aos trâmites legais. Sendo assim os pastores acabam por se distanciar dos seus fiéis, uma vez que a hierarquia interna e afazeres burocráticos acabam por tomar parte primordial do tempo.

Dessa forma, parte da comunidade, após determinarem que Ricardo seria transferido, não acatou bem tal imposição, nem mesmo o próprio pastor. Em razão desse fato específico ele desligou-se da Igreja do Evangelho Quadrangular. Com o apoio de alguns fiéis que também deixaram a Igreja, iniciando naquele momento o sonho de uma Igreja própria, independente, desvinculada de hierarquias e redes. No início, ainda em 2014 na mesma semana do rompimento, Ricardo começou a realizar cultos numa praça central da cidade.

Posteriormente, já com alguns membros organizaram-se e alugaram um espaço nas proximidades da praça, dando início assim a Igreja Reviver. Ressalto que o nome da Igreja não surgiu de imediato, sendo ele decidido após algumas semanas, pois como relatam alguns indivíduos, tudo aconteceu de forma bastante imprevisível e rápida, evidenciando que já havia um grande propósito de Deus. A

mudança para a Gleba Palhano ocorreu após um curto tempo, evidenciando uma maior consolidação da Igreja.

Retomando a discussão a respeito da caracterização da Reviver Church, faz-se necessário ressaltar algumas particularidades da membresia dessa instituição religiosa. Os fiéis são amplamente incentivados a serem investidores, a buscarem aumentos salariais e melhor inserção profissional, seja através dos estudos ou de demasiada dedicação à empresa em que se trabalha. Em algumas ocasiões presenciei testemunhos de fieis, especificamente de um porteiro, uma segurança e uma vendedora, enfatizando o poder de Cristo e também do dízimo em suas vidas, uma vez que a relação financeira possui grande centralidade, sendo sempre lembrada nos cultos e motivadora das orações, seja com os jovens ou com os adultos nos cultos de domingo. A concepção que perpassa a Reviver é aquela mesma do puro neopentecostalismo, onde ser cristão é ser filho de Deus e co-herdeiro do trono e de todas as coisas que existem na terra (MESQUITA, 2007).

O dízimo, ou mesmo falar a respeito de dinheiro, prosperidade ou fracasso financeiro não é um constrangimento nessa Igreja; há grande ênfase nesse assunto, as pregações perpassam tal temática, existindo um momento específico para falar sobre dízimos e ofertas, assim como em todo culto religioso. As lideranças, nos cultos dos jovens, constantemente mencionam que as cadeiras almofadadas custam dinheiro que o ar condicionado, o som, as luzes e tudo o mais é pago com o dinheiro do dízimo, ressaltando a importância dos fiéis em contribuir com a obra divina através da materialidade.

Em certa ocasião uma das pastoras enfatizou que o mundo espiritual sabe da vida financeira de todos e de quando fecha o mês, fazendo alusão ao mês financeiro, aos gastos previstos, sendo o dízimo obrigação de todo e qualquer fiel. Os jovens devem devolver o dízimo, não sendo ele obrigação apenas de quem trabalha, mesmo para aqueles que só tem 10 reais na carteira ou o dinheiro para comer um lanche após o culto.

Ricardo em diferentes momentos conta testemunhos próprios, ou de amigos que envolvem questões financeiras e a fé. O dízimo é tido por eles enquanto um sacrifício necessário, pois há uma confiança na divina providência de que tal quantia se multiplicará. Esse contexto evidencia algumas características das Igrejas (neo)pentecostais, pois seu público, por vezes está numa constante incerteza

financeira e busca por ascensão social, ainda mais devido à localização e público que essa Igreja consegue atingir.

Ressalto que existem pessoas em excelentes situações financeiras e até mesmo aquelas em condições precárias e de extrema vulnerabilidade social. As altas quantias ofertadas em dízimos, por vezes, são enfatizadas no púlpito, tal como a de um atleta que devolveu dez mil reais de dízimo num único mês, evidenciando a generosidade de Cristo na vida do indivíduo. Enfatizo que a palavra 'devolver', é uma expressão do próprio campo, uma vez que existe a concepção de que todos os bens materiais que o indivíduo possui não são necessariamente dele, mas sim de Jesus, de Deus, logo ele não está doando algo que é seu, está apenas devolvendo em dinheiro aquilo que lhe é proporcionado constantemente.

Dessa forma a teologia da prosperidade, se faz presente na Reviver Church, principalmente por ela aglutinar certo número de jovens empresários ou indivíduos que pretendem ser. Tal pretensão se dá estimulada pela própria Igreja, ressaltando um universo de possibilidades e também de olhares, além é claro de se favorecerem entre si. O fechamento de contratos ou prestação de serviços entre os indivíduos que frequentam esse Igreja é algo rotineiro, onde há uma ajuda mútua, legitimando assim o interesse dos fiéis também pela aquisição de bens materiais. Souza (2015) ressalta que os critérios de poder e também de prestígio que os fiéis detém em toda a sociedade são apresentados à comunidade e não passam por questionamentos, ou mesmo deslegitimação, sendo compreendidos como resultados da prática da fé e dos sacrifícios.

Interessante discussão é apontada por Souza (2015), onde faz-se necessária a compreensão do consumo moderno através de duas concepções, a do precisar e do querer. Precisar é uma satisfação, uma real necessidade para as condições básicas do indivíduo, já o desejo vem do querer, não necessariamente da precisão, mas do indispensável às condições de sobrevivência. Noto que a prosperidade vivenciada e pregada nesse meio perpassa exatamente o desejo, o querer; por vezes as pregações e palavras sagradas que envolvem aspectos financeiros vão exatamente e exclusivamente no sentido supérfluo da acumulação e exibição, tal como um carro da Mercedes-Benz, casas, apartamentos, roupas, viagens, relógios, entre outros.

É despertado nos fieis um sentimento romantizado pelo consumo, indo ao encontro de um imaginário popular de ascensão, riqueza e busca pelo prazer. Tais narrativas envolvem até mesmo os jovens, por vezes trabalhadores com ensino médio completo que ainda perspectivam entrar no ensino superior, mas que trazem em seu discurso e argumentação o fato de que serão empresários, já dando dicas, trocando experiências, por vezes frustradas, na constante tentativa de mostrar e vivenciar tal fato, uma vez que sua prosperidade estará diretamente associada a sua fé e ao bom relacionamento com Deus.

Mendola (2005) nos apresenta algumas concepções de risco na modernidade, envolvendo necessariamente a juventude, uma vez que esta tem seu período de transição à vida adulta amplamente dilatado. Para o autor a juventude se dá através da concepção e vivência de um corpo saudável e apto a experimentações, trazendo assim três diferentes abordagens (MENDOLA, 2005). Inicialmente existem os jovens “ainda não incluídos” que exercem treinamento predatório para consolidar uma postura de macho burguês, buscando expressar seu máximo potencial competitivo, aderindo também a uma vida boêmia, numa constante experimentação e despreocupação com a vida, pois a origem familiar lhe garantirá um lugar após a passagem institucionalizada à vida adulta.

Existe ainda os jovens “nas fronteiras”. Esses possuem esperanças em uma melhoria de vida e mobilidade social, buscando até mesmo comportamentos oriundos das elites, sentem as desilusões das promessas, sem reconhecimentos dos mecanismos de premiações sociais, resultando em baixa confiança, sendo uma grande fronteira que atinge fortemente a população jovem. Por fim os “excluídos” são completamente anulados dos processos institucionais de transição para a vida adulta, são oriundos das grandes periferias e vivenciam uma constante destrutividade, sem perspectivas ou realizações.

Nesse contexto, os jovens presentes na Reviver Church, precisamente aqueles que frequentam o Geração Fusion perpassam constantemente a afirmação e reafirmação de que irão se tornar grandes empresários, investidores ou mesmo *youtubers*. O risco de tais proposições é inerente, uma vez que eles pertencem aos agrupamentos oriundos das fronteiras ou mesmo da exclusão. As afirmações da necessidade de arriscar-se, buscar multiplicar ou mesmo criar um patrimônio financeiro são recorrentes. O risco é vivenciado

através da própria incerteza da manutenção e sub-existência de si, uma vez que se deixa um emprego estável e com vínculo empregatício, mas sem perspectivas concisas e consolidadas para tornar-se um empreendedor, investidor ou mesmo personalidade da *web*.

O risco nesse sentido, torna-se associado à fé, à esperança de que poderão ser jovens recompensados e abençoados, uma vez que como ressaltado por Mariano (1999) quanto mais sucedido financeiramente o jovem for, mais esse será compreendido enquanto abençoado e homem de fé, digno de todos os bens mundanos. Os planos para tornarem-se empreendedores são os mais variados, desde venderem chocolates e joias, até mesmo prestar assessorias de assuntos em que nem os próprios jovens obtiveram algum tipo de sucesso.

O fracasso, oriundo de tal risco é compreendido enquanto provação de Deus ou mesmo da falta de fé e de oração. Ao fracassar, é necessário persistir buscar mecanismos não só mundanos, mas espirituais, através de cultos específicos para empresários, compromissos com Deus e desafios de dízimos e ofertas. De maneira generalizada, os jovens dessa instituição religiosa estão buscando ocupar um lugar de destaque na sociedade capitalista em que vivemos. Ressalto que há grande legitimidade da ampla concorrência e mínima intervenção do Estado, uma vez que para os jovens, em seus frágeis discursos o Estado é lento, burocrático e ineficiente. Em outro oposto encontra-se a iniciativa privada, sendo ela eficaz, ágil, incentivadora da igualdade e da meritocracia a todos aqueles que realmente são bons e merecedores da graça, pois o sucesso material está diretamente relacionado com o sucesso espiritual.

Tal situação já foi vivenciada por um dos jovens, sendo por ele enfatizada tal trajetória, pois havia ganho bastante dinheiro, porém sem a glória de Deus e fé, por esses e tantos outros motivos acabou perdendo tudo o que havia construído tão rapidamente. Esse jovem afirma já ter ganho mais de 1,5 milhão de reais por mês, experimentando um poder aquisitivo antes inimaginável. O processo de perda é pouco evidenciado, apenas ressalta que não era convertido e não tinha a sabedoria oriunda de Deus que também é necessária para prosperar, não só materialmente, mas também espiritualmente. Atualmente ele é funcionário numa empresa de treinamentos e cursa Gestão e Negócios à distância numa faculdade dos Estados Unidos, pois afirma que assim pratica o inglês e já adquire a

certificação necessária para ser um empresário e gestor de sucesso. O empreendedorismo voltará a fazer parte de sua vida após a conclusão da graduação, porém ele vem elaborando diferentes roteiros para vídeos no *youtube*, não explicitando qual seria o conteúdo.

Nesse contexto, em certa ocasião informal e fora da Igreja, vivenciei um dos momentos mais constrangedores de todo o campo. Estávamos em seis jovens numa hamburgueria da cidade, o risco, a fé, e necessidade de ser empreendedor ou mesmo investidor é um fato consolidado entre esse núcleo de jovens, todos possuem mais de 25 anos, majoritariamente solteiros e um recém-casado, a esposa o acompanhava, sendo a única mulher da mesa.

Os assuntos giravam em torno da política, principalmente do Partido dos Trabalhadores (PT) e de operações da polícia federal sobre corrupção. Para esse grupo que majoritariamente expressa o perfil dos jovens do Geração Fusion, o juiz curitibano Sérgio Moro é um exemplo de bom cidadão, justo e honesto que está acabando com toda a corrupção no país, oriunda exclusivamente dos governantes petistas que estiveram na presidência até 2015, devido a um processo de Impeachment, sem crimes comprovados, à então presidenta eleita democraticamente, Dilma Rousseff. As afirmações e falas dos jovens tomavam uma entonação de aula, onde cada qual contribuía com seus conhecimentos, certos de que tais fatos e de que suas compreensões, de alta coesão e complementaridade eram amplamente as únicas verdades possíveis, gerando uma conversa sem nenhum atrito ou discórdia.

Como de rotina os jovens começaram a falar de investimentos, de tornarem-se grandes empreendedores a médio prazo, de ideias geniais e impossíveis de não se concretizarem, uma vez que já possuem tudo planejado em suas próprias mentes, mas sem nenhuma execução. Na concepção desses jovens que certamente estão na fronteira, pois não serão incluídos devida a suas origens familiares e não estão em uma total zona de exclusão (MENDOLA, 2005), é uma obrigação do fiel, do crente próspero investir e não poupar.

Os investimentos e principalmente aqueles que se multiplicam são esperados por Deus, é o desejo dele para todos aqueles que cumprem seus preceitos e multiplicam a sua obra, todos os jovens concordavam com tal posicionamento e compartilhavam planos de empreendedorismos. Em certa altura,

ainda nessa ocasião começaram a pensar o que fariam caso tivessem um milhão de reais, todos emitiram sua opinião associando a fortuna a uma multiplicação e investimentos, até o momento que questionaram-me sobre o que faria com tal quantia. Relembro aqui aos leitores um aspecto central de minha metodologia, a de posicionar-me enquanto observador, buscando não confrontar nenhuma visão ou perspectiva pessoal e religiosa dos jovens.

Nessa ocasião apenas disse que não tinha muita ideia do que fazer com tanto dinheiro, talvez compraria uma fazenda, criaria alguns animais e por lá viveria tranquilamente o resto de minha vida. A indignação foi completa, por parte de todos, as justificativas para evidenciar o quanto eu estava errado iniciaram com trechos bíblicos, sobre ser próspero e não acomodado, uma vez que o verdadeiro fiel não busca a tranquilidade, mas sim a multiplicação das graças recebidas. Por alguns instantes fui alvo de todos, cada qual emitindo um “parecer” negativo a minha intencionalidade de ser um homem do campo, pacato e seguro.

Uma jovem, a única da mesa, como ressaltado, disse que tal desejo era oriundo da minha infância, de minhas origens interioranas e caipiras que se tornam nítidas através do meu sotaque goiano, e que por tal motivo eu perspectivava apenas viver tranquilamente numa fazenda, “com minhas vaquinhas e tirando leite”. Concordei com todas as afirmações da jovem, apesar de nunca ter residido na zona rural e de nunca ter sequer encostado a mão numa vaca, evitando qualquer justificativa outra, despistando qualquer atenção da roda para minhas opiniões e pensamentos.

A concepção da jovem vai ao encontro das próprias teorias modernizantes, expostas anteriormente, de que o avanço e progresso se dá fora do campo, na cidade, na indústria e nos meios digitais. O campo está longe de ser um lugar moderno e atrativo para moradia ou mesmo investimentos. O fôlego de todos se passa no mundo dos investimentos, no deslumbre de uma facilidade em acumulação de capital financeiro e da multiplicidade do dinheiro.

“O rico deve sempre ficar mais rico, já o pobre tem por obrigação de fé ser rico”, como afirmou um dos jovens enquanto estávamos numa hamburgueria, sustenta algumas concepções a respeito do risco e do mundo dos investimentos. Nitidamente há uma necessidade de busca constante de uma saída para a situação financeira negativa que possivelmente vivenciam. É dever do crente não se

acomodar, devendo ele buscar meios de possuir mais recursos financeiros, uma vez que isto resultará em mais bens materiais e estes possibilitam mostrar a todos o quanto Deus vem agindo e abençoando. Essa compreensão reforça a ligação direta que existe entre a riqueza material e as bênçãos divinas.

3.3 O Geração Fusion

O culto onde realizo minha investigação é o Geração Fusion que acontece aos sábados, a partir das 20hrs no salão principal da Reviver Church, pois a instituição conta com salões no subsolo, salas de formação, escritórios e outros espaços de amplitude reduzida. O Geração Fusion é um nome dado para a realização de um culto voltado para atrair principalmente os jovens. Criado há menos de dois anos pelo casal Fabiano e Shirley, desafiados, pelo Pastor Ricardo, a cuidar de toda a juventude da Reviver. O nome já expressa uma de suas principais características que é a fusão de jovens, de adultos e de todos aqueles que possivelmente desejam adentrar o espaço sagrado e conquistar o reino dos céus.

É realizado nesse horário típico, porque se espera limitar ou dificultar a inserção dos jovens em espaços mundanos que podem desviá-los de uma conduta cristã protestante e consegue-se, em média, a participação de 40 jovens; porém tal número pode até mesmo triplicar, dependendo da divulgação e da programação do culto. Algumas vezes participei do “Conectados”, um evento em que todo o espaço da Igreja se torna uma balada gospel, com músicas cristãs em vários estilos, jogos de luzes e bebidas não alcoólicas. Nessas ocasiões contabilizou-se mais de 120 pessoas.

Toda a infraestrutura da Igreja é utilizada para os cultos semanais aos sábados, independentemente da quantidade de jovens presentes no local. Às vezes o culto se inicia apenas com 10 jovens e os demais vão chegando. O ministério de louvor é composto por indivíduos bem preparados tecnicamente, jovens com habilidades para tocar e cantar. Pastor Ricardo, durante uma pregação, deixou evidente que a Igreja não pode perder tempo com gente amadora. Se o indivíduo deseja fazer parte de um ministério, deve trabalhar, buscar capacidade técnica, uma vez que somente irão participar do ministério de música aqueles que realmente possuírem qualidade na execução e se profissionalizarem.

Entre novembro de 2016 e agosto de 2017 grandes eventos foram realizados pelo Geração Fusion que, conseqüentemente, divulga o nome da Reviver Church. Algumas bandas reconhecidas nacionalmente no meio Gospel, tais como: Elo Vital, Oficina G3, Preto no Branco, Isadora Pompeo, Gabriela Rocha e DNA, tem atraído ainda mais jovens para essa Igreja. Todos esses eventos são realizados no horário do Geração Fusion, ou seja, há uma intensa e massificadora divulgação atraindo justamente o público alvo deles, os jovens. Ressalto, porém, que todos esses eventos são pagos, apenas o “Conectados” é gratuito. Os ingressos geralmente são vendidos na própria Igreja e também em diferentes lojas e *shoppings*.

Além de realizar os cultos comuns para os jovens, essa Igreja vem se fortalecendo no cenário regional ao conseguir articulações com artistas do meio (neo)pentecostal, pois diferentes caravanas de outras Igrejas de Londrina e região se deslocam para a sede da Reviver. Ultrapassando a capacidade de mil pessoas em pé no salão principal desta Igreja, o Geração Fusion acaba tendo um grande alcance, uma vez que antes de qualquer apresentação dos artistas protestantes é realizado um culto e o nome, dias e horários do Geração Fusion são amplamente divulgados.

Hérvieu-Léger (2015) chama atenção para os grandes eventos do cristianismo, por exemplo as Jornadas Mundiais das Juventudes, evento católico que consegue aglutinar milhões de jovens em torno de figuras religiosas, tais como o Papa, exercendo e intensificando a religiosidade nos jovens. O fortalecimento da religiosidade é apenas um fragmento de toda uma identificação que é construída constantemente, mas que se revela frágil, pois a prática cotidiana solitária para os indivíduos acontece com pouca intensidade.

A Reviver, juntamente com o Geração Fusion, consegue unir diferentes jovens, despertando um sentimento de identificação através de um cristianismo afetivo, “que se constitui, se ativa ou se reativa pela identificação emocional dos sentimentos de pertença comunitária” (HÉRVIEU-LÉGER, 2015, p. 76). Evidentemente parte significativa dos jovens que ocupam esses espaços em *shows* e pregações com líderes e artistas do meio religioso não pertencem a nenhuma Igreja, mas se identificam afetivamente com a dimensão cultural das religiões de matriz cristã protestante. Isso faz com que “a identidade assim

reivindicada não corresponda nem a um engajamento ético particular, nem mesmo a uma convicção de fé realmente constituída, mas que exprimia, antes de tudo, a busca por uma interação social e cultural que eles desejavam preservar e que consideraram portadora de valores aos quais se declaram ligados (HÉRVIEU-LÉGER, 2015, p. 77).

O Geração Fusion em seus cultos cotidianos, sem grandes eventos, é um grupo constituído exclusivamente por jovens com diferentes faixas etárias liderado pelo casal de pastores, Fabiano e Shirley. Pastor Fabiano é um jovem empresário, graduado em administração. Possui uma empresa de treinamento que oferta pacotes de serviços em gestão e *couching* para outras grandes empresas de todo o Brasil. Profissionalmente Fabiano é apto a treinar grandes líderes, a despertar e reajustar lideranças em empresas, além de realizar diagnósticos empresariais, apontando falhas na estrutura e principalmente nas relações do ambiente de trabalho. Shirley foi comerciante durante alguns anos, porém, durante a realização desta pesquisa ela se dedicava integralmente ao pastoreado, oferecendo diferentes horários para atendimento na Igreja e conduzindo outras atividades na Reviver. O casal tem duas filhas, uma de 16 e outra de 18.

Um fato que desperta a atenção é a forma como ambos conseguem realmente transitar entre os jovens. É nítida a reciprocidade. Realmente esse é um casal, que, dentro do possível, se integra com a juventude da Igreja e desperta um carisma nos jovens. Nitidamente existem alguns jovens a que eles dedicam ainda mais tempo e atenção, formando um pequeno e seletivo grupo para trabalhos espirituais, estudos e direcionamentos individuais. Na linguagem nativa, esses são os jovens que estão em processo de discipulado, estão conhecendo ainda mais a religião, tornando-se auxiliares dos pastores. Esses jovens fazem animações, pregam sobre o dízimo e ofertas, além de, aos poucos, irem tornando-se líderes e tendo pequenas responsabilidades na vida religiosa comunitária.

O Geração Fusion é um espaço de socialização, atravessado por uma moral e conduta cristã, obviamente, porém agrega jovens de diferentes condições socioeconômicas. Sendo as juventudes nesse espaço oriundas de diferentes realidades sociais e com diferentes possibilidades de ascensão financeira e profissional, encontram um espaço supostamente pensado para elas, apesar de notar algumas divisões entre os próprios jovens referentes à idade e à maturidade.

De modo geral, alguns classificam os frequentadores desse grupo em “adolescentes” e jovens “de verdade”, tentando deslegitimar a juventude dos outros, por considerá-los indivíduos de pouca idade, porém, ao mesmo tempo, são deslegitimados pelos mais novos, por serem considerados demasiadamente velhos para estarem num culto voltado para jovens.

Os cultos do Geração Fusion seguem sempre a mesma ordem, nada progressista e bem próximo ao que outras instituições realizam, sendo um culto carregado de emoções, músicas, permissividade para pular, dançar, gritar, chorar, abraçar e correr. É notório o espaço dado para um êxtase religioso, possibilitando uma liberação das emoções onde os jovens expressam suas sensibilidades de várias formas, seja dançando, correndo, pulando, chorando ou mesmo repousando no espírito. Todas estas ações e reações são comuns e esperadas pelos indivíduos que frequentam esse meio.

Essa evasão é tão essencial que, por incontáveis vezes, os pastores interrompem a banda, ainda nos momentos iniciais, para advertir os jovens que é necessário se entregar, viver a música, louvar, orar e se manifestar de alguma forma, pois aquele sempre é um momento único e que pode proporcionar uma revolução espiritual em suas vidas. Quando tais interrupções ocorrem, a banda retoma com o som mais alto, vozes mais fortes e eles conseguem alcançar o êxtase religioso desejado pelos pastores e necessário aos fiéis. Esse contexto possibilita um ambiente de libertação, onde o choro flui, as lágrimas escorrem, os abraços são desejados e ofertados, as orações em línguas surgem, os joelhos se dobram e alguns se prostam no chão, num verdadeiro transe.

Silva & Lanza (2009) afirmam que o êxtase religioso vem sendo incentivado em diferentes denominações e tradições religiosas de matriz cristã, uma vez que tal estratégia possibilita uma maior prática de oração, além de abrir espaço para a subjetividade e o fluir das emoções. Tal êxtase é visto como uma forma pura do Espírito Santo adentrar a consciência do indivíduo, levando a uma experiência pessoal e reconfigurando toda sua trajetória de vida, o que refletirá até mesmo na construção identitária do indivíduo. Nesse caso em particular, jovens constantemente buscam referências, compreensão e também alguém para compartilhar de suas angústias. Nas palavras de Silva e Lanza,

... o contato direto com a divindade é um alternativa para encontrar consolo ou respostas para as aflições, dificuldades e problemas do

cotidiano, as quais não são encontradas nas instituições públicas ou privadas que deveriam responder às demandas dos cidadãos: além de ser uma possibilidade de atribuir sentido à sua existência nesta sociedade excludente, e própria à divindade (2009, p. 162).

Diferenças dentro de um mesmo espaço propiciam uma não homogeneidade que reflete na postura e participação deles durante os próprios cultos. Os jovens “adolescentes”, como foi caracterizado por um dos fiéis, são aqueles entre 15 e 20 anos que pulam dançam, cantam e saem de suas cadeiras para ficarem próximos ao altar, dando a impressão de que ali acontecerá um verdadeiro *show*. Já outra grande parcela dos jovens, os “mais velhos”, são aqueles com mais de 20 anos e que já possuem emprego, namoram, dirigem, fecham-se entre seus iguais e possuem outras experiências que não se restringem basicamente ao ambiente escolar ou da Igreja, mas que carregam consigo outras perspectivas e possibilidades. Esses considerados “mais velhos” sempre permanecem sentados, raramente vão à frente do altar e não evidenciam nem metade da empolgação e energia dos jovens “adolescentes”.

Vivendo ambas as realidades dadas a este espaço e ao meu olhar, por vezes estive imerso com os grupos dos “mais velhos” e, por vezes, com os “adolescentes”, compactuando com diferentes experiências, porém frequentando o mesmo local, sob a liderança dos mesmos pastores. Ir à frente do palco, dançar, pular e correr como os “adolescentes” exige um esforço físico. Por mais de uma hora, as músicas são frenéticas, com coreografias ensaiadas, momentos de correr em frente ao palco, pular, agachar, virar para os lados, entre outros, despertando em mim apenas e unicamente uma vontade de sentar em qualquer cadeira, pois o cansaço físico e o suor tomavam conta de meu corpo.

A energia que esses jovens “adolescentes” liberam nos cultos é o bastante para me deixar cansado e ofegante por horas, resultando até mesmo em dores musculares na manhã seguinte. Os movimentos corporais, aliados à música e aos louvores, propiciam um clima de completo esvaziamento, choro e limpeza emocional aos que estão envolvidos. É frequente que alguns jovens chorem por longos períodos deitados no chão, enquanto outros intercedem, gritos são ouvidos, coreografias manifestam-se do corpo dos jovens e palavras são repetidas incessantemente, criando um ambiente de pura e nítida liberação das emoções e de manifestação frente à presença de Deus. Durante tais momentos de êxtase nunca

fui tomado por tais ações ou sentimentos; permanecia em pé apenas observando e evitando um olhar direto aos jovens que ali estavam, para evitar qualquer constrangimento, em diferentes momentos recebia abraços, apertos de mão e também outros jovens orando por minha vida. Porém nunca me senti sensibilizado pelas emoções que fluíam dos jovens ao meu redor.

Notavelmente um grupo específico desses jovens “mais velhos” compartilha a ideia de que seria necessário realizar uma melhor separação na qual “adolescentes” e eles, supostamente os jovens legítimos, tivessem um espaço mais bem delimitado que, houvesse uma restrição real, a partir da idade, para a participação do Geração Fusion. Contudo, nunca presenciei nenhum tipo de restrição desse tipo, pois as lideranças compreendiam que aqueles jovens com menos de 18 anos que lá estavam, tinham a aprovação dos pais e estavam preparados para qualquer assunto que perpassasse o culto.

Um aspecto que chama sempre a atenção é a compreensão das lideranças a respeito da comunidade jovem, encarada sempre como um único e grande grupo. Durante as pregações há um esforço enorme em solicitar que os jovens sejam mais recíprocos, sociáveis e que não se fechem em pequenos grupos de amigos, excluindo os demais e que sejam receptivos, de modo geral, com todos ali presentes.

A juventude é constantemente associada à força, à disposição, à capacidade física, à vitalidade, através do discurso religioso do pastor, porém tais aspectos são notórios justamente no grupo de indivíduos mais jovens, os “adolescentes”. Afirmo isso por notar que são eles quem permanecem mais tempo na Igreja, justamente por não trabalharem e não terem uma vida social tão intensa fora da Reviver. A falta de opções fora da Igreja certamente conduz os jovens a permanecerem e dedicarem mais de seu tempo às atividades religiosas, uma vez que nelas certamente estarão com outros indivíduos de mesma idade, sendo isso também uma forma de lazer, sociabilidade e interação.

Dessa forma, pensar numa separação desses jovens e direcionar o Geração Fusion apenas para indivíduos com mais de 18 anos, possivelmente, não atenderia a proposta que as lideranças têm em relação ao culto, uma vez que elas expressam o desejo de ver disposição, não apenas espiritual, mas também corporal desses jovens. É importante frisar que o Geração Fusion ocorre apenas aos

sábados, porém o Geração Alfa e Geração Zoe ocorrem aos domingos no culto das 19 horas. O primeiro grupo é destinado às crianças, já o segundo aos adolescentes que frequentam o culto com os pais. Por vezes ouço comparações de que os adolescentes do Geração Zoe são extremamente animados que gostam de música alta e dançam muito, porém o espaço físico é diferente, pois o Zoe é realizado numa sala do subsolo da Igreja possibilitando uma sonoridade completamente diferente, além de ser um local escuro e fechado.

Distante de um cenário clássico pentecostal, caracterizado por Mariano (1999), onde os fiéis são majoritariamente pobres, buscam se retirar do mundo, manter usos e costumes que o caracterizam enquanto pertencente a uma religião e compartilham da constante crença na volta de Cristo, os jovens do Geração Fusion se caracterizam por outros elementos. Esses jovens constantemente visam a prosperidade econômica, a cura, a intimidade com Deus, além de do fato de pertencerem a uma instituição religiosa escolhida de acordo com suas afinidades e ideais sobre o mundo e também sobre a religião.

Longe das tradicionais instituições que obrigavam determinadas vestimentas e comportamentos, tais como se fechar para todas as formas de relações que não se passassem pelos irmãos da Igreja, ou mesmo afastar-se da mídia, não produzir riqueza¹⁵, entre outros, na Reviver Church há mais liberdade, nesse sentido. As restrições que são mais lembradas consistem em não utilizar roupas curtas, decotes acentuados, não transar antes do casamento, nem ingerir bebidas alcoólicas. Porém é interessante ressaltar que já presenciei, numa pregação de Pastor Ricardo a afirmação de que não acredita que tomar uma latinha de cerveja seja pecado, mas que para evitar falatório e para manter o testemunho, o crente deveria abrir mão de muitas coisas que também não seriam consideradas pecado.

Ainda sobre estilos e acessórios, bonés, brincos, colares, maquiagem, tatuagens, *piercing*, pulseiras e toucas são permitidos nesse ambiente, não sendo restringindo a nenhum dos estilos juvenis, sejam eles oriundos do *hip hop*, com blusões, calças e camisetas largas, do sertanejo, com botas e chapéus ou mesmo do típico crente, com roupa social, saia *jeans*, terno e cabelos longos. De modo geral, estilos visuais são bem aceitos e até incentivados pelos pastores por trazerem elementos característicos de diferentes juventudes, refletindo assim na

¹⁵ Características típicas dos pentecostais da primeira onda, ver (MARIANO, 1999)

pluralidade cultural que é a cidade e também na capacidade dessa instituição religiosa de cooptar diferentes jovens. Porém entre os jovens é nítida a circulação entre aqueles que se identificam por seus estilos, os agrupamentos se fazem, tais como aqueles onde o principal recorte é a idade, o local de residência, o colégio que estudam, ou mesmo a aproximação e identificação de outros elementos identitários.

Tal mescla de referências e influências se faz presente desde a filha dos pastores que expressa sua preocupação com o fato de estar repetindo a mesma calça em três cultos e se está combinando com o sapato. Existem também as jovens que usam toda semana a mesma camiseta com o nome da Igreja. Alguns nitidamente, pelo conjunto cultural simbólico são oriundos de zonas periféricas sem muito poder aquisitivo e utilizam moletons, bonés e roupas extremamente largas, representando um estilo urbano próximo ao *hip hop*. Porém também existem aqueles que dizem não se lembrar de suas próprias roupas e que não dão atenção nenhuma ao que o outro está vestindo, sendo tal elemento indiferente para qualquer tipo de sociabilidade. Esse, brevemente, é o cenário da Reviver Church.

3.4 Trânsito religioso e juventudes

O trânsito religioso que, aqui será explanado, consiste numa realidade social do cenário religioso brasileiro moderno e também mundial, proporcionando diferentes possibilidades de investigação quando o associamos ao meio (neo)pentecostal. Nota-se constantemente que indivíduos mudam de denominação religiosa e tal mudança é compreendida pelas Ciências Sociais e áreas afins como trânsito religioso ou mesmo mobilidade religiosa. A análise desse fenômeno sociológico parte de uma série de fluxos, com diferentes pontos de origem e de destino, abrangendo diferentes religiões e religiosidades, resultando numa infinidade de combinações que não necessariamente ocorrem apenas uma vez. O trânsito religioso agrega diferentes problemáticas referentes à vida urbana, social, financeira, geográfica, afetiva, psicológica, cultural, espiritual, juvenil, familiar, entre outras.

A noção de trânsito religioso

... aponta, pelo menos, para um duplo movimento: em primeiro lugar para a circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas, descrita pelas análises sociológicas e demográficas; em segundo lugar, para a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas

nesse projeto de justaposições, no tempo e no espaço, de diversas pertencas religiosas (ALMEIDA; MONTEIRO, 2001, p. 3).

Compreendendo o trânsito religioso em tal perspectiva, observam-se ambas as mudanças. As mudanças que as instituições religiosas vêm sofrendo, ao longo dos anos, para também adaptar-se às novas demandas, principalmente juvenis e conseqüentemente alterando a forma das práticas religiosas, além das importantes transformações de filiações religiosas, ou mesmo as múltiplas pertencas que os jovens podem ter num cenário sincrético religioso.

Sendo uma ampla temática, com diferentes motivações, faz-se necessário evidenciar as referências e possibilidades teóricas para aprofundar a discussão. É notório que as diferentes formas teóricas e metodológicas de compreender um mesmo fenômeno possuem limitações e não correspondem completamente à realidade, mas sim a aproximações e constatações de diferentes locais e contextos. Dessa forma, serão apresentadas algumas possibilidades de compreensão dessa realidade, perpassando por diferentes autores, para, posteriormente, dialogar tais apreensões com o campo de pesquisa.

Banaggina (2009) interpreta as mudanças de religiões no Brasil através de mudanças culturais. Embora esse eixo analítico seja recorrente para compreender sociedades tradicionais em contato com religiões ocidentais, notam-se algumas similitudes no contexto urbano contemporâneo. Três são as possibilidades dessa mudança de religião a partir de confrontos culturais: a assimilação, quando os agrupamentos, em contato com novas culturas, simplesmente adaptam-nas ao que existia anteriormente; reprodução transformativa que relaciona categorias já conhecidas e antigas ao mundo contemporâneo, modificando as próprias categorias tradicionais; e, por último, a adoção de uma nova cultura por inteiro, não visando adequar o novo ao tradicional, mas sim excluir o tradicional.

O contexto moderno ocidental de intensificação desses fluxos entre diferentes religiões e religiosidades é marcado por uma massiva oferta de filiações religiosas, sejam institucionais ou não. Almeida & Monteiro (2001) e Marinucci (2011) evidenciam que uma das possibilidades desse trânsito religioso é compreendê-lo como resultado da busca por uma religião que seja um produto permanentemente disponível para preencher, amenizar, solucionar ou corresponder a incontáveis problemas e aspirações dos indivíduos.

A forma de inserção dos indivíduos, suas atuações e práticas de fé nos diferentes ambientes, sejam eles tradicionais e consolidados como o cristianismo, ou até mesmo nas recentes religiões e religiosidades New Age, de alguma forma, vêm sendo alteradas, passando a ser cada vez mais permissivas, aceitando novas formas de comportamento seculares e também buscando nesse meio externo influências, referências e construindo seus estilos, para músicas, roupas, comportamento, entre outros. As mudanças nos direcionamentos e formas de atuação das religiões também estão ligadas às necessidades dos próprios fiéis, pois isso reflete na manutenção e filiação dos indivíduos na religião.

Algumas denominações, ou agrupamentos, buscam cada vez mais se afastarem do “mundo” e do processo de modernização, enquanto outras utilizam justamente a maior pertença e inserção para se perpetuarem e conquistarem seus fiéis. A inserção do indivíduo na sociedade, reflete em uma imposição cultural, pois o meio ambiente no qual está inserido possui influência direta, constituindo a língua, vestimentas, músicas, hábitos, entre outros fatores que são base para uma construção identitária. Os bens simbólicos estão presentes em qualquer contexto e exercem influência, fazendo existir aproximações ou distanciamentos de pertencas religiosas, políticas, familiares, entre outras.

Para Ciscon-Evangelista & Menandro (2011), o trânsito religioso equivale à mobilidade religiosa. Essa associação se dá à medida que fatores pertinentes à mudança também representam uma adequação do indivíduo às características e exigências de um novo grupo. A filiação a um novo grupo religioso pode corresponder a uma mudança impulsionada pelo contexto familiar, político, simbólico, a existência de lideranças carismáticas ou mesmo por ser um ambiente mais acolhedor e que sejam próximos às posturas dos indivíduos em relação aos problemas cotidianos.

Diariamente a convivência em sociedade coloca todos em contato com indivíduos diferentes, oriundos de diversos meios sociais, com suas crenças, práticas e compreensões distintas. As características presentes no indivíduo podem ser constantemente reforçadas e modificadas para que ele se enquadre em diferentes círculos sociais. As instituições religiosas, por vezes, através de imposições que recaem nas vestimentas, comportamentos, sexualidade e também no modo de compreender a vida particular e dos demais fiéis, podem intensificar o

desejo de um indivíduo em fazer parte desse meio. Olhar o outro e identificar nele características que foram amenizadas ou intensificadas pela pertença religiosa, por vezes proporciona uma aprovação ou rejeição a tal comportamento e prática religiosa (BANAGGIA, 2009).

A definição de identidade é dada por múltiplas pertenças e também a partir da compreensão do próprio sujeito a respeito de seus grupos. A identidade social de um indivíduo pode ser definida como a compreensão de seu próprio pertencimento a determinados grupos sociais, pertencimento ao qual atribui um significado emocional e de valor. Se existem grupos sociais com os quais o indivíduo se compara, “se identificando ou se diferenciando, a noção de identidade surgirá da articulação entre o “igual” (entendido de forma estendida, dentro dos limites da compatibilidade) e o diferente” (CISCON-EVANGELISTA & MENANDRO, 2011, p. 193)

Dessa forma, os grupos nos quais o indivíduo está inserido darão suporte para a construção ou alteração da sua identidade, limitando ou expandindo sua inserção nos diferentes meios sociais. Pertencer a certo grupo corresponde a uma identificação, porém os fatores que levam a tal identificação ou mesmo necessidade de reafirmação podem percorrer um longo trajeto, podendo o trânsito religioso não ser resultado apenas de forças místicas ou divinas, mas também motivado por problemas e soluções práticas do cotidiano.

A vida conjugal, familiar, profissional, política e financeira também possuem importante peso na mobilidade religiosa. Através de um levantamento quantitativo com casais de diferentes origens familiares pertencentes a uma Igreja Neopentecostal, Ciscon-Evangelista & Menandro (2011) demonstraram que fatores como a praticidade de locomoção até a Igreja, a vida matrimonial, simpatia ou empatia com o líder religioso, as músicas, a identificação com a comunidade e a inserção de amigos na religião possuem extrema relevância no contexto do trânsito religioso.

A facilidade em participar de um meio social, no qual amigos e pessoas próximas já compartilham de valores, é importante quando se analisa tais fenômenos do trânsito religioso. A conduta moral é alterada, facilitando ou dificultando a permanência em diferentes ciclos sociais, nos quais o sujeito constantemente está inserido, [...] “a razão disso é que muitas vezes a conversão

não tem a ver com a busca de uma ideologia e sim com a adequação do próprio comportamento religioso com o de amigos e familiares” (MARINUCCI, 2011, p. 105).

Ao associar o trânsito religioso, em face de uma mudança geográfica, evidenciam-se diferentes fatores. Marinucci (2011) ressalta que o trânsito religioso num contexto migratório ocorre devido à necessidade da reconstrução de alguns laços ou mesmo de uma sensação de pertencimento à comunidade de seu novo espaço geográfico. A necessidade de se integrar a uma rede de valores, ou mesmo de se sentir pertencente a certo grupo, como ressalta Ciscon-Evangelista & Menandro (2011), são aspectos fundamentais para a consolidação de um migrante, por exemplo.

Pertencer a um grupo identitário, a uma comunidade que compartilhe os mesmos valores e o desejo do indivíduo de se adequar a ela, representa um grande peso no trânsito religioso. Tal trânsito, cada vez mais fragmentado e com diferentes motivações, apresenta um contexto em que a religião já não é herdada dos familiares e nem mantida à risca durante toda a vida (HÉRVIEU-LÉGER, 2015). Dessa forma, reforça-se o ideal de um mercado de bens religiosos em que a cada momento e dependendo da necessidade, o indivíduo poderá mudar sua filiação religiosa, transitando de diferentes origens, para diferentes lugares.

A modernidade propicia diferentes fenômenos e compreensões a respeito do religioso e do sagrado. É evidente que há uma mercantilização dos bens sagrados, bens que articulam o material e o simbólico, materializando-se em imagens, objetos, livros e uma infinidade de artefatos frequentemente comercializados, porém possuidores de um signo sagrado em si.

A fé, compreendida enquanto uma mercadoria disponível para ser consumida, desdobra-se em infinitas possibilidades, reforçando, por vezes, um aspecto mercantilista da religião, através de diferentes religiões e religiosidades. O mercado de oferta simbólica é amplo, a concorrência é acirrada e a disputa pelos fiéis é intensa. Essas características mercantis, como dito anteriormente, influenciam diretamente o trânsito religioso, possibilitando ao indivíduo um amplo espectro de escolhas que atendam às suas necessidades, sejam elas momentâneas ou não.

Almeida & Monteiro (2001) reforçam que essa mercantilização da fé enquanto motivador do trânsito religioso facilita e propicia uma maior ressignificação

das crenças religiosas. A constante circulação de diferentes pessoas nas mais diversificadas instituições religiosas, proporciona mudanças de práticas e crenças que acabam por possuir características bastante similares. Os autores ainda identificam fluxos específicos do trânsito religioso, evidenciando religiões doadoras e outras receptoras, temática que será debatida à frente.

A mobilidade social (CISCON-EVANGELISTA & MENANDRO, 2011), ou mesmo *locus* para Novaes (2004), é a busca por uma identificação e um reforço de valores que ressalta a mobilidade social e as motivações do trânsito religioso, afastando novamente a filiação religiosa de aspectos espirituais ou mesmo teológicos.

Novaes (2004) enfatiza que a aproximação, especificamente do jovem, com a religião está relacionada à busca por um grupo de pertencimento. A insegurança familiar, perda de familiares e até mesmo aflições com o futuro profissional fazem parte das motivações dos jovens em ter um agrupamento religioso ao qual pertençam e que possam depositar suas angústias, expectativas. A religião passa a ser um *locus* de pertencimento para os indivíduos jovens, que, influenciados e respaldados pela crença e o valor social, fazem da religião/instituição a sua principal formadora de opiniões e comportamentos.

As diferentes concepções sobre juventudes, expostas a seguir, seja com relação à transição para a vida adulta, ao valor da juvenilização ou as ideias de rebeldia, moratória social, dentre outras, evidenciam que as diferentes religiões e religiosidades não só do ocidente, mas também do oriente, buscam atingir os jovens. A energia, supostamente revolucionária, a coragem, o desprendimento, a maior disponibilidade de tempo e o desejo de descobertas vêm sendo enfatizados e valorizados pelas religiões, implicando diretamente no trânsito religioso.

Este fato ocorre porque os jovens buscam uma religião que se adapte às suas necessidades e a seus desejos, não necessariamente frequentando a mesma denominação dos pais, ou uma religião que pertença a mesma matriz. Dessa forma, os jovens acabam constituindo um importante agrupamento de fiéis, consolidando uma base religiosa necessária para a manutenção de qualquer religião ou religiosidade, além de irem aos poucos tornando-se líderes desses movimentos.

As juventudes, também pensadas enquanto um signo a ser consumido, encontram espaço nas religiões. O consumo de bens materiais está

associado a quaisquer práticas religiosas, seja pelo consumo de um livro sagrado, de vestimentas específicas, adereços, como pingentes ou colares e até mesmo camisetas com frases religiosas ou institucionais. Os adereços religiosos utilizados conseguem identificar e demarcar uma identidade desses jovens, o que é relevante para o contexto juvenil e também para o consumo material. Tal perspectiva apresenta características intrínsecas de uma juvenilização, enfatizada por Groppo (2015), onde a juventude se torna um símbolo a ser amplamente consumido por toda a sociedade.

Alguns agrupamentos religiosos insistem justamente nesse aspecto do consumo para intensificar a presença dos jovens. Valorizar signos de uma cultura de massa, com características do meio juvenil integrando-os a uma concepção doutrinária da religião é a saída utilizada por diferentes segmentos religiosos. Por exemplo, dar visibilidade ao uso do jeans, bonés, pranchas de *surf*, pulseiras e equipamentos eletrônicos, reforçando características juvenis, é um meio de provocar uma identificação do jovem com a religião. Estas e outras apropriações podem ser notadas em movimentos religiosos, como o “Santos de calça jeans”, oriundo da Canção Nova ou mesmo no altar da Igreja Bola de Neve, onde utiliza-se uma prancha de *surf* como púlpito sagrado. No Geração Fusion o púlpito é um Tonel azul. Esses breves contextos, entre tantos outros possíveis reforçam a perspectiva de que os signos das juventudes são capazes de serem influentes e se ressignificarem, sendo eles utilizados e apropriados pelo meio religioso.

Existem infindáveis formas dos agrupamentos religiosos utilizarem os jovens, aqui também pensados enquanto uma força social capaz de propiciar profundas modificações sociais (GROPPO, 2004, 2010). Os aspectos materiais e culturais nos quais estão imersos resultam em diferentes estilos e emoções, possibilitando diferentes aproximação dos jovens com o meio religioso e do meio religioso com os jovens. Dessa forma, o jovem é encarado enquanto possuidor de uma força necessária para a renovação da sociedade; simultaneamente ele torna-se objeto de desejo para as religiões e religiosidades, sendo por vezes incumbido da missão de levar amigos, familiares e dar continuidade à obra.

O trânsito religioso entre as diferentes religiões e religiosidades possibilitam aos jovens uma ampla experimentação, pois, paulatinamente, na sociedade ocidental, o fato de não professar uma religião familiar deixa de ser

constrangedor. A mudança e a experimentação de diferentes vertentes religiosas, por vezes, até enriquecem a trajetória, dando plausibilidade e experiência aos indivíduos. O rompimento com a religião familiar pode ser compreendido através do olhar de uma juventude rebelde, que, durante certo período, filiou-se a outra instituição, ou mesmo se desvinculou de qualquer manifestação religiosa.

Compreender os infindáveis aspectos da mobilidade religiosa de jovens requer uma ampla imersão, sendo necessário compreender agrupamentos específicos das diferentes juventudes. O recorte em classe, gênero e até mesmo posição geográfica incidirá diretamente nas análises do objeto.

O jovem, enquanto um indivíduo dinâmico e inserido em diferentes fluxos sociais, exige um olhar detalhado e atento. As possibilidades de mudança, seja de costumes, físicas, ou até mesmo de ambientes, desencadeia uma série de novos fenômenos que indiscutivelmente reconfigura o indivíduo. Tal reconfiguração se dá através de inserções, pois, constantemente, o jovem transita em diferentes meios, porém pode não se filiar a nenhum, ou estar em busca apenas de novas experiências

Revelando um aspecto notório, Almeida & Monteiro (2001) evidenciam que os católicos são os que mais perdem fiéis, apesar de permanecer como o maior grupo religioso no Brasil. São doadores para o pentecostalismo e também para os sem religião. Os kardecistas, predominantemente, são oriundos do catolicismo e são doadores para os sem religião. Os sem religião recebem fiéis de todos os segmentos, sendo receptores universais e doadores para o pentecostalismo. Os pentecostais possuem fiéis oriundos de religiões de matriz afro, católica e protestante histórica. Os protestantes históricos são doadores para os sem religião e para os pentecostais, já os pentecostais e protestantes históricos são em sua maioria oriundos do catolicismo.

O processo do trânsito religioso engloba uma mudança de crenças que também é uma conversão de valores, porém acompanhada de uma mudança social, que pode ou não ser radical. O indivíduo reorganiza sua vida em torno de uma nova comunidade, ressaltando os aspectos do seu novo grupo e, por vezes, desprezando as características do antigo grupo social, possibilidade já elencada por Banaggia (2009). Tal possibilidade de desprezar os conhecimentos adquiridos anteriormente em outra religião é passível de questionamento, uma vez que os

trânsitos religiosos dos indivíduos podem justamente ser um diferencial para o crescimento na nova religião. A Igreja Universal do Reino de Deus é um nítido exemplo desse fenômeno, justamente por se apropriar de ex lideranças da umbanda e do candomblé, demonizando seus deuses e produzindo um espetáculo midiático e de fé, ao supostamente expulsar as entidades dos seus fiéis.

As transformações no campo religioso brasileiro constituem interessantes investigações, que podem resultar numa maior compreensão da religião em um país sincrético, com práticas religiosas de múltiplas influências. O crescimento do percentual de evangélicos e a diminuição dos católicos é uma realidade, propiciando que as futuras gerações tenham cada vez menos contato com a religião que foi e ainda é predominante no país (ALMEIDA & MONTEIRO, 2001).

Os autores também apresentam outros interessantes dados sobre o trânsito religioso dos brasileiros. As mulheres são as que mais professam uma religião e também as que mais transitam entre as diferentes matrizes religiosas. Os indivíduos com muito poder aquisitivo, ou com pouquíssimo, são os mais fiéis às religiões, ou seja, são os que menos transitam. De modo geral, os pentecostais, os sem religião e os protestantes históricos são os que mais ganham adeptos, proporcionalmente ao número de indivíduos que também sai desse segmento.

A respeito das juventudes a pesquisa *Perfil das Juventudes Brasileira*, realizada em 2013, ressalta que 56% dos jovens se declaram católicos e 27% evangélicos, aqui abrangendo todas as denominações e vertentes, evidenciando um cenário nacional previsível de queda dos adeptos ao catolicismo e avanço do pentecostalismo em 5%, quando comparado aos últimos 10 anos. Sofiati (2009) afirma que os jovens ainda mantêm características semelhantes quando comparados aos anos 90, sendo a mudança crucial o constante aumento a filiações pentecostais, sejam elas católicas ou evangélicas.

Cognalato (2007) ressalta que a modernidade e o meio evangélico, de modo geral, são dois fenômenos que se unificam perfeitamente, possibilitando uma readequação do fiel, no sentido de ele constantemente adaptar sua fé. Existindo um grande mercado de ofertas denominacionais, cada vez mais os vínculos são frágeis e frouxos, fazendo que quaisquer outras ofertas o seduzam, desencadeando, assim, a mudança de denominação. Outro elemento central é que

as Igrejas buscam oferecer diferentes especialidades, atendendo primordialmente as subjetividades dos fiéis.

Ao ofertar um produto diferenciado, o fiel torna-se um peregrino¹⁶ nas diferentes instituições, buscando satisfazer suas subjetividades e necessidades individuais. Sendo assim, depara-se com uma forma de se apropriar das diferentes pertencas religiosas que cada vez mais tornam-se subjetivas e individualizadas, ou seja, é necessário atender as satisfações e aspirações pessoais, caso não atendam, é de se esperar que o fiel vá em busca de outra denominação.

Oliveira (2008) observa um interessante movimento no campo das religiões, sendo o trânsito religioso intra-pentecostal, um movimento de mudança de religião, porém dentro da mesma matriz. Um jovem pode transitar facilmente entre diferentes Igrejas pentecostais, neopentecostais, batistas e históricas, mudando de instituição e também de segmento religioso, mas permanecendo dentro do meio “crente” ou protestante. Dessa forma o trânsito religioso intra-pentecostal é resultado de uma desregulamentação e fragmentação das instituições e também das pertencas religiosas. Outro fator relevante é que há uma pulverização de denominações, apresentando diferentes teologias, preceitos, compreensões do sagrado, rituais, condutas e aceitabilidade de indivíduos.

A insatisfação com o próprio comportamento, problemas financeiros, cura de doenças, busca por um maior “avivamento”, desemprego, problemas afetivos, problemas emocionais e solidão são características presentes também no trânsito religioso intra-pentecostal. A mobilidade religiosa evidencia um fenômeno social com dinâmica própria, em que o sujeito e suas subjetividades estão constantemente em exposição. A modernidade e o constante fluxo de informações acentuam a visibilidade das religiões e dos indivíduos que a ela pertencem e isso não anula ou diminui o interesse ou fascínio dos indivíduos pelo aspecto religioso, ao contrário, pode até mesmo intensificá-lo (PITTA & FERNANDES, 2006).

Sendo assim, circular entre as diferentes denominações religiosas de uma mesma matriz é um fenômeno que se pode observar constantemente, uma vez que as Igrejas do meio evangélico/(neo)pentecostal, constituem-se basicamente por rompimentos de lideranças, fragmentação de ministérios, entre outros. A título de exemplo, o pastor R.R Soares, liderança máxima da Igreja Internacional da Graça

¹⁶ Este conceito será mais bem explorado ao longo do texto.

de Deus, saiu de dentro da Igreja Universal do Reino de Deus, três anos após sua fundação. A Igreja Mundial do Poder de Deus, sob a liderança de Valdomiro Santiago, também se ergueu após a saída deste pastor da Igreja Universal. Esses são alguns dos casos de rompimentos de lideranças mais evidentes que são visíveis na TV aberta.

Tal ordenação e organização se dá por um movimento identificado por Almeida e Monteiro (2001) que expõem sobre o contexto de crescimento das Igrejas de matriz evangélica/pentecostal, todos se dão a partir de cissiparidades, ou seja, de rompimentos e fragmentações, gerando a ordenação apresentada acima. Sendo assim os pastores e líderes começam suas “carreiras” em outras instituições, geralmente naquelas mais consolidadas e vão galgando cargos na hierarquia e posteriormente, seja por um mover do espírito santo ou por uma lógica de mercado, apostam e abrem suas próprias denominações.

O trânsito religioso intra-pentecostal é recorrente nesse ambiente, principalmente pelo contexto das lideranças que se constituem a partir dessas mudanças de denominações, acarretando trajetórias únicas e marcadas por rompimentos, fragmentações e novas filiações. Como enfatiza Cognalato (2007), parte dos fiéis e das lideranças definem sua própria forma de religiosidade, buscando adequá-la a suas necessidades, portanto recai-se novamente no sagrado enquanto uma metáfora do mercado.

Realizando uma pesquisa em São Bernardo do Campo (SP), especificamente sobre o trânsito intra-religioso, Oliveira (2008) evidencia que a busca por outra denominação religiosa de fiéis evangélicos faz com que

As novas propostas no mercado religioso não podem, portanto, afastar-se demais da experiência já conhecida pelos indivíduos, os quais fazem sua própria combinatória religiosa a partir das suas afinidades e experiências já assimiladas. O diferente não é tão diferente, o novo não é tão novo e, portanto, a mudança não é tão radical e profunda (OLIVEIRA, 2008, p. 8).

O reconhecimento das experiências anteriores dos indivíduos acaba por formar e consolidar uma identidade religiosa, reconhecendo características e até mesmo dons que já eram utilizados em outra denominação religiosa, assim como os jovens que constantemente fornecem novos códigos, condutas e compreensões para o ambiente religioso, seja introduzindo uma música, uma forma de louvor, ou mesmo apresentando algum artista da fé, além é claro de utilizar as experiências

anteriores como fator de legitimidade e diferenciação, afinal, todos já realizaram algum trânsito religioso.

3.5 As possibilidades analíticas das juventudes

A juventude, como uma ampla categoria, pode ser observada através de diferentes parâmetros. Cotidianamente é compreendida apenas como categoria etária e biológica, na qual as delimitações de idade por vezes definem-se de acordo com interesses de órgãos públicos que delimitam tal faixa para melhor operacionalizarem, seja através de políticas públicas ou mesmo o código penal, definindo um alvo específico. A juventude assim pensada, através de um viés puramente etário é extremamente fluída e maleável no atual contexto, podendo a delimitação servir a diferentes interesses específicos.

Para Groppo (2004), as idades, apreendidas através dos anos, constituem um dado objetivo e determinante, uma forma “prática” para todas e quaisquer ações destes indivíduos ou mesmo para a atribuição dos seus direitos e deveres, uma vez que se busca certa universalidade através de dados quantitativos. Esse viés positivista acaba por vislumbrar que, por meio das idades, haja determinações que sejam naturais no processo do desenvolvimento do ser humano. As idades etárias não têm caráter absoluto e universal, elas são

[...] produto da interpretação das instituições da sociedade sobre a própria dinâmica, a juventude é uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres, é uma categoria que opera no imaginário social, quanto é um elemento “estruturante” das redes de sociabilidades. (GROPPO, 2004, p. 11)

Para esse autor, a modernidade implica diretamente na concepção de juventude enquanto uma categoria etária, sendo pensada como uma categoria universal que se constitui através de um viés etário, reflexo de leis naturais oriundas de um pensamento ideológico e liberal que acaba por gerar uma padronização da vida dos indivíduos. A modernidade, aliada à burguesia, propiciou mudanças no seio social, afetando a todos de alguma forma.

Abordarei a juventude enquanto uma categoria socioantropológica e histórica, que vem sendo lentamente construída, com avanços e retrocessos ao longo de todo o processo social, especificamente do ocidente. Dessa forma, não

busco delimitar ou definir a categoria de juventude, mas expor diferentes abordagens que possibilitem um diálogo com o objeto da pesquisa, perpassando diferentes conceitos e pesquisadores da temática.

Pensar a juventude como uma categoria analítica, ou mesmo num grupo homogêneo de comportamento social, requer perpassar algumas correntes teóricas e levar em consideração que tal categoria está diretamente implicada com outras: classe social, etnia, gênero, nacionalidade, religião, urbanização, desenvolvimento socioeconômico, entre outros (GROPPO, 2004). Groppo (2009) apresenta uma possível síntese das compreensões. Inicialmente ela, a juventude, compreendia um período de rebeldia e delinquência, sendo considerada inconsequente e revolucionária, representando uma transgressão da sociedade e dos valores nela instalados, além de ser encarada como uma etapa da vida, pressupondo uma constante e linear evolução do trajeto da vida.

Predominou, até 1970, uma concepção das juventudes numa perspectiva funcionalista que sempre a abordava enquanto um período de integração à sociedade adulta e como moratória social¹⁷. A Sociologia e a Antropologia, ao se debruçarem sobre problemáticas urbanas, também voltaram sua atenção para o estudo das juventudes, principalmente no viés da delinquência juvenil urbana.

Pais (1993) proporciona uma interessante possibilidade de compreensão das juventudes, pensadas sempre como uma multiplicidade que é heterogênea, porém, em alguns aspectos, se revela homogênea. Contudo, o autor investiga as especificidades de diferentes jovens, elaborando uma compreensão a partir de uma perspectiva do cotidiano, que se insere em diferentes culturas juvenis, tais como do operariado, das classes médias, classes burguesas e classes altas, fazendo da reprodução social, base para a própria compreensão das juventudes, um dos pilares de sua obra.

Essa possibilidade de compreensão das diferentes culturas juvenis se dá justamente por sua inserção nesses diferentes contextos, colocando em cheque clássicas compreensões estruturais e funcionalistas a respeito das juventudes. As culturas juvenis evidenciam infinitas possibilidades organizacionais dos próprios jovens, em relação aos pais e às instituições sociais, tal como a escola.

¹⁷ Ver Groppo 2009 e 2004

Sendo assim, o autor, mediante as culturas juvenis, trata de temas corriqueiros e essenciais para uma investigação que aborda sempre o cotidiano como centralidade (PAIS, 1993).

Fugindo de uma homogeneidade e buscando pluralidade e diversidade, por vezes, utilizarei o termo “as juventudes”, intencionalmente no plural, para enfatizar um olhar teórico da multiplicidade dessa categoria. Pensar as juventudes como categoria socioantropológica requer olhar para os entornos, observando as condições sociais e familiares desses jovens, para que se evidenciem os diferentes percursos juvenis, nesse caso, enviesado pelo religioso.

Respaldando esta pesquisa nas correntes teóricas da sociologia da juventude analisadas por Pais (1993), verifico que duas são as bases para a discussão que envolve a temática. Posteriormente haverá um desdobramento em mais categorias analíticas. Inicialmente a corrente geracional compreende a juventude apenas como uma fase da vida, em que a centralidade consiste em discutir as continuidades e descontinuidades que perpassam as gerações ao longo dos anos.

Há uma aproximação com o funcionalismo, uma vez que a juventude, enquanto uma geração social e compreendida como uma fase, evidencia que qualquer conflito é uma forma de disfunção, recaindo, assim, nas perspectivas da moratória social e também nas funções e disfunções. Prevaecem nessa perspectiva geracional, os problemas referentes à socialização, uma vez que a sociedade dependeria basicamente da relação entre as diferentes gerações e todas as possibilidades e recortes sempre passariam por tal prisma geracional. Evidencia-se, portanto, que “as experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração que vivem, por esse fato, circunstâncias semelhantes e que têm de enfrentar-se com problemas similares” (PAIS, 1993, p. 40).

Assim compreendo que as juventudes presentes no Geração Fusion compartilham de situações próximas, de apreensões e liberdades também inerentes a esta dada fase de suas vidas, a juventude. A inserção profissional, universitária e religiosa é uma das experiências mais comuns que estes jovens vivenciam em seus cotidianos, pois em alguma medida uma dessas três dimensões constituem a identidade do jovem, dentro ou fora da comunidade religiosa.

A juventude, compreendida como uma categoria etária e conseqüentemente, pensada enquanto homogeneidade para essa corrente teórica, desdobra-se no fato de que a corrente geracional se preocupa principalmente com as continuidades e descontinuidades entre as diferentes gerações. Em alerta, devido às constantes crises e fricções existentes entre as diferentes gerações, a corrente geracional por vezes mescla gerações a movimentos sociais, tais como os *hippies* ou *beat*, tomando generalizações nem sempre condizentes a realidade (PAIS, 1993).

De acordo com a corrente geracional, admite-se a existência de uma cultura juvenil que de certa maneira se oporia à cultura de outras gerações (das gerações adultas, mais concretamente). Essa oposição poderá assumir diferentes tipos de descontinuidades intergeracionais, falando-se ora de socialização contínua ora de rupturas, conflitos ou crises intergeracionais (PAIS, 1993, p. 39).

Essa corrente não invalida as culturas juvenis, porém as compreende enquanto manifestação específica de uma geração, associada a uma idade e sem levar em consideração as pluralidades de culturas que podem emergir nos diferentes contextos juvenis, uma vez que, a partir desse conceito, atento-me para toda uma conjuntura que envolve tais culturas. Faz-se notória a força na crença da geração, sendo até mesmo o nome, Geração Fusion, uma amostra das desigualdades entre uns e outros, possivelmente estabelecida pela idade e conseqüentemente suposta experiência. Durante os cultos Pastor Fabiano e Pastora Shirley sempre afirmam que estão preparando uma geração de jovens que irão impactar a cidade, o país, o mundo. Existe uma ampla concepção de geração, no sentido também da continuidade, ou seja, eles, enquanto líderes religiosos, estão liderando espiritualmente uma geração de jovens que irão assumir locais de destaque, dentro e fora da Igreja num futuro próximo e por esse motivo estão sendo preparados. Estabelece-se uma diferença entre as gerações, onde os jovens são vistos enquanto aprendizes ou mesmo indivíduos em preparação e transição à vida adulta.

Sendo um espaço múltiplo e possível de ser enxergado por diferentes prismas teóricos também ressalto a possibilidade de compreensão dos jovens do Geração Fusion enquanto propagadores de culturas juvenis. Porém os elementos oriundos de diferentes culturas acabam por ser aproximado à uma ética cristã, com valores e doutrinas do meio (neo)pentecostal, não possibilitando uma

multiplicação, vivência e reprodução de alguns elementos mundanos oriundos das culturas juvenis.

Ressalto ainda que essa teoria abre possibilidades de discussão para a juvenilização, importante fator das sociedades contemporâneas que cada vez mais constroem a juventude como um signo e, principalmente, possibilita que a juventude se torne um produto a ser consumido por aqueles indivíduos com maior poder aquisitivo. Possuir alguns bens materiais, tais como aparelhos tecnológicos e veículos faz com que haja uma aproximação simbólica e estética do padrão diretamente associado à juventude. O corpo também é objeto dessa juvenilização, onde é primordial ser saudável, disposto e magro, equivalendo a uma ampla compreensão de juventudes, resultando em vitalidade, energia e dedicação à construção e manutenção desse corpo (GROPPO, 2015).

Ainda perspectivando um parâmetro funcional estruturalista, trago outros desdobramentos das concepções anteriores, mas agora focando especificamente a moratória social a integração social através da função e disfunção. Pais (1993) não exclui nenhuma das possibilidades, especialmente as duas primeiras, para compreender as culturas juvenis em diferentes localidades, afirmando que seria necessário recorrer a ambas, uma vez que buscou “ a realidade juvenil através das relações – não propriamente de relações impostas pela teoria à realidade, mas através de relações de natureza objetiva, cuja busca perpassava a aferição pelo tipo de adequação da teoria à realidade” (1993, p. 327).

Grosso (2009) elenca, na perspectiva de uma sociologia funcionalista que predominou entre os anos 30 e 50 do século XX, os problemas de disfunções sociais e delinquência. Tal fato ocorria porque a juventude era compreendida enquanto um período de integração à estrutura social vigente. Era apreendida sempre de forma passiva e tudo que fugisse a essa regra era considerado um grande desajuste, pois ela naturalmente seria um agrupamento social que não entrava em conflito, nem mesmo tinha voz para tal atuação.

Manheim (1961) é um dos primeiros teóricos a considerar a juventude enquanto uma moratória social, ou seja, legitima os movimentos e problemas juvenis na construção de uma democracia participante. Além de auxiliar na construção política, a rebeldia juvenil é tomada enquanto uma força motriz para transformações sociais (GROPPO, 2010). Tal período de moratória social trazia

alguns questionamentos em sua elaboração, uma vez que esse período de experimentações e possibilidades reafirmava que a condição da juventude era também uma fase da vida inerente aos indivíduos. Compreendendo como algo inerente, dentro desse prisma analítico, tentava-se afastar os jovens de uma real e efetiva participação na vida política, mesmo seu potencial sendo reconhecido e trabalhado de forma não oficial. Além disso, havia uma constante busca para controlar qualquer tipo de boemia e radicalismo dos jovens (GROPPO, 2009).

De maneira geral, havia uma expectativa de que as energias dos jovens pudessem ser canalizadas e, mais bem utilizadas, num contexto da economia e da política mundial. Acreditava-se num protagonismo juvenil, na capacidade de os jovens tomarem a frente nos processos políticos e deles participarem ativamente. Tal abordagem, porém esbarra na interpretação dessa moratória social que, ao mesmo tempo, confere à juventude um período de erros e acertos, desde que esteja à margem da sociedade, reforçando um caráter geracional, de que onde o adulto tudo sabe e compreende, devendo tais conhecimentos serem repassados aos jovens (GROPPO, 2009).

Tal possibilidade é notada no Geração Fusion, onde utilizam-se da possível energia e força de mudança para alimentar a crença, a fé e também fortalecer a Instituição religiosa. Por vezes as lideranças nutrem um espírito de radicalidade nos jovens, porém tal radicalidade no sentido de serem contra os valores mundanos, de se submeterem aos desígnios divinos, romperem com os pecados, se alinharem às propostas de Cristo e conseqüentemente às da Reviver Church, sendo um verdadeiro fiel. A alegria ou mesmo radicalidade possível na juventude é construída com rompimentos, mudanças de hábitos e adequação de comportamentos (MEDEIROS; MARIZ, 2013). Nesse sentido, as características e comportamentos exigidos pela Igreja, mas nem sempre cumpridos, não são uma completa novidade ou mudança de postura e valores para a vida desses jovens, uma vez que parte significativa é oriunda do próprio meio protestante e (neo)pentecostal.

O contexto pós-guerra possibilitou diferentes compreensões a respeito das juventudes. Sendo considerada um período de transição da infância para a vida adulta, ela ganha protagonismo ao ser pensada enquanto um período importante e preocupante, afinal a transição implica em independência financeira e

emocional, inserção no mercado de trabalho e construção de família, supondo ainda uma linearidade da vida, com etapas e ciclos bem definidos que serão superados (PAIS, 1993). Algumas compreensões e conceituações teóricas são elaborados para analisar contextos específicos, tal como dos operários, hippies, teddy boys, góticos, entre outros. Ferreira (2008) elabora um interessante quadro analítico que perpassa tais concepções teóricas, por vezes complementares, porém as diferentes concepções analíticas enfatizam áreas e contextos específicos para compreender as juventudes, tendo cada qual seu principal eixo analítico.

A compreensão das juventudes perpassada pela classe social é uma das mais relevantes e conceituadas possibilidades analíticas. A corrente classista se atém aos problemas das juventudes pensando-a sempre enquanto agrupamento de uma determinada classe social, sendo ela o principal fator que desdobrará na análise. Desse modo qualquer interpretação social que vise compreender as juventudes deve olhá-las através da reprodução social e também das condições sociais possibilitadas pelas origens do jovem (PAIS, 1993).

Dessa forma todo processo de transição para a vida adulta será influenciado e resultante de diferentes arranjos das classes sociais dos jovens, resultando assim em possibilidades, apreensões e inserções desiguais, pois tudo está condicionado a classe, ainda nesse recorte, as perspectivas de gênero também são elencadas.

Para a corrente classista, as culturas juvenis são sempre culturas de classe, isto é, são sempre entendidas como produto de relações antagônicas de classe. Daí que as culturas juvenis sejam por esta corrente apresentadas como culturas de resistência, isto é, culturas negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe (PAIS, 1993, p. 48)

Dessa forma, situo a corrente de classe como uma importante perspectiva, uma vez que as condições materiais têm relevância para qualquer período de transição, pensando ou não uma linearidade da vida. As culturas juvenis são abordadas nas teorias de classe e de geração, evidenciando a importância desta discussão que também auxilia teoricamente, sendo ambos relevantes até mesmo para a interpretação do contexto religioso.

Polarizadas as discussões em dois modelos centrais, observo através delas que os enraizamento e especificidades vão ocorrendo aos poucos, tal como nas vertentes analíticas já citadas, uma vez que a moratória social e o

funcionalismo se apropriam da juventude num viés institucional e de processos sociais (GROPPO, 2010). Os movimentos, rebeldias e protagonismos dos jovens eram tomados na qualidade de comportamentos desviantes e irracionais, além de perspectivarem uma juventude com um viés de experimentação.

Ressalto, porém, que duas das abordagens norteadoras deste trabalho são a dos estilos juvenis e das identidades que surgem exatamente nas brechas teóricas das correntes apresentadas anteriormente. Pensar nas identidades desses jovens e nas possíveis relações desencadeadas a partir desse contexto é uma possibilidade de análise, uma vez que se distancia dos tradicionais estudos da criminalidade e da delinquência juvenil, presentes nas teorias subculturalistas, que, por sinal, são das mais marcantes nas Ciências Sociais.

Supostamente, o advento da modernidade, para Groppo (2010;2004), demarca alguns importantes pressupostos teóricos de análise das juventudes, tais como uma vivência do imediato, através de formas instantâneas e hegemônicas de uma sensibilidade com pessoas de todas as idades, o embaralhamento da infância, da maturidade e um processo de juvenilização da própria vida. Santos (1992) ressalta que a juventude passa a dar espaço para os processos de juvenilização, deixando ela de ser transitória e se tornando um estilo de vida que agrade ao indivíduo consumista. O juvenil se transforma no juvenilizado, em que a idade não mais possuem ligação direta, pois a vida contemporânea consiste numa aparência amplamente desejada por clientes de uma cultura de mercado.

A juvenilização passa a ser um símbolo de identidade sociocultural nos parâmetros de uma sociedade de consumo, em que, independentemente da idade, todos podem ter, acessar tal estilo, tal forma de ser. Já a desinstitucionalização das categorias etárias, numa flexibilização das normas e interferências institucionais sobre a passagem pelas idades, reflete-se num processo que

[...] faz com que as intervenções institucionais baseadas na cronologização do curso da vida, como aquelas feitas pelo Estado, tenham seu peso cada vez menor, obrigando indivíduos e grupos sociais a procurar soluções particulares para as dificuldades inerentes ao ritmo biológico da vida. Trata-se de uma “reprivatização do curso de vida” (GROPPO, 2004, p. 18).

Refletir a respeito da institucionalização e da autonomia das juventudes evidencia um contexto em que a partir de 1960, há um considerável número de estudos sobre juventudes produzidos nos ambientes universitários e um massivo avanço da indústria cultural que, por vezes, confunde-se com a juventude, numa relação de estruturante e estruturado. Groppo (2004) reforça que os anos de 1970 marcam um novo ciclo de integração das juventudes, através das possibilidades de acesso a uma indústria cultural global e também do mercado de consumo juvenil.

Ainda para Groppo (2015), a categoria juventude também é tomada por uma concepção de representação social, sendo ela um estilo de vida, um signo e a cultura de massa possivelmente representaria um apagamento das distinções. Quando associada à juventude, essa cultura consegue até mesmo mascarar distinções sociais, uma vez que todos buscam os mesmos signos. O consumo surge como saída para qualquer revolta dos jovens contra o capital que, através de signos, começam a controlar a realidade.

A discussão adentra o campo dos símbolos e signos, pois, para uma clara compreensão da juventude, associada ao consumo e a processos de juvenilização, percorro também as concepções do valor signo. “O valor signo se realiza no consumo, que persegue menos a utilidade intrínseca das coisas, mas antes as formas e imagens do sucesso, prazer, distinção e mesmo juvenilidade que parecem prometer” (GROPPO, 2015, p. 559).

Os elementos simbólicos das juventudes que, até então foram discutidos como rebeldia e revolta, são apropriados pelo capital, fazendo desses fatores e condutas uma força motriz para manter a juventude enquanto um signo, transformando-o em alvo, objeto de desejo a ser consumido. Groppo (2015) ainda ressalta que a rebeldia, novidades, audácia, liberdade, prazer, descompromisso, sedução e beleza são desejados enquanto um signo dessa suposta juventude, que, cada vez mais, está esvaziada de um sentido real, tendo apenas um valor-signo que talvez garanta uma eterna juventude. Nas palavras do autor,

... o que se consome é o signo da juventude, a juvenilidade, por meio de bens e serviços como motocicletas, automóveis, roupas, tênis, bonés, viagens turísticas, lazeres noturnos, esportes radicais, academias de ginástica, cosméticos, cirurgias plásticas, etc. [...] neste consumo, há um relativo deslocamento em relação à realidade concreta: o consumo de bens, de serviços e a exibição de certas atitudes substitui o significado da idade e do corpo jovem para

aqueles que desejam se representar como jovens (GROPPO, 2015, p. 570).

O envelhecimento também passa a ser preocupante, no sentido de que cada vez mais há uma responsabilidade e individualidade sobre o próprio corpo, pela forma como ele é estimulado para ser saudável, magro, disposto e carregado de signos das juventudes. Caso isso não ocorra, cada um se torna o único responsável pelos problemas advindos dessa falta de estímulo, tais como as doenças, dificuldades para execução de atividades básicas de higiene e sobrevivência. Além disso, nota-se um completo estranhamento do próprio ciclo de envelhecimento e decadência inerente a todo ser humano.

A preocupação e necessidade de atenção com o próprio corpo, possivelmente saudável e jovem se faz notória nesse ambiente religioso (neo)pentecostal. Incontáveis vezes, durante os momentos iniciais do Geração Fusion os pastores faziam referência e diziam que os jovens estavam cansados, sem disposição física, questionando que juventude era essa.

A estética, associada a tais signos jovens é algo que desperta a atenção na Reviver Church. Certa ocasião, durante um culto de domingo, onde as famílias todas estavam presentes, pois este não é realizado especificamente para os jovens, Pastor Ricardo chamou a atenção dos “irmãos”, pois havia algo de errado com alguns casais. O erro consistia no fato de que alguns eles chegavam de carro importado na porta da Igreja, utilizando terno e mostrando o quanto prosperaram com Deus, mas ao olhar para a mulher, a sobrancelha está por fazer e o cabelo nunca viu um salão, nem mesmo tinta. O momento despertou incontáveis gargalhadas de todos que ali estavam presentes, ressaltando que nesse dia a Reviver estava lotada, aproximadamente 500 pessoas e Ricardo enfatizou que é necessário se cuidar, cuidar da beleza, da aparência física, ressaltando que os “irmãos” devem dar dinheiro às suas esposas para elas se cuidarem. Dessa forma, evidencia-se o quanto a dimensão estética, aproximada e associada a uma juventude é relevante e se faz presente no cotidiano dessa Igreja.

Por outro lado, a situação também evidencia algumas concepções por vezes presentes neste meio. A dependência financeira da mulher em relação ao marido, pois refere-se ao dinheiro para a mulher enquanto um presente, algo que não é de seu domínio, perpetuando a dependência e submissão da mulher em relação ao homem. Em certa ocasião numa roda de conversas após o culto Pastora

Shirley disse que não contrariaria a opinião do marido, pois ela estava querendo uma bota de uma loja do shopping. Tanto nessa situação, quanto na anterior, evidencia-se a que a mulher ainda é colocada enquanto submissa, necessitando de um homem para prover seus gastos até mesmo de vestuário e estéticos, reproduzindo e perpetuando uma concepção heteronormativa e machista.

O consumo desperta a atenção para a necessidade de uma constante reflexão sobre o quanto as juventudes tornam-se um signo amplamente disponível para o consumo que vem dominando e construindo as formas como todos lidam com os próprios corpos e envelhecimento. Ressalto, porém, que essa análise entrelaça as juventudes e suas implicações num contexto moderno e religioso, fazendo tal discussão ser essencial para uma abordagem mais consolidada e estruturada de uma realidade.

As culturas juvenis podem ser compreendidas em face das correntes teóricas, de classe e geracional, pois surgem como um contraponto ao possibilitar que indivíduos compartilhem de uma mesma cultura, sem necessariamente serem da mesma classe ou geração, sendo que essa teoria se contrapõe às correntes anteriormente apresentadas. Pais (1993) evidencia que qualquer abordagem, restrita a uma única corrente, pode levar a erros e a uma interpretação equivocada e distorcida. Por esse motivo, apresentar os diferentes aportes teóricos sobre as juventudes possibilita que se estude melhor uma dada realidade social ou em sua perspectiva, se faça uma sociologia do cotidiano.

Envolvidas em dualidades, o autor ressalta que as culturas juvenis podem ser compreendidas como influenciadas por uma cultura de massas, em que a classe social não tem tanto peso sobre as determinações de culturas juvenis, tal como a dos jovens em situações precárias que o autor estuda. Nesse mesmo cenário, porém ainda se torna evidente uma cultura juvenil associada à cultura de massa, ou seja, quando os jovens criam, ressignificam ou se reapropriam de estilos, concepções de juventude ou mesmo do consumo, possibilitando uma massificação para toda a sociedade que assim possibilita difusão em toda a sociedade.

As culturas juvenis podem ser compreendidas através de uma multiplicidade de manifestações, uma vez que são atravessadas por marcadores de diferenciação cultural, tais como o sexo, a religião, as classes, os estilos urbanos, entre outros. Desta forma elas se constituem enquanto uma interessante abordagem

para os estudos sobre as juventudes, uma vez que enfatiza necessariamente as codificações culturais dos jovens, onde cada qual acaba expressando parte daquilo que lhe constitui primordialmente tornando-se um fio condutor de uma determinada espacialidade (PAIS, 1993).

As culturas juvenis se constituem através de aspectos cotidianos e práticos, dos quais ela própria é oriunda. Estar imerso na cultura juvenil corresponde a um movimento de constante troca, gerando uma estrutura que é estruturante. Feixa & Nilan (2009) enfatizam que a sociedade da cultura e do consumo não se restringe apenas ao meio ocidental urbano, mas consegue penetrar em outros contextos, reforçando a perspectiva de uma sociedade de redes, correspondendo a uma dinâmica do local e global.

As juventudes são um importante grupo de consumo. As culturas juvenis podem possuir especificidades e adaptações da localidade onde ocorrem, porém há um caráter globalizante e intrínseco a elas (FEIXA & NILAN, 2009). Os jovens fornecem códigos e signos a outras gerações, mas também são por elas constantemente influenciados. Nessa perspectiva recai-se numa abordagem geracional, justamente por se pensar enquanto gerações e influências. De acordo com os autores,

...a extensão das práticas da cultura juvenil na modernidade tardia se expande em duas direções cronológicas, para abaixo, em direção aos últimos anos da infância, e para cima, chegando até a metade, ou mesmo até o final, da casa dos 30. Isso significa que a participação nas práticas da cultura juvenil – em geral – pode durar mais de vinte anos, continuando até a média idade (FEIXA & NILAN, 2009, p. 19).

Refletindo sobre as juventudes, enquanto uma construção socioantropológica e buscando afastar uma rotinização, ou mesmo uma definição limitada desse conceito, deparo diretamente com outra importante construção social, (que implica diretamente) a vida adulta. A compreensão da vida adulta também é passível de questionamentos e problematizações sociológicas, uma vez que entrar ou sair dela possibilita desdobramentos e uma numa série de fenômenos, inerentes à própria socialização.

Por vezes as juventudes são apreendidas enquanto um período de transição (PAIS, 1993, 2005) e tal período é de preparação para que o indivíduo jovem torne-se um adulto autônomo e independente, pois, supostamente, esse é um

ideal e um demarcador clássico da passagem à vida adulta (PAPPÁMIKAIL, 2010). A juventude, compreendida nessa perspectiva como um período de transição, deve necessariamente receber cuidados e atenção, para com êxito entrar na vida adulta, tornando-se indivíduos independentes, autônomos e responsáveis pelo ordenamento e também pela reprodução social.

Pensar nas transições para a vida adulta, no contexto brasileiro, requer uma breve passagem por uma perspectiva histórica, como o contexto da ditadura militar, já mencionado, porém as diferentes condições sociais implicam em diferentes transições. Para Ribeiro (2014), a condição econômica faz que as passagens para a vida adulta sejam diferentes, pois tais transições se dão em diferentes momentos. São ciclos de vidas opostos, com diferentes possibilidades e perspectivas.

O viés classista é fortemente analisado pelo autor, que especificamente evidencia a materialidade da transição para a vida adulta, em que o emprego, escolarização e estruturação familiar representam etapas a serem galgadas até a consolidação da entrada na vida adulta. Observa-se que tais aspectos possuem um peso no ordenamento social, uma vez que tem implicações até mesmo na forma como se vê um jovem, ou na forma como a alguns indivíduos a juventude é negada, justamente por uma necessidade extrema de trabalho, desde a infância, falta de instrução escolar e, conseqüentemente, um colapso no planejamento familiar.

Camarano & Mello (2006, p.17) evidenciam que o contexto pós-guerra “difundiu uma linearidade da vida, com uma sequência unidirecional que caminharía linearmente da infância, juventude, fase adulta e velhice, implicando em saída da escola, ingresso no mercado de trabalho, saída da casa dos pais, formação de domicílio e nascimento de filhos”. O contexto moderno, porém, respalda-se justamente numa transição não linear, em que cada vez menos se encontra tal ordenamento, “não importa onde se encontrem, a vida dos jovens assemelha-se cada vez menos a um modelo linear de transição” (FEIXA & NILAN, 2009, p. 22).

Guimarães & Macedo (GUIMARÃES; MACEDO, 2010) apontam que os jovens permanecem cada vez mais dentro de um amplo intervalo de tempo e a faixa etária é relativizada, não sendo de extrema importância. Tudo com que se preocupam é com o prazer de continuar vivenciando características exclusivas do

meio juvenil. Com isso abrem-se questionamentos para o que seria a fase adulta e qual a sua definição.

Autonomia, liberdade e independência são importantes demarcadores numa literatura clássica para transição e entrada na vida adulta, principalmente num contexto em que a liberdade vem implicando na construção de um sujeito cada vez mais individual. Nota-se, na modernidade, cada vez mais um dilatamento desse período de transição que também é compreendido enquanto o período de juventude.

A co-residência familiar, estabilização profissional, autonomia e independência têm cada vez menos significado para uma transição à vida adulta, ou conquistar alguns desses fatores não necessariamente implica nessa transição e demarca uma fronteira específica. Se num primeiro momento esses fatores objetivos demarcavam a entrada ou não na vida adulta, ou seja, agora nota-se cada vez mais uma intensificação da relevância dos aspectos subjetivos dessa experiência de transição, fenômeno atrelado às novas configurações oriundas da modernidade (PAPPÁMIKAIL, 2010).

Autonomia e independência são processos demarcadores numa compreensão clássica e objetiva da transição para a vida adulta, porém não mais na modernidade. Impacientes, cada vez mais os jovens vêm tendo autonomia sobre suas vidas, mesmo sem uma independência financeira. Isso ocorre porque se vive, basicamente, da forma que se deseja com as relações a que se aspira, porém ainda vinculado financeiramente a família que não mais exerce um papel de coerção extrema sobre os jovens (PAPPÁMIKAIL, 2010). A autonomia e a independência estão intimamente relacionadas e, por vezes, se confundem, porém toda essa discussão perpassa justamente a construção de um indivíduo individualizado, oriundo das sociedades modernas, de uma sociedade narcisista. Para Singly...

... neste ámbito, se puede comprender en teoría la ayuda financiera del padre y de la madre como una de las formas mediante las cuales se garantiza la necesaria protección del hijo. Los jóvenes pueden disponer de una cierta autonomía sin ser independientes (SINGLY, 2005, p. 115)

O contexto financeiro, para os jovens, é relevante, porém como ressaltado, mesmo sem uma independência financeira, eles possuem certa autonomia para suas ações cotidianas. O dinheiro não se converte numa coerção,

forma de repressão a uma moral ou a forma como tais jovens agem na vida com suas escolhas e liberdades.

Pappámikail (2010) afirma que a atual juventude, no contexto moderno, tem uma dupla vertente. É ao mesmo tempo, fase da vida e categoria social/cultural. A juventude surgiu após um longo e lento processo, sendo uma concepção completamente ocidental, resultado de mudanças sociais e culturais que envolvem a concessão de direitos à criança, ao adolescente e ao jovem, além da consolidação dos anos escolares, período supostamente não produtivo, sendo a escola legitimada enquanto o principal espaço de socialização e preparação para vida adulta (PAPPÁMIKAIL, 2010).

A condição juvenil também é uma interessante possibilidade a ser apresentada nesta discussão, uma vez que, ainda no século XIX, a juventude necessitava ser alcançada, ou seja, ter acesso à juventude era vinculado a um viés socioeconômico, pois correspondia justamente ao período de moratória social, de erros, acertos e possibilidades, quando a boemia era necessária e aceita, pois os jovens buscavam de alguma forma retardar os papéis que deveriam assumir (PAPPÁMIKAIL, 2010).

O ensino tinha fundamental importância para tal contexto. A escola legitimava a improdutividade dos indivíduos no sentido capitalista, reforçando a condição de jovens para aqueles com maior poder aquisitivo, porque esse retardamento possivelmente não implicaria em fome ou miséria. Groppo (2004) evidencia para essa perspectiva de condição juvenil, uma relação experimental com os próprios valores vigentes na sociedade, ou seja, uma intrínseca relação de experimentar, uma vez que se supõe que eles não têm tais valores introjetados, implicando diretamente numa maior vivência, um imediatismo e uma espontaneidade, fazendo com que haja uma dessacralização de qualquer maturidade.

Refletindo a respeito desse ordenamento social presente nas últimas décadas, evidencia-se que o matrimônio, a independência financeira ou a reprodução sexual não mais consistem em demarcadores de entrada para a vida adulta¹⁸ e, conseqüentemente, de saída da juventude, pois “vivemos uma juventude cada vez mais dilatada, associando a transição entre educação e trabalho, namoro e

¹⁸ Ver Camarano Mello (2006); Pais (1993).

casamento, infância e vida adulta” (CÔTÉ, 2003 *apud* FEIXA & NILAN, 2009, p. 18). Ainda nessa perspectiva, nota-se que, nas sociedades ocidentais, existem cada vez menos ritos fortes de demarcações dessa transição para a vida adulta. A autora afirma:

Com efeito, à vista de todos, e em todas as sociedades ocidentais, têm-se acentuado tendências que apontam para o prolongamento da co-residência familiar, e para o adiamento, dessincronização, e reversibilidade de rituais de passagem, que antes permitiam uma identificação pacífica da transição para a denominada vida adulta: a estabilização profissional, a residência autônoma, a conjugalidade, a parentalidade (PAPPÁMIKAIL, 2010, p. 401).

Alguns aspectos também influenciam essa mudança de perspectiva, tal como o prolongamento da expectativa de vida, a crise do desemprego e o prolongamento dos anos de escolarização dos indivíduos para mascarar a falta de emprego. Contudo, a reprodução e o matrimônio podem ocorrer antes mesmo da saída do seio familiar, entre outras tantas possíveis características, que cada vez mais fluidificam a passagem para a vida adulta e fazendo com que os tradicionais ritos não sejam mais condizentes com tal passagem (PAIS, 1993; (PAPPÁMIKAIL, 2010)

Pappamikáil (2010) enfatiza que nas sociedades modernas, ainda há uma divergência entre os aspectos simbólicos e culturais em relação ao desenvolvimento do corpo, ou seja, o crescimento físico do indivíduo está cada vez mais antecipado, possibilitando um corpo adulto cada vez mais precocemente. Dessa forma existe uma dificuldade de pensar numa correspondência entre um estado biológico do corpo e um estado psicossocial. Essa característica se atribui principalmente as populações ocidentais que possuem maior acesso à alimentação, sem grande escassez e até mesmo uma constante oferta de alimentos, uma vez que a tecnologia permite uma produção fora da “época”. Resultando dessa forma numa antecipação da própria puberdade e na entrada precoce daquilo que é a construção social da juventude. Como resultado há uma dilatação, entra-se cada vez mais cedo e sai-se cada vez mais tarde.

Grosso (2015) evidencia que houve uma implosão na estrutura social moderna, levando consigo as definições de juventudes através de um viés etário. Pappámikail (2010), Pais (1993) e Grosso (2015, 2010) ressaltam que a juventude passou de uma mera fase da vida a uma categorial sociocultural,

resultando em divergências simbólicas quando comparado a outras possibilidades teóricas e interpretativas das juventudes.

A própria juventude, na qualidade de categoria vem passando por incontáveis questionamentos e problematizações, pois não vem correspondendo aos modelos teóricos e aceções clássicas da literatura sociológica. Dessa forma resulta-se em constantes mutações até mesmo na forma em que ela pode ser compreendida. Sendo assim, ressalto a importância da proposta inicial de analisar as juventudes dentro de uma ampla análise resultante dos processos de modernização e também pós-guerra, no qual as apreensões e possibilidades das juventudes são múltiplas.

As juventudes não devem ser compreendidas apenas enquanto um período de transição, nem mesmo uma transição linear, mas sim enquanto diferentes agrupamentos da sociedade, ou seja, grupos que possuem suas próprias demandas e problemáticas, refletindo culturalmente e socialmente nos ordenamentos sociais e também na reprodução social. Sua possibilidade de reafirmação e de legitimação é tamanha, que elas, as juventudes, são essenciais para a própria constituição das culturas de massa presentes na sociedade. Tal viés analítico pode ser encarado quando se pensa nas juventudes enquanto um signo a ser consumido (GROPPO, 2010).

A individualização também é um ponto que devo retomar para dar uma ampla visão sobre as juventudes e seus vieses analíticos. As fronteiras das juventudes são cada vez mais diluídas e fluidas, nas quais a transição para a vida adulta não ocorre na sua integralidade. Pode-se também questionar sobre o que seria essa chegada à vida adulta. Porém Papámikail (2010, p. 400) “ênfatiza que há uma constatação da progressiva individualização dos percursos de vida ganha terreno, senão objetivamente, subjetivamente, em coerência com a paisagem ética dominante nas sociedades ocidentais contemporâneas”.

A individualização e processos de transição para a vida adulta, implicam diretamente nas análises sobre o próprio trânsito religioso, sendo ele um resultado tanto de reconfiguração identitária ou mesmo de adequação. Inserido num contexto plural religioso o jovem por vezes não possui sua independência financeira e reside na casa dos pais, porém possui autonomia sobre sua vida, fazendo suas próprias escolhas que resultará em liberdade, ou seja, numa ausência de

constrangimento para tomada de decisões, entre elas transitar em diferentes instituições religiosas (PAPPÁMIKAIL, 2010). Evidenciando assim e reforçando o contexto de desregulamentação e também de ausência de demarcadores para tal transição à vida adulta.

Por fim, como o objetivo é perpassar por diferentes possibilidades de concepção a respeito da juventude, ressalto que, para Groppo (2015), há uma implosão das categorias e da própria modernidade, elencando que o período de juventude não é apenas uma passagem para a vida adulta. Tal afirmação se sustenta em dois pressupostos. O primeiro consiste na descrença da noção de totalidade. Mesmo com divergências e contradições, há uma dificuldade em conceber essa ideia totalizante, principalmente quando se reflete acerca da fluidez das identidades. O segundo é que existe uma nítida descrença no fato de que a geração mais velha educa a geração mais nova, sendo a mudança oriunda do interior da própria modernidade. De acordo com Camarano e Mello,

... os momentos no ciclo da vida ou as idades em que ocorrem os eventos que marcam o processo de transição variam no tempo, no espaço e por grupos sociais, bem como a sua duração. O conjunto destas características pode resultar em transições desiguais para a vida adulta. Isto se acirra num país marcado por extremas desigualdades sociais, raciais, e regionais como o Brasil (CAMARANO; MELLO, 2006, p. 19).

Não se pode considerar, portanto, apenas um processo definido de transição para a vida adulta, existem diferentes processos, diferentes possibilidades de atingir essa outra categoria social, que é a vida adulta, e conseqüentemente sair da juventude. Porém até mesmo a construção da vida adulta é refutável, pois há amplos questionamentos, e problemáticas.

4 PERCURSOS JUVENIS NO GERAÇÃO FUSION

Inserir-me em campo por um ano, durante os sábados e por vezes às quartas feiras e domingo, possibilitou um contato direto com diferentes jovens, estabelecendo vínculos e uma zona de confiança. Sendo assim pude captar diferentes trajetórias, narradas pelos próprios jovens, enfatizando, revelando ou mesmo omitindo parte de seus percursos de vida até chegarem à Reviver Church. Os percursos de vidas dos jovens podem ser compreendidos através de um amplo leque, onde incontáveis fatores constituem trajetórias de vida transversalmente de diferentes cursos, resultando assim em singularidades. As singularidades, nuances, e especificidades são características dos percursos, uma vez que estes apenas possuem definido o ponto de partida.

Pais (1993) compreende os cursos de vida enquanto a forma de transição dos jovens para a vida adulta, em que é necessário para uma pesquisa observar não só as atividades cotidianas dos jovens, mas seus trajetórias, uma vez que eles possibilitam evidenciar diferentes cenários de ações passadas. O curso de vida equivale-se a uma caminhada que conforme acontece possibilita uma bagagem cultural adquirida, percorrendo um trajeto e possibilitando que o passado seja intrínseco aos indivíduos em seu presente (PAIS, 1993).

Os cursos são constituídos por trajetórias encadeadas em temporalidades e ritmos diferentes, onde as individualidades dos jovens tornam-se pluralidades de relações. Desse modo os cursos de vidas possibilitam "... a constituição de conjunturas biográficas marcadas por certa singularidade que, por sua vez, estão na base de trajetórias específicas, pessoais, familiares e sociais e de formas de transição para a vida adulta (PAIS, 1993, p. 59).

Em certa medida, de acordo com minhas vivências acadêmicas e pessoais, noto que no campo religioso os jovens vêm constituindo cada vez mais seus percursos de vida através de trajetórias ziguezagueantes, transitando entre diferentes denominações. Bartz (2012) afirma que os jovens não são os exclusivamente os únicos, nem mesmo o maior grupo que transita, sendo o trânsito religioso uma realidade para todas as faixas de idades.

Ao transitar, os jovens que foram meus sujeitos de pesquisa, provocam um rompimento com a instituição religiosa da família, porém tal fator não

desencadeia grandes crises, uma vez que eles acabam mantendo-se dentro de uma mesma matriz religiosa (neo)pentecostal. Como enfatizado, os jovens da Reviver Church em grande maioria são oriundos de famílias já cristãs do segmento pentecostal, neopentecostal, batista, metodista ou presbiteriano. A seguir apresento os percursos juvenis de cinco jovens que contribuem para a reflexão dos problemas desta pesquisa, expressando dados de uma realidade analisada.

No primeiro tópico deste capítulo encontra-se unificado os percursos de vida narrados por dois jovens do Geração Fusion. Possuindo grandes similaridades em suas vidas, pois ambos são oriundos de um lar evangélico. Porém, no auge da adolescência e juventude desviaram-se dos caminhos sagrados, das religiões e afastaram-se também da família que perseverava na fé. Realizando assim um ciclo de trânsito religioso bastante comum, onde vivenciaram festas, baladas e tudo aquilo que é constantemente evitado e abominado por essa matriz religiosa. Esses jovens acabaram por voltar à prática religiosa (neo)pentecostal, enfatizando que nada daquilo que vivenciaram durante o afastamento da Igreja foi capaz de preencher o vazio espiritual que os rondavam

Os dados aqui explorados apresentam que mesmo os jovens de famílias com tradição protestante/pentecostal, estão sujeitos a se desviarem dos caminhos religiosos e se inserirem em meios sociais que proporcione sexo e consumo de bebidas alcoólicas. Apesar de inseridos numa tradição familiar de evitação e afastamento, a religião não consegue garantir a perpetuação destes valores, nem mesmo consolida uma postura nos jovens que será levada por toda a vida. É notória as vulnerabilidades que podem resultar em abandono da religião, através de seus percursos, evidenciando assim que também estão sujeitos a trânsitos de matriz religiosa e também intra pentecostais.

4.1 Festas, álcool e salvação

Leonardo¹⁹ é um jovem com percursos de vida e religiosos interessantes, vislumbrando e representando possivelmente um dos perfis juvenis que frequentam a Reviver Church. Nascido em berço cristão de família evangélica, como enfatizou, esse jovem até os nove anos morava em São Paulo-SP, com pai,

¹⁹ 18 anos, solteiro, estudante do EJA, trabalhador informal.

mãe e irmãos. Cresceu com assídua frequência à Igreja, acompanhado principalmente por sua mãe, porém num processo cirúrgico a mesma teve complicações pós-operatórias e faleceu. Este sem dúvidas é um dos principais marcos na vida desse jovem e como ele enfatizou, um dos motivos de todos os problemas e revoltas que enfrentou posteriormente.

Perder a mãe foi um fardo para Leonardo que ainda era uma criança. Em seguida viu seu pai casar-se novamente e foi obrigado a sair de São Paulo, vindo em direção à Londrina-PR. A entrada na adolescência foi marcada pela rebeldia contra o pai, madrasta e demais familiares que eram de seu convívio, uma vez que Leonardo afirmou ter perdido sua pouca liberdade, indo morar num lar estranho e sendo vítima de incontáveis situações de descaso e humilhação por parte de alguns membros da nova família, gerando no jovem uma grande revolta. Os problemas começaram, segundo relata, aos doze anos, quando passou a se envolver com a venda de drogas e armas.

Adentrar no mundo do crime acarretou-lhe experiências e poder aquisitivo, possibilitando a ele obter sexo fácil, participar de festas exclusivas, consumir todo tipo de entorpecentes, sair da casa da madrasta, comprar carros, roupas de marca e joias, contexto antes inimaginável para um jovem oriundo da periferia de São Paulo. Concomitantemente vivenciava constantes atribulações familiares, o jovem sofria constantemente agressões físicas por parte do pai que tentava desesperadamente tirar o filho da criminalidade, fazendo com que ele voltasse para a escola e trabalhasse. Os esforços familiares foram inúteis, o jovem enfatizou que afirmara incontáveis vezes, principalmente durante as agressões físicas que, seu único desejo era ser um grande bandido e ele seria.

Leonardo em certa ocasião foi pego pela polícia numa residência com armas e drogas para serem revendidas, o jovem sofreu agressões físicas tão intensas que várias marcas ficaram em seu corpo, porém não entregou os parceiros de crime, uma vez que estes conseguiram escapar antes da chegada da polícia, como consequência passou dois meses internado num centro de reabilitação para jovens. O cárcere/internato de nada adiantou, o jovem saiu e voltou às atividades ilícitas como antes, uma vez que já tinha o controle de sua vida. Durante esse período de afastamento da Igreja e de Deus, a família perseverou, todos ainda

continuavam assíduos, especificamente na Reviver Church, pois a madrasta de Leonardo já frequentava este espaço por possuir vínculos com as lideranças.

O percurso de vida desse jovem volta para o ambiente religioso após um acidente de carro, onde o mesmo estava retornando de uma festa e capotou um veículo numa estrada que dá acesso a Londrina. Nessa situação Leonardo estava com encomendas de armas e drogas para serem entregues e não foi pego pela polícia devido um grupo de amigos que, vinha logo atrás, tê-lo tirado do carro, deixando-o quase inconsciente no hospital, para evitar problemas com a polícia.

Algumas fraturas, cortes e marcas também se fazem presentes em seu corpo desde esse episódio. Ter visto a morte de perto, como relatou, fez com que Leonardo voltasse a valorizar o amor do pai e da madrasta que cuidaram intensamente do jovem durante o longo período de recuperação. Submetendo-se novamente aos ordenamentos familiares, Leonardo voltou a frequentar a Igreja e vem se inserindo novamente na Reviver Church, pois mesmo durante seu período de afastamento, por vezes ia no Geração Fusion, mas não se identificava com as pessoas, sentia que todos estavam lhe julgando, impossibilitando assim qualquer aproximação espontânea. Hoje, compreende que tal percepção anterior era obra do inimigo (provavelmente satanás ou algum demônio em específico) em sua vida.

O jovem atualmente frequenta tanto o Geração Fusion quanto os cultos de domingo, voltou a estudar, pois não concluiu sequer o ensino fundamental e pretende cursar administração, devida a convicção de que Deus planeja uma carreira de sucesso no mundo empresarial para ele. Como forma de recomeçar uma relação com a Igreja e também com os familiares, excluiu todas as redes sociais e criou novos perfis, buscando assim romper radicalmente qualquer vínculo com indivíduos relacionados ao crime e ao mundo externo à Igreja. Leonardo, como forma de se privar e também se purificar busca um completo fechamento das pessoas que fazem parte de seu ciclo de convívio, possibilitando ao jovem preservar sua idoneidade, crença e valores, afastando qualquer tipo de tentação, seja carnal ou material que o reconduza à antiga vida.

Sua re-readesão ao meio religioso ocorreu através do batismo no Espírito Santo, momento este de extrema importância para as Igrejas (neo)pentecostais, pois consolida a fé do crente e possibilita a ele um novo começo, uma vez que o batismo compreende o nascimento para Cristo e uma completa

morte para o mundo e pecados anteriormente cometidos. Para Leonardo este momento não é inédito, pois afirmava com ênfase que já havia descido as águas do batismo no Espírito Santo quando ainda estava no ventre de sua mãe.

Parte de sua revolta e inserção no mundo da criminalidade é oriunda de questionamentos e feridas que o jovem possui devido a perda de sua mãe, ainda na infância. Leonardo afirma que sentia uma grande revolta com Deus, com Igrejas e tudo que envolvia o sagrado, pois não compreendia os motivos de ter perdido a pessoa mais importante de sua vida ainda tão jovem e de ter passado por todas mudanças e sofrimentos. Porém, agora que retornou à Igreja e aceita Cristo como Senhor de sua vida, o jovem afirma que cada pequena ferida vem sendo curada, as respostas vão sendo lentamente encontradas, a cada pregação, a cada momento de intimidade com Deus, possibilitando assim o surgimento de um novo Leonardo, mas com grandes propósitos, pois irá tornar-se missionário e empresário.

Os percursos de vida para Leonardo evidenciam que o jovem se deslumbrou com o envolvimento na criminalidade e no consumo de substâncias ilícitas, num contexto de liberdade, sonhos e possibilidade de consumo, resultando em grandes prazeres, segundo ele, momentâneos. Os riscos que vivenciava cotidianamente lhe traziam boas sensações, felicidade e êxtase. Mendola (2005) ressalta que o risco é uma forma de fuga, como uma busca, por vezes improdutiva de fortes emoções na tentativa de se esquecer das obrigações e da vida cotidiana. Inserido num contexto de condições socialmente pré-definidas e de difíceis mudanças o jovem, negro e periférico, retorna ao lar familiar e conseqüentemente à Igreja, pois a religião sempre esteve presente nos momentos de reaproximação familiar, uma vez que todos são filiados a instituições (neo)pentecostais.

Ao retornar para o meio familiar e religioso, Leonardo evidencia o fracasso na tentativa de mudança de vida pela criminalidade. O jovem retorna ao ponto inicial, como num constante ciclo em que a Igreja consiste na máxima expressão de modernização em que um jovem com suas condições pode acessar. O cotidiano já é conhecido, apresenta poucas perspectivas e possibilidades de ascensão para um jovem possivelmente já excluído (MENDOLA, 2005).

Porém atualmente estas experiências servem para reforçar sua fé e seu retorno a pertença de alguma religião de matriz (neo)pentecostal. De forma

similar me deparo com outra jovem, Aline que possui um percurso de vida próximo ao narrado por Leonardo.

Aline²⁰ é uma jovem de bastante visibilidade no Geração Fusion, porém os trânsitos religiosos que influenciam sua vida surgem antes mesmo de seu nascimento, uma vez que a mãe vem de família evangélica/(neo)pentecostal e o pai de família católica. A mãe, ainda na juventude, por um período afastou-se da Igreja, rompendo os vínculos e inserindo-se no “mundo”, ou seja, nas festas seculares e reproduzindo comportamentos que não seriam regulados pela religião e provavelmente compreendidos enquanto pecado e obra do Demônio na vida de qualquer fiel.

Neste período de afastamento a mãe de Aline conheceu aquele que viria a ser seu pai, engatando num relacionamento e mais tarde casando-se, porém, preservando as diferentes matrizes religiosas de cada qual, uma vez que o pai era católico. Aline, enquanto filha única, foi criada na religião da mãe, perspectiva esta comum, uma vez que no Brasil as mulheres são maioria em todos segmentos religiosos e são as que mais realizam trânsitos religiosos.

Até o período da adolescência este não foi um problema, apesar da jovem ter ainda na infância sido batizada na Igreja Católica. A rebeldia, necessidade de confronto e experimentação, frequentemente associada ao período de juventude, fez com que a jovem, buscando confrontar a mãe que em vários sentidos a oprimia e causava-lhe mal, recorresse ao pai, até então católico, para que a colocasse na Catequese Católica. A Catequese é um período de preparação, estudos bíblicos e históricos sobre Deus, ou seja, é uma formação realizada pela Igreja para que os jovens cumpram os sacramentos religiosos, tal como a primeira eucaristia.

Tendo seu pedido atendido e confrontando diretamente a mãe, Aline realizou a primeira eucaristia e também a crisma, dois sacramentos católicos. Participou de grupos de jovens da Renovação Carismática Católica, serviu na missa e tinha uma vida intensa e assídua nessa religião, tal trânsito religioso em direção ao catolicismo ocorreu a partir dos dezesseis anos. Vivenciar a religião Católica enfrentando a rejeição da mãe trouxe diversas consequências para a vida da jovem, principalmente financeiras e afetivas.

²⁰ 21 anos, solteira, graduanda em pedagogia e professora da rede pública municipal.

Durante este período de inserção no catolicismo a mãe de Aline negava-se a dar ou suprir qualquer desejo da filha, como forma de coerção para que ela retornasse à Igreja do Evangelho Quadrangular, propiciava-lhe apenas o básico tal como moradia e alimentação. Nesse contexto a jovem desamparada financeiramente e emocionalmente, devido as constantes pressões e penalidades impostas pela mãe, teve de buscar seu primeiro emprego como forma de se sustentar e consumir aquilo que lhe era necessário, naquele contexto de juventude. Adentrando o mercado de trabalho e podendo consumir sem depender da mãe, a jovem conseguia suprir seus desejos e adquirir seus bens materiais de consumo.

A passagem de Aline pelo catolicismo foi rápida, a jovem não especificou exatamente por quantos anos esteve envolvida nessa religião, porém deixou claro que viveu tudo de forma intensa e bastante feliz, pois era um sonho servir na missa e conhecer os rituais católicos. Após alguns anos a jovem rompeu com os vínculos religiosos católicos, não frequentando, afastando-se da Igreja e também de qualquer grupo de jovens. Tal período é compreendido pelos crentes, enquanto um período de desvio, no sentido de desviar-se do caminho dos céus e dos designo de Deus, sendo qualquer período de ausência à Igreja compreendido enquanto desvio, justamente pela lógica comunitária e participativa dessa religião que se dá através da frequência e assiduidade aos cultos.

Durante o período em que esteve desviada, Aline conheceu bares, baladas, incontáveis festas e experimentou tudo aquilo que durante parte significativa de sua vida era visto como pecaminoso, impuro ou mesmo proibido, devido à concepção cultural religiosa em que a mesma foi criada. O consumo de bebidas alcóolicas era frequente nas festas, sendo seus finais de semanas todos dedicados às baladas e demais atividades de diversão envolvendo sempre o uso e abuso de álcool.

Os relacionamentos amorosos também fizeram parte de sua vida nesse contexto, alguns namoros breves, outros intensos e em sua grande maioria relacionamentos banais. A jovem afirmou que era muito instável e vulnerável, apaixonava-se de forma fácil, entregando todas suas esperanças e expectativas em relacionamentos conturbados e problemáticos. A noção do risco, deve ser compreendida a partir da noção de sociedade, não sendo apenas a possibilidade de eventos negativos acontecerem, mas aos resultados e ao valor social a eles

atribuídos (JEOLÁS; PAULILO; CAPELO, 2013). A jovem, inserida nesse contexto de múltiplos riscos e buscando de alguma forma de êxtase com esses relacionamentos, evidenciou que era extremamente carente e frágil, vivendo assim por longos sete anos, completamente distante de Deus e de qualquer instituição religiosa.

O confronto familiar, até então restrito com a mãe, passou também a ser com o pai, pois a jovem estava irreconhecível, nos comportamentos, atitudes, princípios e valores, além é claro da agressividade constante. Os pais imploravam para que ela retornasse a qualquer Igreja, pois eles desejavam ter a antiga filha de volta, uma vez que consideravam que ela, naquele contexto, estava completamente perdida, tendo se tornado uma pessoa irreconhecível. Tal contexto de desilusão da família, clamor e desespero, fez com que o pai de Aline, numa atitude de busca desesperada pelo resgate espiritual e também moral da filha, inserida somente nos valores mundanos, acabou se convertendo para a mesma Igreja da esposa, a Igreja do Evangelho Quadrangular.

Nem mesmo a conversão do pai de Aline foi suficiente para que ela retornasse imediatamente para alguma religião. A insistência para que a jovem participasse dos cultos, agora frequentados pelo pai e pela mãe, era constante, até que em certa ocasião, como de rotina, os pais a convidaram e ela dispôs-se a ir causando um grande espanto e comoção na família. Em contrapartida a jovem exigiu que naquela noite eles fossem na Igreja de Pastor Ricardo, antigo líder da Igreja do Evangelho Quadrangular da região onde residem, em Cambé-PR.

A jovem afirmou que já estava cansada da vida mundana, não possuía amizades verdadeiras e gastava seu tempo e energia com companhias e projetos improdutivos, evidenciando uma elaboração a respeito dos constantes riscos e vulnerabilidades que sofria, pois levava uma vida sem preceitos religiosos. Após aceitar o convite dos pais a jovem relatou que seu retorno se deu de forma sutil e tranquila, aproximou-se novamente da mãe e do pai, tendo um ótimo convívio com ambos, as mágoas e marcas adquiridas nos anos em que passou desviada da Igreja ainda se fazem presentes, pois é necessário mais tempo e oração para que as feridas realmente se cicatrizem.

Os relacionamentos amorosos foram aos poucos sendo enfraquecidos, no contexto de reconversão à religião cristã/(neo)pentecostal, a

jovem relatou que rompeu um namoro, pois as atividades da Igreja demandavam tempo, uma vez que ela assumiu responsabilidades com a obra divina, resultando assim em finais de semanas totalmente dedicados à Igreja e atividades religiosas, impossibilitando qualquer outro tipo de compromisso; o rompimento se deu pela falta de tempo e também pelo namorado de Aline ter se recusado a converter para a religião dela. As experiências e afastamento de Deus, hoje, fazem com que a jovem permaneça fiel em seu propósito que é também de ser pregadora ou missionária, sua obra se iniciou no ministério de dança, do qual até então ela é a responsável

Notamos nos percursos juvenis de Leonardo e Aline alguns elementos centrais. Ambos são filhos de pais que já realizaram algum tipo de trânsito religioso, especificamente em direção a religião (neo)pentecostal. Os familiares, durante o período de afastamento dos jovens, permaneceram fiéis à Igreja e religião que já seguiam, ou seja, os filhos não influenciaram os pais a se afastarem uma vez que apresentavam comportamentos considerados inadequados não apenas pelos preceitos religiosos, mas também por parte significativa da sociedade, tal como consumo de álcool em excesso, constantes festas e baladas, além é claro de uma possível vida sexual fluída e no caso de Leonardo, o envolvimento com compra e venda de armas.

O afastamento de uma religião para esses jovens resultou numa maior inserção secular, fazendo com que o espaço em suas vidas dedicado ao lazer, uso do tempo livre e entretenimento fosse intensamente dominado e dedicado à diversão envolvendo bebidas alcoólicas, festas e sexo. Os relacionamentos amorosos aparecem nos percursos desses jovens. Ambos relataram em algum momento que saíram machucados ou mesmo que ainda gostavam de alguém que conheceram durante esse período no “mundo”, porém retornar a esses amores ou mesmo dar espaço para tal relação seria diretamente uma afronta a Deus e também aos preceitos religiosos aos quais escolheram se submeter.

O retorno à matriz religiosa familiar de ambos os jovens ocorreu após grandes e significativas experiências “mundanas”, utilizando o vocabulário nativo. Noto que nas narrativas desses jovens havia uma completa falta de perspectiva, seja ela financeira, emocional, familiar, ou mesmo de cuidado de si; a preocupação se dava apenas com o tempo presente, onde o gozo e o prazer momentâneo tornavam-se a única busca e motivação constante para esses jovens.

De maneira generalizada esses dois percursos evidenciam um contexto ainda clássico de entrada/readesão para o meio religioso (neo)pentecostal, resultando numa readequação de comportamentos, condutas e até mesmo seleção de locais para frequentar. Tais percursos possibilitam aos jovens reafirmarem a posição de que necessitam permanecer na Igreja, pois fora dela não obtiveram sucesso em nenhuma área de suas vidas, vivenciando apenas dor, sofrimento, desespero e carência.

Noto que parte significativa dos problemas enfrentados nesse contexto de distanciamento da religião por parte desses jovens perpassa até mesmo por uma falta de criatividade ou mesmo interesse em buscar outras companhias, ciclos, espaços e lazer que não esteja diretamente associados ao consumo de bebidas alcoólicas, sexo e entorpecentes e baladas. O fato de pertencer a uma denominação religiosa restringe o círculo social dos jovens, supostamente limitando e impossibilitando qualquer tipo de ação que não esteja revestida de princípios e valores cristãos que por vezes é de afastamento e evitação. A religião está presente quando se busca os princípios e conduta de um bom cidadão, indivíduo comprometido consigo próprio, no sentido de buscar melhores oportunidades e condições de vida.

Os jovens ao narrarem o período de afastamento da Igreja não evidenciam em momento algum que tiveram más escolhas ou mesmo que possuam culpa sobre incidentes e aspectos negativos que vivenciaram. Não notava nos jovens nenhum tipo de arrependimento por aquilo que já foi vivido e sentido; as suas motivações basicamente consistiam numa necessidade de experimentar algo abominado pela religião a qual já pertenceram, chamar a atenção dos pais e também por ação maligna do diabo.

De modo geral, compreendo, a partir dos percursos do jovem Leonardo e da jovem Aline que existem ciclos sociais, envolvendo a família, tradição religiosa e experiências mundanas, ambos passam por esse ciclo. A tentativa de saída da religião revela um fracasso dos jovens frente as oportunidades da sociedade brasileira modernizante, porém seleciona e possibilita melhores inserções àqueles que de alguma forma já estão incluídos. Esse contexto social reforça a organização já existente em nossa sociedade, demarcando ainda mais as fronteiras entre aqueles que são incluídos e os que são excluídos.

Os riscos fazem parte do cotidiano desses jovens, tomando ênfase, para eles, quando abandonam qualquer relação com as instituições religiosas e passam, por si próprios, a organizarem e responderem por seus próprios atos. A mesma sociedade que não possibilita oportunidades aos seus jovens, relegando-os a sua própria sorte e competência, também produz diferentes denominações religiosas que prometem estabilidade, sucesso financeiro e oportunidades socialmente negadas aos jovens. A igreja torna-se o refúgio e por vezes possibilidade mais real, próxima e palpável de uma suposta inclusão para o jovem.

4.2 Crença e fé moderna, um adeus ao pentecostalismo clássico

Jaqueline²¹ é oriunda de família evangélica sua mãe se converteu meses antes do matrimônio. A mãe da jovem vem de uma família tradicionalmente católica, porém na juventude envolveu-se com o pai de Jaqueline, este por sua vez oriundo de uma família pentecostal, especificamente da Assembleia de Deus. A conversão da mãe de Jaqueline foi impulsionada pelas dificuldades burocráticas impostas como requisitos para a realização do matrimônio na Igreja Católica.

Como relatou a jovem, sua mãe já estava desmotivada e não era uma católica assídua, optou então pela conversão também motivada pela facilidade de que na religião do futuro marido o casamento poderia ser realizado. Uma vez que não há tamanho controle eclesial dentro das Igrejas (neo)pentecostais que possam inviabilizar o casamento, além do fato que sua futura sogra era amiga de longa data dos pastores dessa Igreja, facilitando ainda os trâmites religiosos.

A mãe da jovem realizou o primeiro trânsito de matriz religiosa desse núcleo familiar, pois era católica e mudou em direção a uma religião pentecostal, adequando-se e seguindo os preceitos religiosos da Assembleia de Deus. Há mais de vinte anos casados, a mãe e avó paterna de Jaqueline ainda continuam circunscritas à mesma Igreja, porém Jaqueline foi a primeira que iniciou um processo de rompimento da religião herdada da família, apesar de declarar que o pai é “crente”, mas não tem assiduidade com a religião, assim como o irmão, encaixando-se nas novas categorias de evangélico não praticante que remete “a pouca

²¹ 17 anos, solteira, estudante da educação básica.

frequência aos serviços religiosos e a ausência de relações mais comunitárias” (ALMEIDA; MONTEIRO, 2001, p. 6).

A jovem ressaltou alguns problemas em pertencer a uma instituição com preceitos tão tradicionalistas tais como a Assembleia de Deus, caracterizada por Mariano (1999) como uma Igreja de primeira onda, uma vez que restringe as vestimentas, demonizando qualquer tipo de ornamentos estéticos e tratamentos de beleza, bem como acessórios, uso de calças jeans e também maquiagens. Durante os cultos a jovem sentava-se com a mãe e avó, não tinha nenhum grupo de jovens ou movimento para que eles interagissem entre si; na verdade eles, os jovens, mal se conheciam. A falta de um agrupamento para indivíduos com mesmas ideias, vigor, disposição e idades próximas, juntamente com as restrições estéticas impostas pela denominação, provocou um completo desajuste e infelicidade em sua vida, resultando assim num total afastamento da Igreja.

Passando alguns meses sem nenhum tipo de adesão religiosa e ficando em casa aos finais de semana, ao invés de ir à Igreja, a jovem conheceu a Reviver Church, pois um primo já congregava nessa instituição religiosa e assim poderiam ir juntos, uma vez que a Igreja fica no outro extremo da cidade, quando comparada ao local de residência de Jaqueline. Sem encontrar nenhuma barreira ou reprovação da família e sendo estimulada a procurar uma Igreja em que se sentisse bem, a jovem adentrou à Reviver Church.

Frequentando especificamente o Geração Fusion, Jaqueline ressalta que agora possui mais liberdade, não é tolhida de usar maquiagem, pode ir de jeans para os cultos, corta o cabelo no comprimento que desejar, além é claro de frequentar um lugar com outros indivíduos da mesma faixa etária que ela, num culto realizado especialmente para os jovens, onde eles são importantes, possuem valor e recebem atenção. As músicas, permissividade, personalidade dos pastores, o ambiente e também a forma como os pastores pregam, utilizando-se de um referencial simbólico e linguístico oriundo das próprias juventudes, fez com que Jaqueline se filiasse a essa Igreja, encontrando exatamente aquilo que ela procurava em relação a uma Igreja e conseqüentemente faltava na instituição religiosa que toda a família frequenta.

Sendo assim a jovem rompe com uma herança institucional religiosa, buscando uma Igreja que tenha mais elementos atrativos e modernos

resultando numa maior inserção dentro de um conjunto simbólico que representa as diferentes juventudes. Concomitantemente Jaqueline sai de uma delimitação territorial, uma vez que a família está numa Igreja do próprio bairro devido os vínculos pessoais e também facilidade de locomoção. Para a jovem Deus não é chato e antiquado, mas sim moderno, agrada-se ao ser cultuado com músicas de vários estilos, seja rock, eletrônico, sertanejo e principalmente não impõe restrições estéticas ou de vestimentas, tal como a jovem vivenciava na Assembleia de Deus. O verdadeiro Deus para a jovem proporciona uma integração entre seus fiéis, explora justamente a energia e disposição dos jovens em pregarem a palavra e trabalharem assiduamente em sua obra.

Narrando outras experiências, Jaqueline ressalta que por vezes visita outras Igrejas, a convite de amigos, prática bastante comum no meio evangélico, porém somente sente vontade de pertencer à Reviver Church, pois as demais são apenas visitas descompromissadas. Em algumas ocasiões frequenta grandes eventos realizados em Igrejas da cidade de Londrina que, assim como a Reviver, trazem pastores, pregadores e músicos da cena gospel nacional realizando encontros de formação, shows ou momentos de oração e pregação.

O trânsito da jovem se dá intensamente no próprio eixo (neo)pentecostal, pois constantemente está visitando e conhecendo novas manifestações e organizações religiosas, construindo sua forma de crer baseada em diferentes experiências com o sagrado e numa constante experimentação, sem fechar-se para as novas possibilidades. Todo o núcleo familiar da jovem tem convicção de que o importante e necessário é frequentar alguma Igreja e exercer algum tipo de fé, mas nesse caso dentro da matriz cristã/evangélica e preferencialmente (neo)pentecostal.

Em certa ocasião a jovem mostrou alguns vídeos de um culto do Geração Fusion à avó, segundo ela a reação da matriarca foi de espanto, pois nunca havia presenciado ou visto um culto com músicas gospel no estilo Rock, ou mesmo eletrônica, porém não criticou a neta, nem mesmo a reprovou por pertencer a uma Igreja “tão diferente” para os parâmetros tradicionais. Tal contexto evidencia um desencaixe, ou seja, uma diferenciação geracional e conseqüentemente cultural que implica na compreensão, vivência e sentimentos em relação ao manifestar da religião, ou mesmo do Espírito Santo.

Em duas ocasiões específicas a mãe e pai de Jaqueline foram à Reviver Church, a primeira num culto de sábado e outra num culto de domingo. A motivação se dava pelo fato do sobrinho, primo que levou Jaqueline para conhecer a Igreja, ministrar suas primeiras pregações, pois naquele contexto ele começava sua caminhada enquanto pregador, assumindo o culto do Geração Fusion aos sábados na ausência dos pastores Shirley e Fabiano. Como a jovem enfatizou a mãe e o pai ficaram extremamente felizes e entusiasmados pela nova jornada espiritual que o sobrinho iniciara. Porém é necessário ressaltar que o pai de Jaqueline, apesar de ter nascido num lar pentecostal, não possui mais práticas assíduas, não frequentando com regularidade nenhuma Igreja, apesar de se declarar crente.

A distância, dificuldades de deslocamento, de estacionamento e também as dimensões e quantidade de indivíduos na Igreja, constituem-se enquanto alguns elementos que incomodaram os pais de Jaqueline, uma vez que a mãe frequenta uma Igreja localizada no próprio bairro, com dimensões modestas. Sendo assim, a jovem enfatizou que a mãe não tinha interesse em congregar na Reviver Church, devido a tais fatores. Porém noto que os mesmos elementos que repelem os pais de Jaqueline, são os que atraem a jovem.

A inserção e frequência numa Igreja bem localizada, numa área extremamente valorizada com acesso a diferentes meios de lazer seja antes ou após o culto, também consiste num atrativo para a jovem que frequenta o Geração Fusion. A Reviver Church consegue atrair e expressar elementos modernizantes, como ressaltado anteriormente, possibilitando a jovem uma vivência sagrada e ao mesmo tempo com elementos que supostamente a insere nos processos de modernização, tal como desejava. Novamente, ao buscar uma inserção na modernidade e uma forma de vivenciar tal contexto moderno, a jovem esbarra-se numa Igreja enquanto instituição que proporcione tal vivência modernizante, fazendo com que ela permaneça semanalmente envolvida nas atividades da Reviver Church e conseqüentemente do Geração Fusion.

Junior ²², um jovem e fiel assíduo da Reviver Church filiou-se a essa Igreja também pelos pais reconhecerem e já terem sido liderados muitos anos por Ricardo, quando ele ainda era pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular na cidade de Cambé. O jovem já nasceu num lar evangélico, onde a família apenas

²² 19 anos, solteiro, interrompeu a graduação em administração, funcionário de uma pequena fábrica.

deixou a Igreja do Evangelho Quadrangular, dirigindo-se a outra denominação devido a saída de Ricardo. Tal fato impulsionou incontáveis rupturas dos fiéis onde antigos foram em busca de outras denominações, ou mesmo se dirigiram para Londrina-PR, para pertencerem sob os desígnios desse pastor.

Junior frequentava uma Igreja do próprio bairro, na cidade de Cambé, juntamente com os pais e irmãos. A família e o jovem ao tomar ciência de que Ricardo estruturara uma Igreja própria na cidade de Londrina fez com que houvesse um súbito interesse em conhecer a nova Igreja do antigo líder, sendo impulsionado até mesmo pelos pais. Estabelecido na Igreja que toda a família frequentava, mas sem tanta motivação ou excitação, o jovem foi em busca de uma Igreja que tivesse elementos da modernidade, atualizada e que possibilitasse maiores vivências, organização e articulação entre os jovens, assim como buscava Jaqueline. Notava que a intenção objetiva do jovem era de encontrar uma Igreja séria, onde os pais não se chateariam pelo trânsito religioso, mas que tivesse uma vivência juvenil forte.

A família desse jovem tem um peso relevante nessa mudança de religião, observava através de suas falas o quanto os pais admiram e respeitam Pastor Ricardo e tal sentimento transpôs-se para a geração dos filhos, uma vez que os jovens não vivenciaram seu pastoreado em Cambé, pois ainda eram pequenas crianças. A influência dos pais, permissão e aceitabilidade de que inicialmente um filho e posteriormente os outros passassem para a Igreja de Ricardo, se deu de forma naturalizada, revelando novamente uma filiação não institucional, mas sim com a figura do líder e com uma matriz religiosa.

Tal trânsito religioso apresenta-se como algo naturalizado na organização religiosa da família, soando como um momento de maturidade espiritual, onde os filhos vão em busca de uma instituição religiosa que lhes satisfaça e seja mais adequada aos seus anseios pessoais e espirituais. Faz-se notório que os jovens estão em vários períodos de transição, tanto o de entrada na vida adulta enquanto profissional e cidadão, quanto de entrada na vida adulta espiritual.

Os pais de Junior não congregam na Reviver Church, permaneceram na Igreja da própria cidade, uma vez que o constante deslocamento necessário para frequentar os cultos acaba sendo um grande empecilho,

provocando cansaço e desmotivação, os motivos da não adesão são bastante práticos, não perpassando elementos da fé ou espiritualidade.

Para os jovens a distância, frequência a outra cidade ou mesmo bairro, é um atrativo, pois sair da região circunscrita de suas residências, distanciar-se das filiações familiares ou mesmo geográficas, possibilita um fluxo, vivências, experiências e também em certo nível aventuras, desejado pelos jovens. Ir à Igreja é um compromisso semanal, demandando tempo, preparo e estratégias de locomoção, seja por serviços públicos de transportes, caronas com outros membros ou mesmo através de serviços informais de locomoção de passageiros. A convivência com Junior me levou a ter contato com outros jovens, entre eles um que possui um percurso religioso bastante próximo.

Daniel²³ é outro jovem oriundo de um lar evangélico que frequenta a Reviver Church. O processo de desfiliação da pertença religiosa da família desse jovem apresenta um interessante cenário, onde cada um, pai, mãe e irmãos frequenta uma denominação religiosa diferente e por vezes realizam visitas nas igrejas uns dos outros. A pertença religiosa na família desse jovem é compreendida enquanto uma escolha individual, o próprio já realizou outros trânsitos religiosos, tal como em direção à Igreja do Evangelho Quadrangular, de onde saiu juntamente com Pastor Ricardo, para fundar a Reviver Church.

Daniel justifica o fato dos pais não frequentarem a Reviver devido à distância da residência da família que mora em outra região da cidade, e também por eles preferirem uma Igreja mais intimista onde é possível conhecer a todos os membros, suas famílias e que o templo não seja um lugar de grandes dimensões. Tais fatores práticos tal como a dimensão do templo e localização consistem numa justificativa para a não pertença, apesar de compreender que o jovem nem mesmo se empenha ou demonstra grande interesse em participar da mesma comunidade religiosa que os pais ou irmãos.

O jovem ressalta que frequenta os cultos do Geração Fusion, pois lá encontra amigos que ainda são da época em que congregavam na Igreja do Evangelho Quadrangular, pois parte dos fiéis da Reviver também vieram dessa instituição religiosa, possibilitando assim a manutenção de uma rede social de amigos, conhecidos ou mesmo apenas irmãos de fé. O Geração Fusion possibilita

²³ 22 anos, solteiro, ensino médio completo, funcionário de uma empresa de logística.

ao jovem uma grande inserção no meio musical, uma vez que ele toca baixo, guitarra e bateria, dedicando-se basicamente à trabalhos musicais nos finais de semana, sendo ele responsável por tocar em diferentes cultos ao longo do mês.

A música é um dos elementos de grande relevância para a participação e assiduidade de Daniel, a liberdade que o mesmo possui para ensaiar, tocar e “fazer seu som”, consiste em algo essencial para sua vida em comunidade. Em diferentes momentos notei que o jovem valorizava a possibilidade e responsabilidade de tocar nos cultos, evidenciando que nem todas Igrejas possuem tal abertura para que os jovens aprendam e também aprimorem seus conhecimentos e práticas musicais. Tal liberdade e confiança lhe foi destinada desde os primeiros momentos da Reviver Church, resultando numa forte e participativa responsabilidade. Tal responsabilidade com a prática da fé também é evidente no caso de uma mãe e filha que foram conhecer o Geração Fusion e acabaram encontrando um espaço religioso que a muito tempo procuravam.

Beatriz²⁴ cresceu num lar católico, porém seu primeiro trânsito religioso foi em direção à Primeira Igreja Batista de Londrina, onde congregou por muitos anos. Sua assídua participação nessa comunidade tradicional da cidade começou a ser questionada quando Beatriz despertou-se a observar melhor os comportamentos de Talia²⁵, sua filha. Talia juntamente com a mãe vinha por anos participando da Primeira Igreja Batista de Londrina, porém repentinamente começou a se desencantar pela Igreja, evidenciando para a mãe o quão desinteressante tornara-se aquele espaço, sem nenhum culto ou mesmo reunião específica para as juventudes. Beatriz, ao colocar-se no lugar da filha e compreender seu desagrado e desmotivação também se questionou, enquanto mãe e fiel, sobre o que seria melhor para a filha.

Beatriz decidiu por buscar outras instituições religiosas, pensando especificamente na adequação da filha a algum movimento religioso juvenil. Inicialmente frequentou a Reviver Church a convite de uma amiga, obrigando a filha à acompanhá-la, nos cultos de domingo, porém em seguida tomaram conhecimento do Geração Fusion. Ir ao culto dos jovens fez com que todo o desinteresse e desmotivação que Talia sentia para ir à Igreja findasse-se.

²⁴ Aproximadamente 50 anos, funcionária pública, não possui conjugue.

²⁵ 15 anos, estudante, solteira.

A jovem estudante adaptou-se de tal forma que em poucas semanas já estava integrando o ministério de dança e teatro da Igreja, fez muitas amizades dentro do Geração Fusion e viu um novo e interessante círculo de jovens se abrir, com diferentes possibilidades e inserções. Para Beatriz, ter conhecido o Geração Fusion e uma nova forma de louvar e participar de uma comunidade religiosa foi de extremo valor e importância, tanto em sua vida quanto na de sua filha.

Beatriz ressalta a importância do Geração Fusion e reconhece o quão atrativo é esse espaço, justamente por permitir uma diversidade entre os jovens, sendo que eles utilizam diferentes roupas, possuem diferentes estilos e apresentam características inerentes a fase na qual estão. A relação dos pastores com os jovens também é ressaltada como um dos pontos centrais e positivos do Geração Fusion, para Beatriz a linguagem é acessível, por vezes divertida, alcançando e despertando um interesse contínuo nos jovens. Associada a tal liberdade e naturalidade, as músicas também são ressaltadas por Beatriz como um fator muito relevante para a manutenção, uma vez que vários estilos são cantados e tocados nos cultos, tornando uma música com conteúdo religioso tão acessível e sonora quanto as músicas seculares.

De maneira generalizada, Beatriz ressalta que a mudança foi extremamente positiva e que diferente da antiga Igreja que era um local para velhos, a Reviver Church é um lugar revigorado, moderno e extremamente atrativo, até mesmo para ela que não é uma jovem. Talia e Beatriz frequentam o mesmo espaço religioso, uma vez que a mãe também vai para os cultos dos jovens aos sábados, porém é interessante ressaltar que as duas não ficam próximas durante o culto, ao chegar na Igreja cada uma dirige-se para um núcleo de pessoas diferentes, a mãe busca conversar com alguém de mesma faixa etária ou com as pastoras, enquanto a jovem rapidamente agrupa-se com outras meninas de mesma idade.

Para elucidar essa relação entre mãe e filha numa mesma Igreja e frequentando ambas o culto de jovens, inicialmente devo enfatizar que tal situação foi única durante todo o campo, além de ressaltar que a família é composta apenas pelas duas. A disposição, preocupação e medo de Beatriz, levaram-na a realizar um movimento inverso, quando analisado em relação aos demais jovens que estão presentes no Geração Fusion, uma vez que ela foi em busca de outra Igreja e não a filha.

Seria possível que a Talia, assim como Jaqueline, em determinado momento sentisse a necessidade de ir em busca de uma Igreja que lhe agradasse, não tolhendo seu estilo juvenil e possibilitando um espaço específico para as juventudes. Porém, agindo antecipadamente a própria mãe levou a filha a diferentes denominações até o momento em que uma despertou seu interesse. Beatriz dispôs-se a participar de outra comunidade religiosa, num bairro distante do qual reside, além é claro de abrir mão de parte significativa de seu tempo livre durante as noites e madrugadas de sábado para estar com a filha no Geração Fusion.

Interessante notar a quão valorizada é a juventude por Beatriz, uma vez que a mãe afirmou em diferentes momentos o quanto a Igreja era viva, o quanto os jovens eram eles mesmos ao subirem nas mesas, gritarem, correrem e se expressarem, de maneira geral. A liberdade dada aos jovens dentro desse espaço religioso a tranquiliza, pois acredita que tal liberalização de energia é necessária para os indivíduos nessa fase, inclusive para sua filha, fazendo assim com que ela não se desvirtue dos caminhos divinos e mantenha uma fé constante.

O fato de estar entre outros jovens com preceitos religiosos que não buscam ser adultos, apresentando comportamentos previstos dessa faixa etária, tal como usar roupas diferentes, pintar os cabelos de várias cores e extravasar toda energia ao dançar, pular e correr nos momentos de louvor, garante-lhe segurança de que a filha está num ambiente seguro com jovens confiáveis. A sensação de Beatriz é que ela está proporcionando à filha vivenciar a juventude sem se desviar de um vínculo ou conduta religiosa, uma vez que tais elementos juvenis possibilita a jovem uma liberdade, porém dentro dos parâmetros religiosos.

Sendo assim ao realizar um panorama geral noto que os jovens buscam se distanciar das Instituições religiosas familiares, ou seja, vão em busca de uma Igreja que corresponda a seus anseios e seja mais adequada ao que compreendem enquanto manifestação e vivência da fé e religiosidade, levando em consideração os elementos modernizantes que ela oferece. Como resultado dessa busca por afastamento há uma clara valorização de algumas características da Reviver, tal como a localização centralizada que facilita os passeios após culto, o horário e dia do Geração Fusion, a extrema qualidade dos recursos midiáticos, a estrutura com ar condicionado e cadeiras confortáveis, além é claro da criatividade dos cultos temáticos e grandes eventos. Tais características possibilitam um

ambiente plural e constantemente atrativo que desperta o desejo e vivência coletiva entre os jovens, fazendo com que eles queiram estar juntos nesse período possivelmente conturbado de transição à vida adulta.

As famílias dos jovens continuaram a pertencer às mesmas Instituições em que já eram filiados antes do trânsito religioso dos filhos, há uma nítida preferência em permanecer numa Igreja do próprio bairro, circunscrita também a própria vizinhança a qual já estão habituados e possuem referências. Os fatores geográfico são relevantes para os diferentes trânsitos religiosos, como ressalta Almeida; Monteiro (2001). Dificuldade em locomoção através de serviços públicos de transportes ou mesmo acréscimo de gastos com combustível e maior demanda de tempo para ir e vir faz com que eles, os pais dos jovens, se afastem.

O fato da Reviver ser uma Igreja com elementos modernizantes, cores diferenciadas e um ambiente que não corresponde necessariamente a uma Igreja pentecostal clássica, por vezes afasta ou assusta os pais dos jovens, porém como enfatizado anteriormente os elementos que repelem os pais são exatamente os mesmos que atraem os jovens. A participação semanal no culto torna-se o principal compromisso do final de semana para os jovens, pois estarão engajados no sábado durante a tarde, noite e madrugada a dentro, já no domingo durante grande parte da noite.

Evidentemente há um grande incentivo por parte da família para que o jovem permaneça em alguma Igreja, não rompendo de vez com a matriz religiosa familiar, pois tal fato sim seria preocupante e relevante, já o trânsito religioso intra pentecostal torna-se algo rotineiro, como uma escolha momentânea, aproximando do supermercado da fé (ALMEIDA; MONTEIRO, 2001). Sendo assim há um esforço da família em manter o jovem e auxilia-lo a frequentar a Igreja que deseja, tal suporte se dá através da disponibilidade de levar ou buscar, fornecendo dinheiro para o dízimo e também para o lanche após o culto.

4.3 Os percursos juvenis e sociabilidades (neo)pentecostais da Reviver

Observar tais percursos dos jovens que envolvem os trânsitos religiosos tanto deles quanto dos familiares nos apontam para algumas perspectivas analíticas. Inicialmente as religiões vêm passando por um processo intenso de

desinstitucionalização. Teixeira (2014) ressalta que de acordo com o senso do IBGE atualmente o Brasil possui 64,6% de católicos, em vista que em 1872 esse número era de 99,7%, por outro lado as religiões evangélicas em 1942 representavam apenas 2,6% da população, chegando a 22,2% em 2010, totalizando mais de 42 milhões de fiéis em todo o país.

O segmento pentecostal que engloba os pentecostais clássicos, pentecostais e neopentecostais corresponde a 13,3% de toda a população brasileira, sendo equivalente a 25,3 milhões de indivíduos. Teixeira (2014) ressalta que o crescimento do contingente pentecostal é acima da média de crescimento da própria população brasileira. Porém o cenário de crescimento da matriz (neo)pentecostal ocorre desenfreadamente, com diferentes denominações, ênfases, teologias e atuações, propiciando um enfraquecimento e diminuição do número de fiéis das instituições religiosas já consolidadas, tais como a Congregação Cristã e Universal do Reino de Deus. Essas instituições religiosas em menos de uma década perderam juntas mais de quinhentos mil membros. Observa-se que a desaceleração e decréscimo de instituições já consolidadas e tradicionais atinge também o recente meio (neo)pentecostal, uma vez que a Congregação Cristã possui pouco mais de cem anos e a Universal do Reino de Deus aproximadamente cinquenta anos.

O contexto de enfraquecimento de grandes instituições propicia um campo religioso pluralista, com diferentes origens, práticas, teologias, inspirações e principalmente formas de propagar a fé e também a vida em comunidade, fazendo com que os indivíduos, assim como os jovens expostos acima em seus trânsitos religiosos, diretamente... “busquem cada vez mais uma alternativa individual no processo de afirmação de sua identidade religiosa” (TEIXEIRA, 2014, p. 37).

No contexto atual, afirma Teixeira (2014) há uma tendência de decréscimo às filiações tradicionais, propiciando exatamente um desencaixe dos indivíduos com os laços anteriores, ou seja, os laços familiares, uma vez que a religião demasiadamente é herdada (HÉRVIEU-LÉGER, 2015). Tal situação evidencia-se a partir dos contextos juvenis apresentados anteriormente. Há uma ruptura com instituições religiosas tradicionais, mesmo aquelas tradicionais para a família ou para o meio (neo)pentecostal, possibilitando a criação e estruturação de novos laços e vínculos, a partir de religiosidades e pertencas cada vez mais

fragmentadas, “...desencadeia-se um processo de desfiliação em que as pertenças sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais e, mais que isso, revisáveis, e os vínculos, quase só experimentais, de baixa consistência” (TEIXEIRA, 2014, p. 39).

Pensar numa revisão dos vínculos religiosos implica em questionar as pertenças e também em (re)construir uma identidade religiosa. Os jovens, assim como ressaltado por Jaqueline, Beatriz, Daniel, Aline e Junior, buscam uma pertença religiosa que lhes satisfaça, correspondendo a diferentes perspectivas e anseios individuais. Souza (2015) ressalta que o (neo)pentecostalismo passa por um vertiginoso crescimento enquanto uma cultura, a cultura gospel. Nesse contexto é possível assumir um estilo que está associado as juventudes e consequentemente a sociedade de consumo, facilitando a junção entre alguns fatores, tais como a necessidade dos jovens em participarem de um segmento religioso, seja por questões morais, espirituais ou familiares. Dessa forma a cultura gospel fortalecida na sociedade moderna e sendo atrativa aos jovens, possibilita um público específico e forte para as instituições religiosas.

Para se (re)construir, por vezes é necessário romper, seja com a instituição religiosa do pai, da mãe ou mesmo de toda a matriz familiar. Associado a tal processo nota-se uma liberalização dos usos e costumes por parte das “novas” Igrejas que os jovens buscam se filiar, uma vez que desejam ser compreendidos e vistos como jovens quaisquer, sem traços estéticos e comportamentais que sejam característicos do meio evangélico.

Rumstain ressalta que...

Uma das principais características do meio evangélico é seu incessante proselitismo, e a liberalização dos comportamentos tem a função de deixar mais palatável a vida evangélica: o circuito gospel atrai pessoas, principalmente jovens, por meio de um discurso que “parece” não-religioso, sem regras ou proibições. Disso surge uma ambiguidade quanto aos comportamentos e às possibilidades de interação com as práticas “mundanas” (RUMSTAIN, 2007, p. 146).

Tais implicâncias se dão devidas as características do próprio contexto moderno, onde há uma massificação de informações e busca por uma identidade religiosa por parte dos jovens que seja moderna, construída com acesso, consumo e principalmente intensifica a exposição nas redes sociais.

Jaqueline rompeu com a filiação institucional da família, assim como Daniel, Aline, Junior e Beatriz, revelando, por outro lado, também um caráter de experimentação e busca por diferentes vivências do sagrado, tais perspectivas se fazem notórias através das falas cotidianas dos indivíduos. Os jovens sempre fazem referências a outras Igrejas que já visitaram ou que ainda visitarão, sendo um trânsito bastante fluido e livre. Porém tal liberdade e facilidade de circulação só é possível devido ao fato de que eles transitam, ou evidenciam, apenas os trânsitos dentro de Igrejas de matriz (neo)pentecostal, uma vez que sair desse eixo religioso, poderia ser problemático e até mesmo levar os jovens a sofrerem coerções e constrangimentos familiares.

Sair, voltar, permanecer, abandonar as instituições religiosas são ações mediadas pela assimilação do indivíduo a contextos e esferas mais amplos de sua inserção na sociedade, não restritos apenas à visão purista da instituição ou a um sistema de crenças fechado e supostamente constituído como imutável pelo indivíduo (FERNANDES, 2014, p. 57).

A vivência cotidiana dos jovens que perpassa os estudos, trabalho, família e demais ciclos sociais, faz com que eles busquem uma religião que se adeque também às características inerentes da juventude, tais como consumo assíduo, valorização da moda e tendências mundiais, músicas e vídeos virais, além é claro de perspectivarem um amplo crescimento profissional e financeiro. Os jovens inseridos e compartilhando valores seculares evidenciam seus desejos por colocarem piercing e fazerem tatuagens, adereços estes antes inimagináveis em qualquer Igreja evangélica.

Em certa ocasião, antes de começar o culto, numa conversa bastante amigável e sincera, uma jovem afirmou que apenas sonhava em ser a top model Gisele Bündchen, mas como tal desejo é impossível ela queria apenas ter a oportunidade de encontrar com Tom Brady, marido da modelo, garantindo que não desperdiçaria tal chance de tê-lo para si. Os valores e desejos mundanos são cada vez mais naturalizados e aceitos nesse contexto “sendo o (neo)pentecostalismo uma religião de ruptura com o comportamento rígido tipicamente puritano do pentecostalismo clássico e do protestantismo histórico” (SOUZA, 2015, p. 161).

Pensar nas identidades dos jovens e nessa constante busca de construí-la, faz com haja um processo de relativização, resultando assim em diferentes níveis de relação entre o global e o local, acarretando em consumo, estilo

de vida, circulação de mercadorias e também de imagens, passando elas cada vez menos por uma definição histórica, sendo do agora, do imediato (MESQUITA, 2007). A religião, nesse contexto passa por uma libertação da tradição, tal fato devido a própria fragilidade dos laços identitários, onde o trânsito religioso se dá também por uma busca de emoções e sentidos (SOUZA, 2015).

Uso tal exemplo, apenas para enfatizar como os jovens também buscam um ambiente religioso que esteja longe das antigas concepções do que é ser “crente”, pois eles enfatizam e dão grande destaque aos bens materiais e estéticos que possuem, zelando e apreciando tais características também nos outros jovens. O caso de Jaqueline é extremamente relevante e possibilita também elucidar outras incontáveis situações que presenciava, de assuntos sobre cosméticos, cabelos, estéticas e influências da moda, ou mesmo entre os garotos a troca de informação sobre lojas de bonés e tênis e também de produtos para beleza, tais como pomadas para os cabelos e para o rosto, evitando manchas, espinhas e quaisquer tipos de marcas. A ausência de uma estética puritana tradicional é uma característica marcante das Igrejas (neo)pentecostais, evidenciando uma estética de consumo diluída na liberdade, distante de quaisquer proibições e medo de obras malignas agirem em sua vida devido às vestimentas e estéticas, tudo isso tornam-se elementos característicos e também de uma qualidade de vida (SOUZA, 2015).

Tais apreensões ou mesmo trocas de informações são possíveis devidas as características dessa Instituição religiosa que como assinalada é (neo)pentecostal e vem acompanhando o contexto de inserção dos indivíduos, principalmente dos jovens. Os trânsitos religiosos intra pentecostais realizados por esses jovens recam justamente na forma como eles vivenciam a religião, em como ela também é “cobrada” ou mesmo “frouxa” no cotidiano de suas vidas, uma vez que não mais se demarca em roupas, estilos, posturas e pertencas únicas.

Um dos fatores também relevantes que estão associados aos trânsitos religiosos desses jovens consiste na busca por lazer, esse diretamente associado a uma maior permissividade, dada através dos usos e costumes. Mesquita (2007) associa a vivência da religião (neo)pentecostal atual com um hedonismo, ou seja, com a constante busca por um prazer que seja próprio, oriundo da perspectiva individualista que norteia as ações dos indivíduos, assim eles

buscam uma instituição que não lhes exigirá muitas mudanças, onde ser um fiel é “fácil”, sem muitos códigos ou condutas características.

O discurso e perspectiva moral positiva que a participação numa religião cristã, principalmente de matriz evangélica, possibilita aos indivíduos, ainda é bastante arraigado em nossa sociedade. É mais saudável e compreensivo dar liberdade aos jovens de ir e vir em quaisquer horários por estarem trabalhando para a Igreja, preparando, ensaiando apresentações, ou mesmo aproveitando o tempo livre em algum restaurante da cidade, após o culto, do que simplesmente possibilitar uma liberdade para eles simplesmente saírem com amigos da escola ou mesmo da faculdade, onde os parâmetros morais religiosos podem não ser compartilhados por todos. Existe a ampla crença de que incorporando tais valores religiosos as atitudes dos jovens serão cerceadas frente a ampla oferta e possibilidade de diversão e lazer que o mundo secular oferece constantemente e que diretamente poderão estar associadas ao consumo de entorpecentes e práticas sexuais.

Um dos pontos centrais de tal liberdade que os jovens desfrutam por estarem com os amigos e demais membros da Igreja se dá por uma associação direta de uma postura moral, supostamente positiva que, é alinhada aos princípios religiosos, tal como Beatriz crê e insiste para que sua filha faça parte. De maneira geral existe uma associação da fé com uma ética, necessária as juventudes no contexto secular e midiático, onde há uma desvalorização das instituições, das hierarquias e principalmente dos monopólios da verdade e do saber.

Tal perspectiva também nos direcionada a compreensão dos trânsitos religiosos intra pentecostais desses jovens, ou seja, a permissividade da família para que eles transitem em diferentes instituições religiosas, na constante busca por uma melhor adaptação também está baseada no crença de que inquestionavelmente é melhor que o jovem esteja em qualquer Igreja (neo)pentecostal do que fora, sem filiação religiosa, tal como a avó de Jaqueline enfatizou para à neta. Joas (2015) nos traz um interessante panorama a respeito das filiações religiosas e decadência moral, contexto este provocado pelo amplo processo de secularização que vivenciamos nas sociedades ocidentais. Tal perspectiva aponta para a existência de uma concepção popular onde a filiação e prática de uma religiosidade está diretamente associada a uma melhor conduta de

vida moral, ética e de valores para a boa convivência em sociedade, apontamento este presente nos discursos dos jovens, familiares e pastores.

O afastamento da religião, possivelmente conduziria o jovem a valores mundanos e seculares, uma vez que existe a crença de que a fé é essencial para a saúde mental, motivação moral e coesão social (JOAS, 2015). Afastar-se da Igreja e cair em valores apenas mundanos seria um problema de dimensões incalculáveis, exatamente pela crença dos fiéis, dos jovens e das famílias de que assim estariam mais vulneráveis, solitários, depressivos, expostos ao risco e promiscuidade, entre outros.

Tal concepção remete diretamente a uma das afirmações da jovem Aline que, durante o período afastada da Igreja, vivia constantes amores banais, sofria por qualquer pessoa, envolvia-se fácil e deixava-se levar por qualquer um. As emoções eram todas intensas numa constante busca por atenção e carinho, porém após retornar à Igreja, sentiu-se fortalecida e preenchida pelo amor divino, afastando-se de qualquer busca desenfreada e não saudável por relacionamentos amorosos.

Existe uma compreensão de que afastar-se da Igreja implica automaticamente em compartilhar e exercitar valores mundanos. Esses valores possivelmente são uma ameaça a toda a organização tradicional e conservadora da sociedade, uma vez que eles ameaçam a moralidade, a paz, a segurança, a integridade e também o próprio corpo do jovem. Há um imaginário a respeito da Igreja e da importância que os indivíduos dão aos que nela permanece, pois possivelmente correspondem a uma moral ética de ser um bom cidadão. Porém na prática os vínculos religiosos e maior adesão a eles não correspondem ao fato de serem “bons” cidadãos. Joas (2015) enfatiza que tal perspectiva não se confirma, sendo as sociedades com menos crença em Deus lugares com menores taxas de homicídios, abortos, gravidez na adolescência e até corrupção.

A vida urbana permite cada vez mais um enfraquecimento das hierarquias tradicionais, tais como a família e lideranças religiosas, possibilitando aos jovens uma constante busca por novas referências e conseqüentemente com o preenchimento do tempo livre, por vezes maiores durante os períodos de juventude e transição à vida adulta. O processo de industrialização enfraqueceu as

festividades, celebrações e folias genuínas, forçando um caráter sóbrio, sem ludicidade ou imaginação nos indivíduos (LEONARDO; MARCELLINO, 2007).

Pensar nos jovens que frequentam o Geração Fusion, indica de modo conciso uma mescla entre religião e lazer. Participar constantemente de diferentes cultos, aprender a tocar um instrumento ou mesmo se preparar para dar alguma palavra diante da Igreja é uma forma vertiginosa de lazer e ocupação do tempo livre. Associar o tempo livre, ou seja, aquele tempo em que não se está trabalhando ou estudando às práticas religiosas, é visto por eles enquanto um ato de fé que possibilita um distanciamento do pecado e também das tentações mundanas que basicamente são o sexo fora do casamento, o consumo de bebidas alcoólicas ou consumo de entorpecentes.

Por vezes os pastores afirmam que o jovem crente deve andar com outro jovem crente, enfatiza a necessidade deles se unirem para sair após o culto, pois dessa forma possibilitam menos chances para que eles se desviem, vá para festas mundanas ou estejam em más companhias. Investir o tempo livre dos finais de semana na Igreja, é uma forma, vista por eles, de agradecimento pela vida que levam, associando todos os acontecimentos cotidianos a fé, a graça e também merecimento devida a obra que vem sendo construída através da pertença e participação na vida comunitária religiosa.

Na tentativa de fugir de um ciclo previsível e monótono, uma vez que os jovens se cansam fácil e sempre estão à procura de novidades, as lideranças institucionais acatam tais demandas enquanto algo bastante pertinente, busca realizar cultos temáticos e atrativos, aposta em grandes eventos, realiza shows, entre outras atrações de caráter mundano. Nota-se uma constante tentativa de fazer com que através dela se passe todas as formas de lazer dos jovens, concomitantemente há uma grande expectativa para tais eventos. “Há uma porosidade entre as atividades de lazer e as religiosas, busca-se no espaço da Igreja a experiência emocional que pode ser propiciada pelo lazer” (MESQUITA, 2007, p. 134).

Dessa maneira evidencia-se a busca dos jovens por um ambiente que simultaneamente lhes possibilite algum tipo de lazer secular, pois tais inspirações para os eventos nitidamente é buscada na sociedade externa a Igreja e também lhes preenchem, no sentido religioso e espiritual. Ainda em 2016 seria

realizado um culto no estilo balada eletrônica, ou como era intitulado, o “conectados”, evento realizado para conectar jovens de diferentes Igrejas, seja enviando seus Dj’s, músicos ou mesmo fiéis. O culto se iniciou convencionalmente, seguindo o tempo previsto para cada fala e músicas, porém a ansiedade dos jovens era tamanha que em certo momento quando a pastora ainda pregava um dos jovens que está na Reviver Church desde sua fundação simplesmente exclamou “Cê é loko, essa mulher tá falando tem mais de uma hora”.

A interface com o lazer, a busca por ele e principalmente a vivência proporcionada é amplamente desejada pelos jovens. Para Mesquita (2007) os templos por vezes ocupam antigos locais de lazer, tal como a Bola de Neve Church que intencionalmente busca tais locais para transformar em Igreja, proporcionando ao jovem, durante os cultos, ou mesmo durante uma balada cristã dançar, orar em voz alta, liberar seu corpo através de algum tipo de transe, aproximando-se de lazeres seculares, por vezes estimulados por algum tipo de entorpecente.

Os cultos não contêm muitas surpresas, porém há um esforço nessa constante busca pelo diferente, por novas formas de evangelização que diretamente consistem em atividades recreativas e de lazer. Daniel expressa a perspectiva de vários jovens que ali estavam, inclusive aqueles que foram participar pela primeira vez, pois realizar grandes eventos é um interessante momento para converter novos jovens e buscar novos fiéis, por vezes entediados nas Igrejas de suas famílias, ou buscando construir sua identidade religiosa distante dos pais.

De maneira geral percebe-se através das lideranças e de uma tendência desse segmento religioso a concepção de que devem transformar os elementos seculares e atrativos às juventudes em elementos religiosos, sagrados. Nitidamente esta é uma tentativa de sobrevivência e maior permeabilidade da religião nas juventudes; há esta constante busca por elementos que façam-se presentes na vida dos jovens, uma vez que é impossível cercear todos os ambientes em que estes estão inseridos, sendo a Igreja apenas um período curto de tempo durante a agitada vida cotidiana.

Rumstain (2007) enfatiza tal necessidade das instituições religiosas buscarem referências ou permitirem as tendências do universo secular juvenil. A inovação e permissividade é necessária, possibilitando uma constante atratividade para os jovens em relação ao religioso quando se mesclam tais elementos. De

maneira geral há uma tentativa de fazer do espaço religioso um lugar com aspectos mundanos, ao possibilitar diferentes elementos seculares se adentarem. Por outro lado, há uma constante busca dos jovens, estimulados pelas lideranças a sacralizarem, santificarem locais seculares, realizando cultos ou encontros de louvor e adoração em praças, shoppings e parques, movimentos estes que vem crescendo consideravelmente na cidade de Londrina-PR nos últimos meses (RUMSTAIN, 2007). Sendo assim o estilo de vida gospel que engloba os jovens faz parte de um processo mais amplo, oriundo de uma significativa mudança do campo religioso brasileiro, intensamente no meio pentecostal, enfatizando um relaxamento de costumes e moral (RUMSTAIN, 2007).

De maneira geral, perpassamos anteriormente o trânsito religioso intra pentecostal, categoria esta ainda pouco explorada pelas Ciências Sociais, uma vez que a grande parte da discussão se dá na mudança de matriz religiosa, fato este inerente as mudanças modernas que vem ocorrendo na própria organização social do Brasil. Esses jovens, com os quais tive maior contato e pude registrar seus trânsitos religiosos, são de uma outra geração, ou seja, já nasceram num lar evangélico, porém não se adequam as perspectivas religiosas pessoais e institucionais de seus pais.

O rompimento se dá no viés institucional, onde os jovens procuram por uma religião e instituição que melhor se adapte ao seu estilo de vida, impermeados por valores e perspectivas seculares. Existe uma constante busca de construção e reafirmação de uma identidade religiosa por parte dos jovens, tal fato se dá devido eles próprios escolherem a Igreja que frequentam, assumirem responsabilidades e compromissos com a obra, além de saírem da região de suas casas, da vizinhança e comunidade em que cresceram, além é claro das “aventuras” e prazer em se deslocar de casa aos sábados, como assumindo assim um grande compromisso, principalmente pelo fato de que a maioria dos jovens residem em bairros distantes ou até mesmo em cidades vizinhas.

Nos percursos de vida desses jovens é notória a falta de lazer, uma vez que os ambientes que frequentam são restritos, havendo uma grande recusa em ir a locais seculares que possuem ou vendam bebidas alcoólicas, sendo assim elimina-se a possibilidade de bares, casas de shows e muitos locais considerados atrativos para as juventudes. Em certa ocasião Guilherme, um jovem que frequenta

o Geração Fusion, porém possui uma conduta desajustada quando comparado aos demais, convidou Junior e seus irmãos para irem a um churrasco no domingo, antes do culto noturno, porém de forma bastante discreta e sutil um dos jovens perguntou “mas terá àquilo, lá?”, o outro apenas sorriu, sendo tomado por um pequeno constrangimento e excitação que talvez tenha sido provocado pela minha presença, porém respondendo a questão do amigo o jovem apenas acenou com a cabeça que sim, em seguida Junior recusou o convite e disse que não iria, pois ele, Guilherme, sabia que eles, os irmãos, não frequentavam tais locais.

A preocupação do jovem era justamente com bebidas alcoólicas, uma vez que estas faziam parte do churrasco e devido a comportamentos anteriores deste jovem que os convidava, Junior recusou o convite, possivelmente para não compactuar ou estar num ambiente em que a diversão se passaria pelo consumo de bebidas alcoólicas, gerando assim práticas consideradas pecaminosas e também imorais. Noto que sempre há certa desconfiança nos convites e até mesmo na presença de Guilherme em meio aos demais jovens, há um consenso geral de que ele não possui práticas adequadas ao ideal de comportamento dos indivíduos que frequenta a Igreja.

A todo momento Guilherme evidencia seu poder de consumo, exibindo roupas, tênis, correntes e bonés, enfatizando os altos valores pagos, o jovem também expõe que possui uma vida sexual ativa com relacionamentos curtos e intensos, além é claro de falar a todos que frequenta festas seculares e consome bebidas alcoólicas e entorpecentes. Sendo assim existe toda uma negação e pouca credibilidade a tudo que este jovem diz, fazendo com que os outros jovens e principalmente as jovens se afastem, não abrindo brechas nem mesmo para simples diálogos, por considera-lo invasivo e impertinente.

Porém as fronteiras são sensíveis, uma vez que Aline afirmou que por vezes joga sinuca em alguns bares da cidade, porém não consome nenhum tipo de bebida alcoólica, vai apenas pelas companhias de alguns amigos que manteve mesmo após voltar a frequentar a Igreja, enfatizando que todos respeitam sua religião, seus hábitos e principalmente sua recusa à bebidas alcoólicas. Jaqueline enfatiza uma situação ainda mais familiar, pois como ressaltou, o pai é “crente desviado”, o mesmo sempre bebe cerveja e está com amigos em algum bar das proximidades de sua residência, sendo assim o contato com indivíduos que

consomem bebidas alcoólicas é rotineiro e familiar, não causando nenhum espanto ou mesmo recusa e afastamento, sendo até mesmo os amigos de seu pai pessoas muito próximas da família e dela.

Há um afastamento por parte dos jovens aos locais que possibilitam tal tipo de consumo, uma vez que tais ambientes possibilitam posturas inadequadas para o reino dos céus e para as crenças que eles carregam, afetando diretamente a espiritualidade, a fé e o corpo. Porém nota-se que é difícil evitar um completo afastamento, uma vez que tais posturas e consumos podem até mesmo fazer parte do cotidiano dos jovens pelo contato com familiares, vizinhos e amigos que não compartilham tais pressupostos religiosos e éticos.

Nesse contexto também de ocupação do tempo livre, principalmente aos sábados durante a tarde, noite e início da madrugada, é uma necessidade constante para esses jovens, uma vez que tal período é tido como um dos únicos momentos, durante a semana, específicos para a descontração, festividade, alegria e lazer. Preencher esse tempo de forma saudável espiritualmente é uma busca constante por parte dos jovens, por meio de sua participação no Geração Fusion ou outros movimentos religiosos, evidenciando novamente a necessidade de participar, independente da Igreja. Por vezes noto o quanto é válida essa inserção dos jovens dentro dessa instituição religiosa, uma vez que legitimam sua ausência em momentos familiares, com colegas do trabalho, escola ou faculdade, pelo fato de o compromisso dos finais de semana consistir em ir à Igreja, ao culto do Geração Fusion, ser maior do que qualquer outro.

A negativa para participar de outros espaços sociais por vezes é dada através do pouco tempo disponível dos jovens, uma vez que parte significativa não vai apenas para o culto do Geração Fusion. Existe toda uma preparação e antecipação para chegar na Igreja e auxiliar na preparação do espaço, seja limpando, organizando as cadeiras, testando o som, orando ou até mesmo varrendo a calçada, como presenciava constantemente. Como rotina, após o culto vem as festividades, ou seja, os jovens se dirigem para algum local com a finalidade de comerem e conversarem, por horas e horas, creio que este é um dos momentos mais importantes para os jovens, uma vez que desde o início do culto especula-se onde irão ao término.

Em certa ocasião presenciei um pai que é uma liderança, conversando com a filha, tentando convencer a jovem à ir num churrasco com ele após o culto, porém a mesma enfática e decidida negou severamente o pedido e afirmou para mim que era mais importante estar com os amigos após o culto do que num churrasco. Ainda não convencido da resposta e buscando compreender melhor a situação fiz questão de enfatizar que era um churrasco, boa comida, bebidas e tudo o mais, porém a jovem disse que é preferível comer um lanche ruim, como aqueles que sempre consomem após os cultos e estar com os amigos, do que ir para um churrasco onde teriam pessoas chatas. Tornou-se ainda mais evidente que os jovens prezam pela companhia uns dos outros, apesar de seus desafetos e problemas internos, mas estar entre eles aos sábados em seus momentos de lazer era sempre uma prioridade para os jovens.

Através dos percursos dos jovens aqui apresentados e que um panorama dos demais que frequentam o Geração Fusion, podemos notar que os jovens desejam permanecerem juntos, reunidos através de organizações que legitimem sua juventude, suas identidades, compreenda seus desejos, atribua-lhes tarefas e reconheça neles algum potencial. Tal situação consiste numa grande articulação entre as juventudes e as religiões, uma vez que a as religiões vem a ser uma das únicas instituições no contexto moderno que dão espaço, reconhecem e valorizam os jovens, mesmo que de forma bastante limitada e moralista.

A possibilidade de os jovens vivenciarem os elementos modernizantes da sociedade brasileira em meio a práticas religiosas é de extremo valor para eles, pois gera um sentimento de inclusão. O Geração Fusion, da Reviver Church consiste num local onde os jovens podem se inserir, construir relações, amizades e relacionamentos amorosos de forma facilitada, uma vez que a própria organização social brasileira, assim como para Leonardo, vem fechando as portas, tirando as possibilidades e relegando os jovens a sua própria sorte, num contexto de redução dos investimentos em políticas públicas, educação, saúde e geração de empregos.

Uma Igreja, com todas as características elencadas neste trabalho, evidencia-se como uma das poucas instituições que acolhe, aceita e dá garantias, mesmo que baseada em crenças e práticas religiosas. Sugerir alternativa, dicas espirituais e terapêuticas através de uma roupagem e imagem que se impõe como

moderna e atual. Os jovens, em transição à vida adulta e sujeitos a diferentes vulnerabilidades acabam por buscar nela condições físicas, espirituais e emocionais para os problemas cotidianos, além é claro de identificar-se com outros indivíduos de mesma faixa etária, dúvidas, anseios e códigos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário religioso (neo)pentecostal apresenta-se enquanto uma pluralidade, seja de denominações religiosas, doutrinas, compreensões do sagrado, fiéis, localidades, públicos entre outras infinidades de coeficientes que proporcionam um espectro multicultural quando tratamos das religiões oriundas de uma matriz protestante no Brasil.

Utilizando-me de uma sistematização metodológica para construir esta pesquisa, triângulei os dados da seguinte forma: teoria, campo e análise. Tal ordenamento, por vezes mesclado, possibilitou-me inicialmente vislumbrar todo um referencial teórico a respeito das juventudes religiosas, porém de acordo com o avanço no campo de pesquisa, novas referências, concepções e questionamentos surgiram e endossaram o referencial teórico desta pesquisa.

Os jovens, intencionalmente e intensamente observados durante o campo forneceram evidências nítidas de que as teorias não são capazes de representá-los em sua totalidade, assim como já evidenciava Pais (1993, 2005). Houve uma necessidade de ampla articulação entre diferentes autores e perspectivas para construir um referencial teórico que fosse capaz de abarcar as pluralidades das juventudes presentes no espaço do Geração Fusion. Sendo assim evidencia-se o contexto religioso moderno e plural em que os jovens estão inseridos cotidianamente.

Partindo da pergunta: “estariam os jovens transitando em diferentes denominações religiosas motivados por concepções apenas subjetivas/emotivas ou também existiriam motivações racionais em tais escolhas?”. Estabeleci um objetivo norteador de compreender como se dava o trânsito religioso para os jovens do Geração Fusion no contexto da modernidade. Ao longo desta investigação elenquei diferentes elementos que constituem o contexto social dos jovens e também da Igreja, por esse motivo o texto foi montado com esta estrutura, em três capítulos que constroem uma compreensão geral da Reviver Church, das teorias sobre juventudes, modernidade, trânsito religioso, do Geração Fusion e por fim dos percursos juvenis.

Dessa forma, respondendo à pergunta que norteou a pesquisa, noto que o contexto familiar e religioso dos jovens possibilitou-lhes realizarem um trânsito

religioso ainda na tenra juventude, optando conscientemente à uma busca independente, por um local que lhes fizesse bem, despertasse a espiritualidade por meio de uma comunidade religiosa e que lhes fosse conveniente e realista, seja através das regras, localidade, música e movimento jovem. Outro fator positivo e legitimado é que nessa Instituição os jovens não são considerados apenas aprendizes ou mesmo indivíduos sem conhecimentos a serem transmitidos, ao contrário, são sujeitos com expressão com ensinamentos a serem transmitidos.

Tais elementos redirecionam meu olhar para a racionalização do sagrado, tal como elencado por Weber (2004). As religiões vêm passando cada vez mais por uma profissionalização, fato este exposto e afirmado pelo próprio Pastor Ricardo Batarse em diferentes momentos durante a pesquisa. As instituições concorrem entre si, buscando fiéis não apenas através de elementos subjetivos, mas sim objetivos, tal como uma boa estrutura, pessoas prósperas, pastores prósperos, juventude santificada e comunidade religiosa reconhecida. Tais valores perpassam também os jovens, influenciando eles a fazerem parte do Geração Fusion.

Ao conviver por um ano com diferentes jovens de um mesmo grupo, foi possível descortinar as nuances do trânsito religioso, uma vez que as próprias narrativas dos jovens conduziram à análise e possibilitou compreender as especificidades do trânsito religioso para esse agrupamento, uma vez que eles são de uma segunda ou terceira geração que transita. Os laços e filiações religiosas constituem-se enquanto relações fragilizadas e fragmentadas, pois são os únicos num único núcleo que frequenta a Reviver Church, pois nas famílias cada qual está filiado a uma denominação religiosa diferente.

Os jovens supostamente são livres para suas escolhas religiosas, porém levam em consideração o próprio percurso religioso dos pais que ora já foram membros da quadrangular, conhecendo o Pastor Ricardo ou mesmo adentram na Reviver devida as possibilidades de acessar uma instituição com elementos modernizantes. Tal desregulamentação da religião aponta para uma nova herança religiosa, onde o importante não é seguir exatamente os mesmos passos da família, mas criar através das diferentes vivências seu percurso individual, dentro de possibilidades limitadas, porém inseridos num contexto de uma ampla oferta de denominações e possibilidades de crenças e vivências religiosas.

As juventudes no contexto da modernidade, perpassadas por um viés da religião possibilita evidenciar que os jovens, mesmo com incontáveis opções de lazer e vivências, ainda optam por unirem-se em torno de comunidades religiosas, mesmo com estas buscando modelar e restringir as vivências e experiências desse agrupamento. As práticas coletivas e religiosas que os jovens se filiam demonstram grande capacidade de articulação e influência, resultando não só num fortalecimento das identidades religiosas, mas também das próprias identidades juvenis, constantemente construídas, desejadas e inspiradas.

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, R. DE; MONTEIRO, P. O trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 3, p. 92–101, 2001.

BANAGGIA, G. Conversão, com versões: a respeito de modelos de conversão religiosa. **Religião & Sociedade**, v. 29, n. 1, p. 200–221, 2009.

BARTZ, A. Trânsito religioso no Brasil: mudanças e tendências contemporâneas. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**, v. 1, n. 0, p. 258–273, 31 out. 2012.

BECKER, H. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BERGER, P. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**. v. 21, n. 1, p. 9–24, 2000.

BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar: In: BRANDÃO, C. R. (Ed.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CARDOSO, M. R. Racionalização e modernidade em Max Weber. **Clareira-Revista de Filosofia da Região Amazônica**, v. 2, n. 1, p. 39–58, 2015.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A. (Ed.). **Desvendando máscaras sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

CISCON-EVANGELISTA, M. R.; MENANDRO, P. R. M. Trânsito religioso e construções identitárias: mobilidade social de evangélicos neopentecostais. **Psico-USF**, v. 16, n. 2, p. 193–202, 2011.

COGNALATO, R. P. Trânsito religioso inter-pentecostal e experiências de aflição. Juiz de Fora: **Sacrilegens**, 2007.

CUNHA, M. DO N. **A explosão gospel**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

DA MATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues. In: NUNES, E. DE O. (Ed.). . **A aventura sociológica: objetivade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FAORO, R. A questão nacional: a modernização. **Estudos Avançados**, v. 6, n. 14, p. 7–22, abr. 1992.

FEIXA, C.; NILAN, P. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. **Revista de ciências sociais-política & trabalho**, v. 31, 2009.

FERNANDES, S. O senso não diz tudo, mas que ajuda, ajuda... O catolicismo em cidades do estado menos católico. In: CUNHA, C. V. DA; MENEZES, R. DE C. (Eds.). **Religiões em conexão: Número, direitos, pessoas**. Rio de Janeiro: ISER, 2014. v. 69.

FERREIRA, V. S. Ondas, cenas e microculturas juvenis. **Plural (São Paulo. Online)**, v. 15, n. 0, p. 99–128, 1 dez. 2008.

FRESTON, P. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIOZZI, A. (Ed.). **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEONARDO, O. P. B.; MARCELLINO, N. C. Algumas aproximações possíveis entre lazer e religião. **Licere** v. 10, n. 3, 2007.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOUVÊA, M. A. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos**. São Paulo: UMESP, 1997.

GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do COGEIME**, v. 13, n. 25, p. 9–22, 2004.

GROPPO, L. A. O Funcionalismo e a tese da moratória social na análise das rebeldias juvenis. **Estudos de Sociologia**, v. 14, n. 26, 31 mar. 2009.

GROPPO, L. A. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Ultima década**, v. 18, n. 33, p. 11–26, 2010.

GROPPO, L. A. Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 13, n. 2, p. 567–579, 2015.

GUIMARÃES, G. G.; MACEDO, J. G. Culturas Juvenis: Uma ressignificação contemporânea? **Travessias**, v. 3, n. 2, 2010.

HANGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HÉRVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e convertido: a religião em movimento**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

IANNI, O. **Florestan Fernandes: sociologia crítica e militante**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

JEOLÁS, L. S.; PAULILO, M. Â. S.; CAPELO (EDS.). **Juventudes, desigualdades e diversidades : estudos e pesquisas**. Londrina: Eduel, 2013.

JOAS, H. Does secularization lead to moral decline? **Sociologias**, v. 17, n. 39, p. 224–246, ago. 2015.

MANHEIM, K. **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

MARIANO, R. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, R. Antonio Flavio Pierucci: a materialist sociologist of religion. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 81, p. 7–16, fev. 2013.

MARINUCCI, R. Reconfiguração da identidade religiosa em contexto migratório. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 25, n. 41, p. 97–118, 2011.

MARTINS, J. DE S. **A sociabilidade do homem simples: Cotidiano e história na modernidade anômala**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MEDEIROS, K. M. C.; MARIZ, C. L. Toca de Assis em crise: uma análise dos discursos dos que permaneceram na comunidade. **Religião & Sociedade**, v. 33, n. 2, p. 141–173, dez. 2013.

MENDOLA, S. L. O sentido do risco. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 59–91, 1 nov. 2005.

MESQUITA, W. A. B. Um pé no reino e outro no mundo: consumo e lazer entre pentecostais. **Horizontes Antropológicos**, v. 13, n. 28, p. 117–144, dez. 2007.

MINAYO, M. C. DE S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2000a.

MINAYO, M. C. DE S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NOVAES, R. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 321–330, 2004.

OLIVEIRA, S. F. DOS S. Migrações internas do pentecostalismo - Análise do trânsito intra-pentecostal em São Bernardo do Campo, SP. **Anais do X Simpósio da Associação Internacional de História das Religiões**, 12 a 15 de maio de 2008, Assis, SP, 2008.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIS, J. M. **Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro**. Lisboa: Ambar, 2005.

PAPPÁMIKAIL, L. Juventude (s), autonomia e sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 20, p. 395–410, 2010.

PASSOS, P. R. R. **Igreja neopentecostal fonte da vida: a restauração da individualidade como estratégia de conversão e empoderamento da classe média brasileira**. Dissertação (Programa em Ciências da Religião) - PUC. 2012.

PIERUCCI, A. F. De olho na modernidade religiosa. **Tempo Social**, v. 20, n. 2, p. 9–16, nov. 2008.

PITTA, M.; FERNANDES, S. A. Perfil da mudança religiosa no Brasil. In: FERNANDES, S. A. (Ed.). **Mudança de religião no Brasil**. [s.l.] Palavra & Prece, 2006.

RANQUETAT, C. A imagem de Cristo nos parlamentos. **Religião & Sociedade**, v. 34, n. 1, p. 94–121, jun. 2014.

RIBEIRO, C. A. C. Desigualdades para transições na vida adulta do Brasil (1996 e 2008). **Sociologia & Antropologia**, v. 4, n. 2, p. 433–473, 2014.

RUMSTAIN, A. A Balada do Senhor. In: MAGNANI, J. G. C. (Ed.). **Jovens na Metrópole**. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SANTOS, R. **A publicidade e a representação da juventude**. Campinas: UNICAMP, 1992.

SILVA, C. N.; LANZA, F. A experiência do sagrado: o êxtase religioso em igrejas da Cidade de Londrina. **Correlatio**, v. 14, n. 28, p. 151–166, 2009.

SINGLY, F. Las formas de terminar y de no terminar la juventud. **Autonomía de la juventud en Europa**, 2005.

SOFIATI, F. M. **Religião e Juventude**: os jovens carismáticos. Aparecida SP: Ideias & Letras: Fapesp, 2011.

SOFIATI, F. M. Perspectivas da laicidade no Brasil contemporâneo. **Contemporânea**, v. 5, n. 2, p. 327, 28 out. 2015.

SOUZA, C. H. DE. O Protestantismo histórico, neopentecostalismo e o “caldo” cultural pós-moderno. **Observatório da Religião**, v. 2, n. 1, p. 145–179, 2015.

SOUZA, J. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

TEIXEIRA, F. Campo religioso em transformação. In: CUNHA, C. V. DA; MENEZES, R. DE C. (Eds.). **Religiões em conexão: número, direitos, pessoas**. Rio de Janeiro: ISER, 2014. v. 69.

WEBER, M. Rejeições religiosas do Mundo. In: **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004b.

WHITE, F. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, A. (Ed.). **Desvendando máscaras sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.